

MESTRADO INTEGRADO

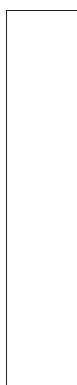
ARQUITETURA

O QUE FAZ DA CASA UMA CASA: a adaptação do espaço da casa às formas de habitar contemporâneas

Ana Rita Moreira



2017



casa | habitar

ESPAÇOS | PESSOAS | OBJETOS

adaptabilidade | flexibilidade | versatilidade

HOUSE | DWELL | SPACES | PEOPLE | THINGS | ADAPTABILITY | FLEXIBILITY | VERSATILITY

Abstract

Throughout the ages, the composition and construction of buildings was based on the prevailing style, which defined the dimensions and organization of spaces, the materials and the type of decorations. From the 20th century on, those rules started to be questioned and rejected by the architects that started designing without the aid of pre-defined models.

Additionally, particularly after the industrialization, the everyday life suffered transformations, not only in social structures, but also with the emergence of new technologies. The main alterations were in the relations between people, the rhythms of life, the ways of leisure, work and consumption.

Both these factors influenced the way of creating and living the house, that today, however, doesn't seem to fit in completely with the needs of the dwellers. This is the main reason for the question 'what makes the house a House?'. What are the new realities of everyday life and how is architecture altering its production of the house to serve them is what we're searching for with this dissertation.

Thereunto, we start with a theoretical approach, to which follows the observation based on experience. Then, the evolution of the house and the acknowledgement of the various family types who occupy it precede a study of contemporary residential architecture. We're searching for 'the adaptation of the house's spaces to the contemporary ways of dwelling', and this is the sequence of studies and observations that allow us to identify strategies and options which may contribute to a more versatile design of the house.

Besides this, the main objective of this work is, ultimately, to evince how the house is the result of the encounter between spaces, people and objects and, therefore, changes with the conception of some and the will of others.

Resumo

Ao longo de várias épocas, a composição e construção dos edifícios basearam-se num estilo predominante, que definia desde as dimensões e organização dos espaços, até ao tipo de materiais e decorações a aplicar. A partir do século XX, porém, essas regras começaram a ser rejeitadas e criticadas pelos arquitetos, que então passaram a projetar recusando modelos pré-definidos.

Ao mesmo tempo, e particularmente após a industrialização, a vida quotidiana sofreu transformações, não apenas ao nível das estruturas sociais, mas também pela introdução das novas tecnologias. Alteraram-se as relações entre as pessoas, os ritmos de vida, as formas de lazer, de trabalhar e de consumo.

Estes dois fatores influenciaram a conceção e vivência da casa, que hoje, contudo, parece ainda não se enquadrar totalmente nas necessidades daqueles que a habitam. É por esse motivo que surge a questão: afinal, ‘o que faz da casa uma casa?’. Quais são as novas realidades da vida quotidiana e de que forma a arquitetura alterou a produção da casa para as servir é, então, o que procuramos expor com esta dissertação.

Para isso, iniciamos com uma aproximação teórica ao tema, à qual se segue a observação com base na experiência. Depois, a evolução da casa e o reconhecimento das distintas tipologias familiares que a ocupam precedem um estudo da arquitetura residencial contemporânea. Pretendemos ‘a adaptação do espaço da casa às formas de habitar contemporâneas’, e é esta sequência de estudos e observações que nos permite, no fim, identificar estratégias e opções que podem contribuir para um desenho mais versátil da casa.

Além desta procura, o principal objetivo deste trabalho é, enfim, evidenciar como a casa é o resultado do encontro entre espaços, pessoas e objetos e, portanto, muda de acordo com a conceção de uns e a vontade de outros.

O Que faz da Casa Uma Casa

a adaptação do espaço da casa às formas de habitar contemporâneas

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ANA RITA DIAS MOREIRA

DOCENTE ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR MANUEL AUGUSTO SOARES MENDES
FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
PORTO, JUNHO DE 2017

*Descobri uma grande verdade - disse ali -, a de saber que os homens habitam
e que o sentido das coisas varia para eles segundo o sentido das suas casas.*

Antoine de Saint-Exupéry

Agradecimentos

Todo o percurso académico foi sendo marcado por diferentes pessoas que se destacaram, pontual ou continuamente, pela sua presença, pelas suas palavras, pelas suas ações ou pelos momentos de convívio partilhados.

Representando o culminar desse percurso, esta dissertação veio evidenciar ainda mais o papel imprescindível que essas pessoas desempenharam na concretização dos meus objetivos que, assim, se revelaram mais facilmente alcançáveis.

Não podia, por isso, deixar de expressar aqui o meu mais sincero agradecimento:

| ao meu Pai e à minha Mãe, por tudo.

| às minhas irmãs, Ana e Joana, pelos esclarecimentos e revisões, pelas ajudas em tempo de crise, por todo o apoio e compreensão.

| ao Professor Manuel Mendes, pela infinita paciência, pela disponibilidade, pela partilha de ideias e saberes essenciais.

| ao Ivan, pela contínua motivação, pela confiança, pelo amor incondicional.

| à Mé, à Ana e à Joana, pela sua presença constante, por ouvirem e aconselharem, por serem, há dez anos, as melhores amigas.

| ao Afonso, à Cat, à Inês, ao Nuno, ao Rafa;

e aos amigos e colegas com quem partilhei o dia-a-dia dos últimos anos.

| a todos aqueles, que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes neste percurso.

Nota Prévia

A presente dissertação encontra-se redigida segundo as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990).

O sistema de referência utilizado foi o *The Chicago Manual of Style*, da Universidade de Chicago (16ª edição: 2010).

No sentido de manter a continuidade textual, todas as citações foram escritas em Português, com tradução livre da autora.

Sumário

introdução	011
NOTA INTRODUTÓRIA	021
CAPÍTULO I: O QUE FAZ DA CASA UMA CASA	023
1. Espaços	027
2. Pessoas	033
3. Objetos	041
CAPÍTULO II: AS MINHAS CASAS	045
1. A Minha Terceira Casa	049
2. Outras Casas	057
3. Reflexões	073
CAPÍTULO III: FORMAS DE HABITAR CONTEMPORÂNEAS	075
1. O Problema da Habitação	079
2. Nas Mãos do Arquiteto	087
CAPÍTULO IV: AS CASAS DE HOJE	091
1. A Arquitetura do Vazio	097
2. Do Exterior ao Interior: a cerimónia do entrar	103
3. Dentro da Esfera do Privado	107
4. Distribuir Funções: servir ou ser servido	117
5. O Movimento Interior	123
6. O Apropriar Exterior	125
7. Uma Divisão a Mais	133
CAPÍTULO V: A CASA IDEAL	139
1. Sistematização	143
2. Intervenção	151
CAPÍTULO VI: OBJETOS QUE FALAM PELA CASA	163
considerações finais	173
índice de referências	179
índice de imagens	185
anexos	189

Introdução

O tema da casa é um dos mais abordados, nas suas diversas vertentes, nos livros e publicações de arquitetura, pela diversidade de opiniões e soluções que permite. Escolhê-lo como tema de uma dissertação requer, inevitavelmente, a especificação da abordagem pretendida, no sentido de essa não se converter apenas num resumo histórico ou num inventário de soluções.

É, assim, que surge o subtema definido – a adaptação do espaço da casa às formas de habitar contemporâneas –, uma vez que restringe o âmbito da pesquisa, sem excluir certos conceitos essenciais aquando do estudo da casa. É, pois, um assunto pertinente, se tivermos em conta que *[d]esde o Renascimento até ao fim do século XIX, as escolhas eram reguladas pelo estilo predominante. Mais do que apenas a aparência exterior e o tipo de decorações, um estilo definia em grande parte a composição total do edifício. O estilo era baseado num sistema arquitetural, um conjunto claro de regras que ditavam as dimensões apropriadas, proporções, ritmos, organização do espaço, sistema estrutural e uso de materiais*¹; contudo, a partir do século XX, estas regras começaram a ser postas em causa, e recusadas pelos arquitetos, dando origem a projetos que *parecem estar à procura da sua própria identidade, baseados no seu próprio conjunto de regras*². Assim, se já não existem modelos que definam as opções a serem tomadas ao longo do processo de projeto, interessa-nos compreender quais são os fatores que influenciam as diversas decisões dos arquitetos e de que modo é que podem ser moldados para se adaptarem às necessidades da sociedade atual. Não se pretende apresentar respostas com propostas concretas, mas sim desvendar, num sentido mais amplo, que caminhos poderão ser seguidos para se conseguir essa adaptação.

(...) [A] *vida quotidiana do nosso tempo e do nosso meio ainda não tem uma tradução concreta na arquitetura. Isto é, a arquitetura de hoje não assume as mudanças que se produzem na vida quotidiana com a velocidade ou com a flexibilidade com que são assumidas pela mente*

¹ Bernard Leupen e Herald Mooij, *Housing Design: a manual* (Roterdão: Nai Publishers, 2011), 32. | ² Leupen e Mooij, *Housing Design*, 32.

*humana*³. Procuramos, com este trabalho, perceber as novas necessidades da vida quotidiana do nosso tempo e sugerir as soluções que a arquitetura pode criar para ir ao seu encontro. Sem querermos ser ambiciosos, pensando que é possível encontrar uma única resposta concreta para este problema, reuniremos ideias e propostas pautadas pela adaptabilidade e pela flexibilidade, direções a seguir rumo à casa de hoje, à casa do futuro, [a]presentar a casa do futuro é, resumidamente, pensar no futuro das nossas casas⁴.

DO PROJETO DE TRABALHO

Responder à questão de como desenhar a casa hoje, para que se adapte às novas realidades e, ainda, para que possa perdurar, mantendo-se válida num futuro próximo, implica perceber o que é a casa, de que forma é que o espaço é apropriado e, claro, quais são essas novas formas de habitar.

Ao longo desta dissertação serão essas, então, as principais abordagens ao tema da casa. Dividida em cinco capítulos principais, iniciamos com uma aproximação teórica ao tema, à qual se segue a observação com base na experiência. Depois, a evolução da casa e o reconhecimento das distintas tipologias familiares que a ocupam precedem um estudo da arquitetura residencial contemporânea. Terminamos, enfim, com as estratégias para o desenho de um espaço mais versátil.

Desta forma, o primeiro capítulo procura uma definição de casa, não de forma direta, mas num sentido mais abrangente, pelo seu objetivo e pela sua justificação existencial⁵, relacionando-se, para isso, três vertentes principais, aquelas que tomamos como uma tríade inseparável do tema da casa: espaços, pessoas, objetos.

Em primeiro lugar os espaços, já que constituem a base do que é a casa. Afinal, o espaço interior, ou melhor, o *estar dentro* constitui-se na *primeira experiência espacial do sujeito humano*⁶, pelo que a sua abordagem é de inegável importância. Interessa-nos a sua evolução e compreender de que forma permitem uma interpretação individual.

Depois as pessoas, pela sua necessidade inerente de um espaço de abrigo e proteção, protagonistas, portanto do *esforço primitivo da humanidade para alcançar uma proteção contra a inclemência do tempo, os ataques de animais selvagens e os inimigos humanos*⁷. Ao mesmo tempo, pela dimensão psicológica que atribuem ao espaço da casa, transformando-a no abrigo do ‘eu’, um lugar de desenvolvimento de ideais, costumes e modos de ser e viver, de construção de

³ Antonio Vélaz Catraín, “Las propuestas arquitectónicas a la vida cotidiana” in *Nuevos Modos de Habitar*, ed. María Melgarejo (Valência: COACV, 1996), 229. | ⁴ Xavier Monteys et al., *Rehabitar: en nueve episodios* (Madrid: Lampreave, 2012), 44. | ⁵ Filipa Ramalheite e Ricardo Carvalho, eds., *Habitar Pensar Investigar Fazer* (Lisboa: EDIUAL, 2011/2012), 23. | ⁶ Lúcia Leitão e Luiz Amorim, eds., *A Casa Nossa de Cada Dia* (Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007), 57. | ⁷ Jorge Marão Carnielo Miguel, *A Casa* (São Paulo: Imprensa Oficial de São Paulo), 22.

personalidade.

Por fim, os objetos, que não só são essenciais para a definição dos diferentes âmbitos e usos do espaço, garantindo a habitabilidade da casa, como também definem e representam o caráter da casa e dos seus proprietários.

Uma vez que assumimos a casa como algo intrinsecamente ligado às pessoas, é impossível compreendê-la na sua essência sem a experienciar. Assim, o segundo capítulo introduz um conhecimento muito pessoal do que é a vivência de uma casa, recorrendo, para isso, à observação do que chamamos, genericamente, ‘as minhas casas’.

Individualmente, e num registo quase diarístico, vou entrando em casas, desde a que habito presentemente, passando por aquela que foi a minha morada em Erasmus ou ainda casas de familiares e amigos próximos, observando, em cada uma, os espaços e a forma como foram sendo apropriados e adaptados às necessidades de cada família.

Todas elas se inserem em edifícios de habitação plurifamiliar, construídos entre meados do século XX e o início do século XXI, sendo, de certa forma, representativas daquilo que continua a ser o mercado da habitação atual. Por outro lado, dentro do conjunto (excetuando-se a primeira – ‘a minha terceira casa’, da qual é feita uma observação mais pormenorizada) é possível agrupar as casas de acordo com a tipologia da família que a habita, o que indicia já alguma variedade de hoje nesse sentido, ao mesmo tempo que revela oportunamente diferentes formas de viver a casa.

Assim é possível concretizar, com uma seleção que me é familiar, uma observação mais real e verdadeira das casas, da essência dos seus espaços e das famílias, sublinhando a ideia de que a casa é um espaço profundamente pessoal e, portanto, com inúmeras possibilidades de interpretação e utilização. Por esse motivo, neste capítulo, as casas vêm nomeadas pelo seu habitante, ao qual se associa um título do que parece ser uma importante condição da sua forma de apropriação. Não obstante, tendo em conta que esse caráter intrinsecamente pessoal do espaço da casa se aplica não apenas àquelas aqui descritas, mas também a toda e qualquer casa, esses nomes são apenas indicativos, uma vez que entramos aqui nas ‘minhas’, mas as descrições poderiam estender-se a outras ‘tias’, ‘avós’, ‘amigas’, enfim, a outras casas como estas.

Com um entendimento mais completo e fundamentado do que é a casa, podemos depois avançar para o terceiro capítulo, que se inicia com um reconhecimento da mudança que se tem vindo a verificar ao nível do tipo de agregados familiares que habita a casa, bem como das novas

atitudes dos habitantes face às ideias que a ela se associam – a intimidade, a sociabilidade, a segurança, a proteção, etc.

De forma gradual, desde o século XX, altura em que, devido à industrialização que ocorreu nos séculos anteriores, um dos principais temas abordados no campo da arquitetura foi precisamente o da residência, foram-se verificando alterações no modo de conceber as casas. Desde Frank Lloyd Wright a Adolf Loos, Le Corbusier, Mies van der Rohe, Alvar Aalto, Alison e Peter Smithson, Frank Gehry, Rem Koolhaas, uma grande parte dos arquitetos do século intervieram na discussão sobre a casa⁸, sucedendo-se os estilos, as propostas, as ideias e as conceções sobre o habitar.

Além disso, *um dos agentes essenciais da transformação na vida quotidiana – além das mudanças nas estruturas sociais - é a introdução nos lares contemporâneos da telemática, isto é, das tecnologias eletrónicas e audiovisuais (...) O espaço doméstico, sempre sensível às aspirações do Homem no mundo, hoje apresenta-se como uma mistura indeterminada de passado e futuro, um lugar onde convergem velhos e novos sonhos de habitar a terra; aos tradicionais sonhos de privacidade e conforto, somam-se hoje novos sonhos de poder total desde a casa*⁹. Assim, é necessário que também a casa evolua e são os arquitetos quem tem à disposição as ferramentas para conseguir que o espaço acompanhe esse processo contínuo de transformação. Tais ferramenteas relacionam-se com diferentes componentes da casa e com as formas de os interpretar e relacionar. Numa tentativa de evidenciar, pelo menos, alguns deles, definimos, ainda no terceiro capítulo, sete temas que nos parecem os principais modeladores do desenho residencial.

É no quarto capítulo, então, que introduzimos os projetos contemporâneos, tentando compreender qual o desenho da casa de hoje. Aqueles sete temas são descritos sucintamente e depois, os projetos selecionados, independentemente do seu arquiteto e contexto (as condições para a seleção foram apenas a integração em edifícios de habitação plurifamiliar e a concretização de 2000 em diante), são analisados em legendas independentes e a partir de esquemas simplificados.

Em primeiro lugar, os diferentes espaços, suas dimensões e relações assumem-se como um importante veículo para conferir sentido à casa. Aqui, a planta de cada um dos fogos é colorida de acordo com o uso previsto para cada divisão, de forma a ser possível identificar facilmente todas as funções, podendo comparar-se as dimensões do espaço que se atribui a cada uma. Procuramos, principalmente, perceber qual a importância atribuída ao espaço da sala e aos quartos, que representam na casa, respetivamente, a sociabilidade e a intimidade.

O segundo tema prende-se com a presença ou ausência de um espaço de entrada, uma vez

⁸ Beatriz Colomina, prefácio de *Sueño de Habitar*, de Blanca Lléo (Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 1998), 6. | ⁹ Blanca Lléo, *Sueño de Habitar* (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005), 10.

que é esse o primeiro lugar que marca a transição do público para o privado. Nos esquemas, assinala-se a porta de entrada, sendo possível a partir daí verificar de que forma o espaço que lhe sucede assinala esse momento e que relação estabelece com os restantes.

A partir da entrada, depois, as divisões sucedem-se, dividindo-se entre o que consideramos uma zona de dia, composta pela sala e pela cozinha, e uma zona de noite, que integra os quartos. Ao mesmo tempo, e ainda que a casa seja, no conjunto, um lugar privado, o seu interior divide-se entre diferentes níveis de privacidade associados às funções e, portanto, às zonas descritas. Para cada uma destas circunstâncias surge um esquema, que assim permite concretizar uma comparação imediata e ainda perceber a relação que se estabelece entre zonas e níveis de privacidade distintos.

A partir do mesmo esquema dia/noite, voltamos a atenção para as zonas de serviço, neste caso, cozinhas e casas-de-banho, que se assinalam a cor diferente. Desta forma, é de imediato perceptível a posição que ocupam e a sua relação com outros âmbitos da casa.

Se até aqui todos os projetos selecionados se incluíam na análise, doravante apenas são observados aqueles que correspondem às características pretendidas.

O quinto tema introduz o movimento interior, isto é, as portas de que as divisões são dotadas. Foram procurados os casos em que uma mesma divisão inclui mais do que uma porta, já que, de facto, as portas representam um dispositivo muito útil para dinamizar o espaço da casa, podendo criar relações mais próximas entre espaços contíguos, transformando o conjunto.

No âmbito do sexto tema, observam-se os espaços exteriores incluídos no desenho da casa. Interessa-nos o seu número e a divisão ou as divisões com que se relacionam, sendo estas as informações que vêm assinaladas no esquema.

Por fim, o último tema denomina-se ‘uma divisão a mais’, que é exatamente o que procuramos nas habitações. Esta designação é atribuída àqueles espaços que se destacam no desenho do fogo, parecendo não se incluir em nenhum dos núcleos pré-definidos, funcionando ‘à parte’ do resto da casa. Várias são as formas em que estas divisões podem surgir, sendo que para as identificar nos esquemas de análise foram assinaladas como espaços ambíguos, por oposição às zonas social e íntima da casa.

Assim termina o quarto capítulo, sem qualquer reflexão final, uma vez que pretendemos que seja uma observação imparcial das propostas e não uma crítica. A sua conclusão virá apenas no capítulo seguinte, aquele que representa o culminar de todo o estudo realizado.

Num primeiro momento, interessa-nos sintetizar todas as ideias que resultaram da observação

das casas, tanto as do segundo como as do quarto capítulo. São, para isso, retomados os temas, colocando-se em paralelo os dois conjuntos de casas, no sentido de compreender de que forma a conceção do espaço evoluiu, que características se mantiveram ou alteraram, em suma, o que difere entre as casas do século passado e as da atualidade.

Ao mesmo tempo, identificamos e descrevemos que tipo de abordagem pode ser feita em cada caso, para que a solução seja mais versátil. Por outras palavras, ainda dentro de cada um dos sete temas, e agora com base na síntese do que foi observado, explicamos as várias estratégias e opções que podem contribuir para um desenho mais claro da casa e, naturalmente, que inclua a flexibilidade e adaptabilidade desejadas.

Porque não fariam sentido as palavras sem a ação, o quarto capítulo culmina com o que chamamos uma intervenção. São seis as casas escolhidas, entre o conjunto dos projetos do capítulo anterior, três dos quais parecem já reunir várias características de interesse ao nível da versatilidade, outros três que apresentam soluções mais correntes, sendo, então, redesenhados, numa tentativa de retroceder no tempo, revelando algumas possíveis opções a tomar.

Importa ressaltar que nem aqui, nem em nenhum outro momento, concebemos a observação, a análise ou a intervenção como uma crítica aos projetos, funcionando esses apenas como uma base para encontrar problemas e soluções. Com efeito, está também aqui um motivo para recorrer aos exemplos de uma forma quase anónima, não tendo, assim, fundamento para lhes apontar críticas, uma vez que esse não é o objetivo. Como iremos perceber, aliás, no que diz respeito à casa não existe apenas uma solução para um determinado problema, não existem opções certas ou erradas.

Embora assumindo que o trabalho teve a sua conclusão com o quinto capítulo, decidimos acrescentar um sexto, que surge quase na forma de um apêndice. Esta opção justifica-se pelo facto de todo o estudo se direcionar maioritariamente para os espaços e a sua relação com as pessoas. Dessa forma, os objetos acabaram apartados da discussão, embora os afirmemos também como parte essencial da conceção da casa. Assim, de forma idêntica ao segundo capítulo, integramos mais duas das ‘minhas casas’, que surgem para comprovar essa intrínseca relação entre as três vertentes.

Em suma, o principal objetivo desta dissertação, além da evidente procura de uma adaptação do espaço da casa às formas de habitar contemporâneas, como indica o sub-título, prende-se com

a tentativa de evidenciar como a casa é o resultado do encontro entre espaços, pessoas e objetos e, portanto, muda de acordo com a conceção de uns e a vontade de outros. *A casa é alguma coisa permanente, essa estrutura arquitetónica, e depois uma coisa que se vai construindo no tempo, que se vai mudando*¹⁰.

DA ARMAÇÃO TEÓRICA

Para o desenvolvimento desta dissertação foi importante a leitura de Xavier Monteys. Nos livros *Casa Collage, un ensayo sobre la arquitectura de la casa* (que escreveu juntamente com Pere Fuertes) e *Rehabitar, en nueve episodios* (que conceptualizou com o grupo de professores e investigadores HABITAR) foi possível encontrar múltiplas ideias e conceitos relacionados com o tema da casa e a forma de a habitar.

Embora não tenha sido, efetivamente, a primeira bibliografia consultada sobre o tema, *Casa Collage* revelou-se, desde logo, como uma pertinente ferramenta para a definição dos objetivos a alcançar, uma vez que dessa leitura emergiu a intenção de desvendar as diversas vertentes e condicionantes que fariam da casa uma casa e, *de facto, este ensaio concebe-se como um ‘guião’ para fazer habitações*¹¹.

Por seu lado, *Rehabitar*, que se sucedeu ao primeiro quase de forma natural, tem por base o conceito de *habitar como uma atividade que contém todos os usos da arquitetura*¹² e convida ao ‘rehabitar’. Por outras palavras, propõe uma abordagem distinta do projeto de arquitetura, em que pequenas modificações numa casa já existente ganham prioridade, em detrimento de uma nova construção realizada como ‘casa ideal’.

De facto, *o interessante da casa é que constitui verdadeiramente uma encruzilhada, um lugar comum para muitas disciplinas e interesses (...)*¹³ e este fator está bem presente nos dois livros, ao longo dos quais surgem muitas vezes temas que se intersejam e/ou complementam, demonstrando a relevância das problematizações sugeridas, *com a convicção de que a casa é um assunto que preocupa tanto aos que a desenham como aos que a habitam*¹⁴.

A este autor aliam-se, e ainda no que tomamos como a bibliografia de base para este trabalho, Bernard Leupen (juntamente com Herald Mooij): *Housing Design: a manual*, Charles Moore (juntamente com Gerald Allen e Donlyn Lyndon): *La Casa: forma y diseño*, María Melgarejo (dir.): *Nuevos Modos de Habitar* e Blanca Lléo: *Sueño de Habitar*.

No primeiro caso, é-nos oferecido, como o próprio título indica, um manual essencial com

¹⁰ Manuel Aires Mateus, “A Casa que Nunca Acaba”, *A Casa de Quem Faz as Casas*, TVI24, 11 de março, 2017. | ¹¹ Xavier Monteys e Pere Fuertes, *Casa Collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa* (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001), 12 | ¹² Monteys et al., *Rehabitar*, 13 | ¹³ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 10. | ¹⁴ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 8.

sugestões, hipóteses, regras, critérios e tudo o que é possível ter em conta quando se projeta uma casa. Já as outras três referências expandem todas as ideias de uma forma mais informada e direcionada para adaptação dos projetos às necessidades vigentes. A primeira atribui uma certa acessibilidade ao processo de desenho da casa, demonstrando as vertentes a ter em conta e como trabalhá-las: *qualquer um que se esforce o bastante pode criar uma casa de grande qualidade*¹⁵, como afirmam os autores. As duas outras apresentam perspetivas sobre o habitar, explicitando diversos momentos que antecederam, marcaram e sucederam ao movimento moderno, incontornável referência na arquitetura doméstica. A análise dessa evolução permite, depois, um questionamento de quais serão as preocupações e condicionantes da casa do futuro, ou seja, da casa de hoje.

Naturalmente, e porque tanto o tema escolhido como a bibliografia descrita assim o permitem (se não mesmo o exigem), outras referências serão incluídas ao longo do trabalho, sempre que consideradas relevantes. Aliás, nomes como Mies van der Rohe, Le Corbusier, Martin Heidegger, Alyson e Peter Smithson, entre outros, são inseparáveis do tema aqui tratado, pelo que não seria possível a sua ausência.

¹⁵ Charles Moore, Gerald Allen, e Donlyn Lyndon, *La Casa: forma y diseño*, trad. Justo G. Beramendi (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1985), VII.

domi manere convenit felicibus

Ficar em casa convém aos que são felizes | Antigo ditado Romano



Figura 1 | Frontispício do livro *Essai Sur L'Architecture*, Marc-Antoine Laugier (1711)

Primeiro foi a caverna. O homem, o animal com uma clara racionalidade, embora pouco desenvolvida, pouco avançada, refugiou-se nas cavernas para se proteger do frio e da chuva e para se defender do ataque de outros animais irracionais. (...)

Depois veio a cabana. (...) E embora tenha sido apenas para se refugiar e para se defender pôde então, com mais liberdade do que acontecia com a caverna, eleger o sítio e decidir o local e a forma da sua habitação. (...) O homem pôde então decidir onde fixar-se e a forma de arquitetura que mais lhe convinha. E finalmente, chegou a casa. O refugiar-se e o defender-se transformaram-se no habitar. (...)

Se o homem como animal se refugiou nas cavernas, e como ser racional construiu a cabana, o homem como ser culto, criador, concebeu a casa como morada para habitar. E é neste ponto que nos encontramos.¹⁶

Num sentido geral, compreender de que forma algo se adapta a uma determinada realidade implica perceber, primeiro, como é que esse algo se compõe, o que o constitui e influencia e, depois, qual é a realidade e que fatores se podem modelar para a integrar.

Quando o tema estudado é a casa, interessa saber *de que modo a morfologia do espaço doméstico se relaciona diretamente com as ideologias da vida privada da família*¹⁷, isto é, conhecer as suas formas, quer na evolução e distribuição dos seus espaços, quer, mais importante, nas possíveis apropriações por parte dos habitantes.

Na verdade, *toda a gente sabe intuitivamente o que é uma casa, simplesmente porque é uma parte indispensável de toda a vida humana*¹⁸, no entanto, parece importante desmistificá-la, uma vez que integra diversas ideias e variáveis que não devem ser esquecidas.

¹⁶ Alberto Campo Baeza, "Tu casa, tu Museo, tu Mausoleu. Mi casa, ni Museo, ni Mausoleo" in *Nuevos Modos de Habitar*, Melgarejo, 58. | ¹⁷ Sandra Marques Pereira, *Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa* (Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012), 15. | ¹⁸ Leupen e Mooij, *Housing Design*, 15.

1.

o que faz da casa uma casa

*Uma casa é uma habitação mais a gente que a habita e os objetos que guarda*¹⁹.

Desde logo, é essencial a distinção entre os conceitos de casa e habitação, que não representam nesta citação, ao contrário do que muitas vezes ocorre, sinónimos. De facto, observando ambas as definições, ‘habitação’ descreve apenas: *Lugar em que se habita. Morada. Residência*²⁰ que, ao não estabelecer qualquer relação com as pessoas que nela habitam, distancia-se da definição bem mais completa de ‘casa’: *Edifício para habitação. Morada, moradia, vivenda. Cada uma das divisões de uma habitação; quarto. Estabelecimento. Família. Mobiliário. Bens. (...)*²¹.

Com efeito, a casa não é apenas um lugar, mas integra também os habitantes e seus pertences, sendo esses o que justifica a sua existência e lhe confere caráter. Assim, o termo vem favorecido pela *identificação que (...) estabelece com os seus ocupantes*²², sendo evidente, na sua definição, a ligação entre os três conceitos - o espaço e as pessoas, que *são a casa e fazem-na de forma distinta*²³; o espaço e os objetos, que *parecem estar acima dos espaços; são os ingredientes para o fazer habitável*²⁴; as pessoas e os objetos, que *são, como a roupa, uma extensão dos seus ocupantes*²⁵.

São, então, três os elementos que conformam a Casa e que determinam e influenciam o seu desenho: espaços, pessoas, objetos.

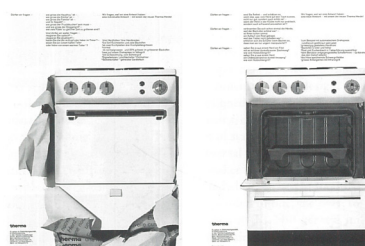
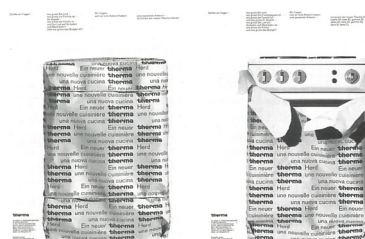
¹⁹ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 14. | ²⁰ *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 24ª ed., s.v. “habitação”. | ²¹ *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 24ª ed., s.v. “casa”. | ²² Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 14. | ²³ Monteys et al., *Rehabitar*, 27. | ²⁴ Monteys et al., *Rehabitar*, 35. | ²⁵ Monteys et al., *Rehabitar*, 35.



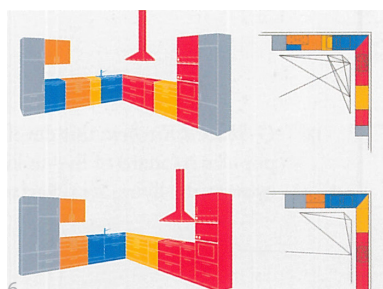
moderne küchen



5



4



6

Figuras 3 a 6 | Kitchen, Rudolph Preiswerk | Anúncio Thermo (1961) | "Die kuche von heute", anúncio Basler Nachrichten 227 (1930) | "Dynamic Space", conceito desenvolvido pela Blum (2003)

1.1. Espaços

Durante séculos, as casas eram constituídas apenas por um compartimento, onde se desenrolavam todas as atividades domésticas. O Homem organizava o seu refúgio em torno do fogo, pela necessidade de calor e, portanto, era junto desse elemento que se cozinhava, estava, dormia. Mesmo quando a casa se formava por mais do que um espaço, as suas divisões não tinham usos atribuídos, como acontece atualmente, servindo para atividades diversas.

Por este motivo, *a origem dos cómodos é quase sempre confusa*²⁶, já que se desconheciam conceitos como a comodidade e a privacidade, e apenas quando esses surgiram é que a organização da casa começou a mudar.

DA CHAMA ABERTA À ELETRICIDADE | O PRAZER DE COZINHAR

Inicialmente, a cozinha era uma divisão separada do resto da casa e apenas passou a incorporar o conjunto quando foi possível *trazer o fogo para dentro*²⁷. Esta ação, no entanto, começou por ser mais prejudicial do que benéfica para as casas e para os seus habitantes, e *o fogo aceso, primeiro, e a fumaça encerrada, depois, transformaram-se nas maiores desvantagens do invento*²⁸.

A evolução da cozinha enquanto espaço onde, mais do que ser o centro do fogo, se conservava e cozinhava os alimentos, ainda que *o mais provável é que [esse] uso (...) se deva a uma casualidade*²⁹, surgiu pela descoberta de novas fontes de calor, como explica Sigfried Giedion: *a chama aberta da lareira, o carvão na gama do ferro fundido, o gás, e finalmente a eletricidade seguiram-se enquanto agentes de aquecimento. As suas eras diferiram em duração. Durante séculos, a chama aberta foi suprema. Por meio século entre 1830 e 1880, o ferro fundido prevaleceu. Entre 1880 e 1930, o gás ganhou aceitação. Depois, num ritmo crescente, começou*

²⁶ Anatxu Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, trad. Maria Alzira Brum Lemos (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013), 18. | ²⁷ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 58. | ²⁸ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 59. | ²⁹ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 55.



7



8

Figuras 7 e 8 | Desenho de Xavier Monteyts | *O Brilho do Crepúsculo*, Bjorn Ahlgrensson (1903)

a era da eletricidade³⁰.

Em certo momento, esta evolução aliou-se ao desaparecimento do serviço doméstico, que ocorreu paulatinamente depois da Revolução Industrial. No entanto, a cozinha isolada, que permitia separar os serventes dos seus amos, manteve-se, *porque se considerava 'elegante' e 'digno' comer em salas de jantar afastadas da vista e do odor da comida*³¹. Dessa forma, tornou-se num lugar ao qual não era dada muita atenção, continuando a ser *fundamentalmente, um lugar cheio de fumaça, gordura, cheiros, e do calor, agora insuportável, do fogão*³².

No século XX, a eletricidade, que se materializou nos fogões elétrico e misto, permitiu solucionar os problemas da combustão, manutenção e eficácia, começando esse elemento a adaptar-se à cozinha, convivendo harmoniosamente com a pia e os armários. Assim, a cozinha reduziu o seu tamanho e transformou-se num conjunto compacto e funcional de mobiliário contínuo e instalações fixas e com boas condições sanitárias³³.

Com isto, a preocupação no desenho da cozinha voltou-se para a distribuição eficiente do espaço, no sentido de simplificar as tarefas aí desenvolvidas. *A cozinha moderna é definida pela primeira vez por sua arquitetura*³⁴ e, dessa forma, *afastou-se do lugar esfumaçado e engordurado (...) para se reinventar como uma das áreas de ócio na casa*³⁵.

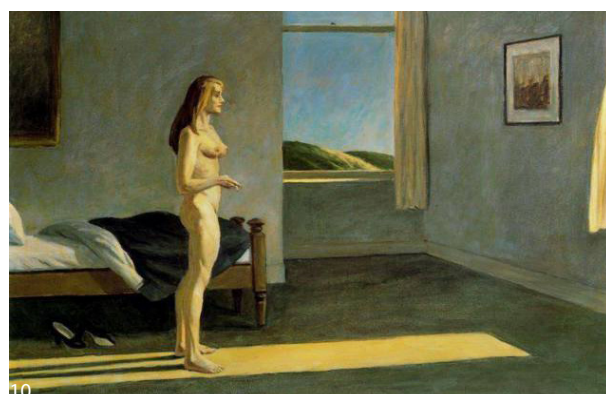
COMER E ESTAR | O ESPAÇO COMUM

Durante o tempo em que não havia divisões nas casas, *a sala de estar era a própria casa*³⁶. O aparecimento de outros lugares não tirou centralidade à sala, que se manteve como o espaço onde se desenvolviam a maioria das atividades da vida diária. Esta situação ocorria, em grande parte, como já vimos, pela presença do fogo.

Foi com o Renascimento que surgiram, nas casas maiores, as primeiras salas de estar propriamente ditas, onde os habitantes repousavam após as refeições. No entanto, apenas adquiriram *natureza de espaço comum por volta da metade do século XVIII*³⁷. Do mesmo modo, a sala de jantar, ou seja, o lugar destinado a fazer as refeições diárias, não tinha um espaço definido, coincidindo ou com a sala de estar, ou com a cozinha, situação que se alterou também a partir do século XVIII.

A sala de jantar tinha como elemento central, naturalmente, a mesa das refeições. Já a sala de estar era determinada pela lareira, elemento que foi substituído, nos anos quarenta e cinquenta do século XX, pela televisão. Em ambos os casos, esses objetos representavam um lugar de reunião

³⁰ Akiko Bush, *Geography of Home: writings on where we live* (Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1999), 40-41. | ³¹ Christopher Alexander, Sara Ishiawa, e Murray Silverstein, *Un Language de Patrones: ciudades, edificios, construcciones*, trad. Justo G. Beramendi (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980), 587. | ³² Alexander, Ishiawa e Silverstein, *Un Language de Patrones*, 587. | ³³ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 69. | ³⁴ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 72. | ³⁵ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 72. | ³⁶ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 187. | ³⁷ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 199.



Figuras 9 e 10 | *Excursion Into Philosophy* (1959) | *Woman in the Sun* (1961), Edward Hopper

e convivência da família.

Atualmente, é usual encontrar os dois espaços combinados num só, o que reflete *mudanças nos nossos hábitos sociais*³⁸, e é consequência, também, da redução da dimensão das casas, pela disseminação dos blocos de apartamentos. Ao mesmo tempo, a crescente valorização da intimidade e independência dos habitantes tem vindo a resultar no aumento da centralidade do quarto, em detrimento da sala, ainda que essa se mantenha como espaço preferencial para a sociabilidade.

O SANTUÁRIO PRIVADO

No passado, quando a comodidade não era ainda uma condição desejável, as salas de estar e jantar não tinham qualquer assento macio, pelo que *a cama acabou por se tornar um lugar habitual para receber visitas durante o dia*³⁹, transformando o quarto no espaço privilegiado para a vida social.

Esta situação estendeu-se até ao século XVIII, altura em que se começou a valorizar a intimidade, e, portanto, a transformar os quartos em lugares reservados e privados. *O novo conceito alterou a configuração do dormitório e a maneira de dormir*⁴⁰ e o espaço que era antes lugar de reunião deixou de o ser. Ao mesmo tempo, o chamado 'quarto de vestir', que àquele se associava e era o único lugar verdadeiramente privado das casas, *um espaço interior que é completamente sobre morar em si mesmo*⁴¹, deixou de fazer sentido. De certa forma, as suas características estenderam-se a todo o quarto, que se transformou no espaço do 'eu', do isolamento e da intimidade.

Atualmente, pelo contrário, o quarto tem vindo a aumentar, talvez pela necessidade do Homem reencontrar a privacidade que parece ter-se vindo a perder com a difusão das novas tecnologias de informação e comunicação. Além disso, cada vez mais se procura que o quarto inclua outras funções que não apenas o dormir. Não obstante, e uma vez que *o quarto é o lugar onde nos envolvemos em algumas das nossas experiências mais formativas, é a paisagem para revelações pessoais profundas*⁴², seria talvez mais vantajoso *retomar ao quarto a sua função natural de santuário*⁴³.

³⁸ Bush, *Geography of Home*, 155. | ³⁹ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 122 | ⁴⁰ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 134. | ⁴¹ Bush, *Geography of Home*, 128. | ⁴² Bush, *Geography of Home*, 120. | ⁴³ Bush, *Geography of Home*, 118.

DOS BANHOS PÚBLICOS AO ISOLAMENTO

A prática do banho remonta à Antiguidade, quando era comum tomá-lo nos rios, cuja corrente era usada também para a evacuação de lixo e excrementos, bem como para o consumo. Dessa forma, *a organização das funções que podiam ser realizadas no curso de um mesmo rio deu origem à primeira e mais primitiva organização sanitária*⁴⁴.

Com os Romanos, surgiram pela primeira vez edifícios destinados aos banhos públicos, ainda que essa prática fosse mais social do que higiénica. A partir daqui, ao longo dos séculos, o costume foi sendo continuamente aceite ou rejeitado.

Durante a Idade Média, a higiene e limpeza concentravam-se sobretudo nos mosteiros e castelos; difundiu-se o "festim medieval" e os banhos públicos caracterizavam-se pelo ambiente licencioso e promíscuo, razão pela qual foram sendo fechados. Consequentemente, no final do século XV, a nudez passou a ser rejeitada, pelo que, durante quase dois séculos, a higiene íntima foi negligenciada. Ao mesmo tempo, as ruas transformaram-se em esgotos, o que resultou *[n]uma das épocas mais escuras e sujas da história*⁴⁵.

Só no século XVIII voltou o costume dos banhos. Desenvolveram-se as redes de água e esgotos, o que permitiu a entrada da água nas casas e *a saúde entrou na moda*⁴⁶. As casas não tinham ainda um espaço destinado ao banho, que se podia realizar tanto no quarto como na cozinha. Também o desenvolvimento da ciência contribuiu para este momento, bem como para a recuperação dos banhos públicos.

No século XX, o banho deixou de ser associado ao prazer para ser encarado como uma questão de higiene e limpeza. O conceito de privacidade também lhe foi associado, surgindo os primeiros quartos de banho pequenos e privados, com localização fixa. Mas *o passo definitivo (...) ocorreu com a chegada da água quente ao cómodo*⁴⁷.

Atualmente, o quarto de banho surge como *o principal posto de privacidade, é o único lugar na casa onde temos justificação para estar sozinhos*⁴⁸. Procura-se a transformação deste num espaço mais acolhedor, *como se fosse uma mini sala de estar para um*⁴⁹, uma vez que passou a ser, ironicamente (dada a sua origem numa forma mais pública do que privada), um dos poucos lugares de verdadeira privacidade, um lugar onde *ao tomar banho tendemos para nós mesmos, para os nossos corpos. É um dos preciosos momentos em que estamos despertos e absolutamente desnudos. (...) É um dos procedimentos mais simples e diretos de relaxarmos*⁵⁰.

⁴⁴ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 25. | ⁴⁵ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 32. | ⁴⁶ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 35. | ⁴⁷ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 49. | ⁴⁸ Bush, *Geography of Home*, 136-137. | ⁴⁹ Bush, *Geography of Home*, 140. | ⁵⁰ Alexander, Ishiawa e Silverstein, *Un Language de Patrones*, 605.

1.2. Pessoas

A formulação dos espaços da casa, então, foi evoluindo sempre de acordo com as necessidades e os desejos dos seus habitantes. Ao mesmo ritmo em que se alteraram as concepções de sociabilidade, privacidade ou intimidade, modificaram-se a estrutura, relação e hierarquização das diferentes divisões da casa, deixando transparecer distintas apropriações do espaço habitacional.

Desta forma, é evidenciada a intrínseca relação que se estabelece entre a habitação e os seus habitantes, isto é, entre espaços e pessoas. *O específico da casa é, portanto o facto de ser habitada, o que implica necessariamente a sua ocupação*⁵¹.

CASA COMO ESPAÇO DE PROTEÇÃO

*O espaço da arquitetura se fez por não se poder evitar*⁵².

Num primeiro momento, a casa surgiu como uma divisão face à incerteza do mundo exterior, uma vez que, em comparação com os animais, as capacidades dos humanos para enfrentar os perigos do mundo que o rodeia são bem mais escassas, pelo que necessitam de um abrigo adicional para a preservação diária⁵³. É neste sentido, então, que se deram as primeiras manifestações arquitetónicas da Humanidade, com a ocupação de cavernas naturais pelo Homem primitivo, *entrar numa cavidade em particular talvez tenha sido a primeira experiência arquitetónica - nesta e não naquela ou qualquer uma, já indicaria alguma racionalidade de escolha (...)*⁵⁴.

A procura por uma proteção *das inclemências climáticas, das agressões dos animais e da violência dos seus semelhantes*⁵⁵ acompanhou o desenvolvimento do Homem, adaptando-se tanto ao seu estilo de vida nómada, na construção de cabanas e tendas com materiais transportáveis, como, depois, ao sedentarismo promovido pelo desenvolvimento da agricultura e da domesticação

⁵¹ Luis Cortés Alcalá, *La Cuestión Residencial: bases para una sociología del habitar* (Madrid: Editorial Fundamentos, 1995), 24. | ⁵² Leitão e Amorim, *A Casa Nossa de Cada Dia*, 66. | ⁵³ Leupen e Mooij, *Housing Design*, 18. | ⁵⁴ Leitão e Amorim, *A Casa Nossa de Cada Dia*, 57. | ⁵⁵ Alcalá, *La Cuestión Residencial*, 17.



11



12

Figuras 11 e 12 | *O homem primitivo se protegendo da chuva*, Filarete | *O descobrimento do fogo*, Fra Giocondo

de animais, momento a partir do qual começou a construir estruturas mais resistentes. A própria experiência, bem como a observação do meio e dos animais em redor, resultou na evolução dos conhecimentos do Homem, desde a percepção das leis da gravidade à compreensão de princípios geométricos e construtivos, que foi capaz de construir as primeiras casas.

Além disso, em muito contribuiu a descoberta do fogo para a fixação do Homem e para o desenvolvimento da casa. Aliás, é mesmo ao fogo que Vitruvius atribuiu a origem das primeiras sociedades e depois das primeiras habitações, *choupanas*⁵⁶ construídas *para proteger o fogo, para manter o fogo que aquecia os homens. Do fogo protegido resultaria (...) a primeira casa*⁵⁷.

Assim, o Homem descobriu que poderia *escapar do desamparo que caracteriza a aventura de existir*⁵⁸ através do espaço edificado, *no que diz respeito ao conforto ambiental, mas também à noção de segurança e bem-estar*⁵⁹ que esse proporciona. *Apresentando uma noção completa de privacidade, a casa representa o estar protegido, o interiorizar-se e o sentir-se seguro, quesitos que são indispensáveis para que o ser humano adquira forças necessárias para enfrentar as dificuldades da vida coletiva*⁶⁰.

CASA COMO CENTRO | CENTRO NA CASA

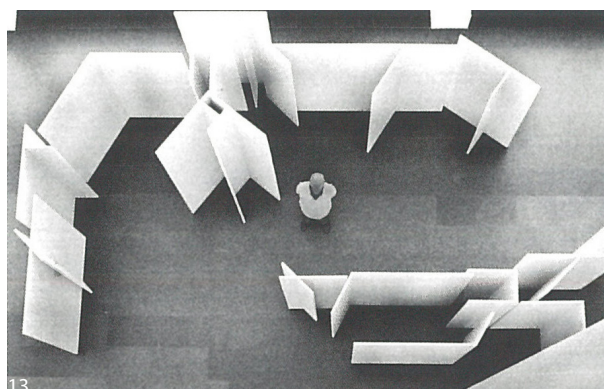
*Porque a casa é o nosso canto do mundo*⁶¹.

Além de ser *a esfera da tranquilidade e da paz em que o homem pode prescindir do constante alerta ante uma possível ameaça*⁶², a casa representa *um ponto de referência fixo a que se encontram vinculados todos os seus caminhos*⁶³. Por outras palavras, mais do que precisar do amparo e segurança que é a casa, o Homem tem inerente a necessidade de encontrar no mundo um lugar que possa definir como 'seu', numa ideia, talvez inconsciente, de territorialidade⁶⁴.

Neste sentido, reclama para si uma parte do território, a partir do qual controla o meio que o envolve e onde constrói o seu abrigo e habita com estabilidade. Assim, define o 'seu mundo' e atribui-lhe um caráter próprio, transformando-o *numa extensão do seu próprio corpo*⁶⁵. Esta posse é necessária ao Homem, da mesma forma que é também essencial que se estabeleça uma relação entre os dois, que o Homem se identifique com a sua casa, processo que ocorre no desenrolar do habitar.

Ao mesmo tempo, o Homem individualiza e domestica o espaço, que, se transforma no lugar a partir do qual confere sentido à sua própria existência, construindo relações com o mundo

⁵⁶ Vitruvius, *Tratado de Arquitectura*, trad. M. Justino Maciel (Lisboa: IST Press, 2006), 71. | ⁵⁷ Anatxu Zabalbeascoa, *La Casa del Arquitecto* (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1995), 7. | ⁵⁸ Leitão e Amorim, *A Casa Nossa de Cada Dia*, 66. | ⁵⁹ Leitão e Amorim, *A Casa Nossa de Cada Dia*, 66. | ⁶⁰ Miguel, *A Casa*, 57. | ⁶¹ Gaston Bachelard, *A Poética do Espaço*, trad. António de Pádua Danesi (São Paulo: Martins Fontes, 1989), 24. | ⁶² O. Friedrich Bollnow, *Hombre y Espacio*, trad. Jaime de Asian y Martín (Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1969), 122. | ⁶³ Bollnow, *Hombre y Espacio*, 118. | ⁶⁴ Sérgio Fazenda Rodrigues, *A Casa dos Sentidos: crónicas de arquitectura* (s.l.: Arqcoop, 2009), 80. | ⁶⁵ Miguel, *A Casa*, 57.



Figuras 13 e 14 | *Indret*, Pablo Palazuelo (1996) | *Voltar a casa como se fosse a primeira vez*, Joana Rego (2014)

que o rodeia⁶⁶. Desta forma, é possível identificar *um limite que separa claramente o espaço próprio, com o qual me identifico, de outro espaço que já não sou eu, que já não me pertence, que me é estranho*⁶⁷, ficando o Homem *enraizado no espaço a que estão referidas todas as suas circunstâncias espaciais*⁶⁸.

A casa representa um centro na vida do Homem, da qual parte todos os dias e à qual depois regressa. *Sem ela, o homem seria um ser disperso*⁶⁹.

Não obstante, é possível estreitar ainda mais esta ideia, uma vez que a casa é composta por diferentes divisões, espaços, lugares. Não habitando sozinho, o Homem inevitavelmente procurará na sua casa um local de retiro e isolamento, uma vez que *ninguém suporta a proximidade dos demais se ao mesmo tempo não tem oportunidades frequentes de estar sozinho*⁷⁰.

Inicialmente, a necessidade do calor para a sobrevivência levou o refúgio do ser humano a organizar-se em torno do fogo. A evolução das técnicas de domesticação desse elemento resultaram na sua descentralização. O valor atribuído à família, contudo, permitiu que a lareira mantivesse uma certa importância na organização do espaço habitacional, por ser o lugar à volta do qual aquela se reunia. Pelo mesmo motivo, também a mesa de jantar assumiu um papel central. Mais tarde, a chegada das novas tecnologias atribuiu o lugar da lareira à televisão, que se tornou num novo centro comum.

Porém, as alterações nas famílias e nas suas formas de habitar favoreceram a individualização crescente dos seus membros, que passaram a valorizar mais a sua intimidade e privacidade em detrimento da vida ‘comunitária’.

O papel de centro vital passaria a ser atribuído, assim, à cama, *lugar de onde o homem se levanta para ir para o trabalho diário e ao qual volta depois*⁷¹. Nela se fundem as intenções de paz e amparo que o Homem procura: primeiro na casa, e depois na cama, local de intimidade e calor, *em que se condensa a segura solidez da vida*⁷².

CASA COMO QUOTIDIANO | CASA NA SOCIEDADE

*Na casa o homem familiariza-se com a iminência do mundo (...)*⁷³.

‘Quotidiano’ define algo *que sucede diariamente ou que se faz todos os dias; que sucede ou se pratica habitualmente*⁷⁴. O objetivo principal da arquitetura prende-se com a criação de espaços (públicos e privados) para o desenrolar das ações do Homem, tanto na sua individualidade

⁶⁶ Ramalhe e Carvalho, *Habitar Pensar Investigar Fazer*, 59. | ⁶⁷ Bollnow, *Hombre y Espacio*, 258. | ⁶⁸ Bollnow, *Hombre y Espacio*, 117. | ⁶⁹ Bachelard, *A Poética do Espaço*, 26. | ⁷⁰ Alexander, Ishiawa e Silverstein, *Un Language de Patronos*, 594. | ⁷¹ Bollnow, *Hombre y Espacio*, 151-152. | ⁷² Bollnow, *Hombre y Espacio*, 155. | ⁷³ Christian Norberg-Schulz, *L'Abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa*, trad. Anna Maria De Dominicis (Milão: Electa Editrice, 1984), 89. | ⁷⁴ *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, 24ª ed., s.v. “quotidiano”.



Figura 15 | *As gavetas da memória*, José Manuel Rodrigues (s.d.)

como enquanto membro de uma sociedade. A casa, considerada por muitos como a gênese da arquitetura, é o primeiro lugar de aprendizagem dessas ações e, portanto, *o lugar no qual há logo o cotidiano*⁷⁵.

É no espaço da casa, lugar de desenvolvimento da vida privada da família, que tem início a compreensão das condições inerentes à vivência em sociedade, onde o Homem *se adapta e (...) se constitui em comunidade*⁷⁶.

Os conceitos de espaço e tempo são apreendidos pela primeira vez no espaço da casa e, a partir daí, compreendem-se os limites da vida social, quando são estabelecidas relações com o resto da sociedade, e que permitem entender a estrutura da vida quotidiana.

*A vivenda como realidade está carregada de conteúdo social, tanto na sua distribuição interna como nos próprios símbolos que se localizam nela (...) Ideias e conceitos como acima e abaixo, esquerda e direita, interior e exterior, público e privado, são vividos pela primeira vez pelos membros mais jovens da família dentro da casa*⁷⁷.

Assim, a casa é o lugar primeiro para a realização das atividades mais elementares que constituem a vida em comunidade. Representa um espaço de abrigo e um centro vital, e ao mesmo tempo constitui *o ponto de partida para as liberdades do mundo exterior*⁷⁸. Está vinculada ao Homem na sua vivência do espaço privado, bem como *na continuidade da existência*⁷⁹, que implica o modo de se relacionar com o mundo.

CASA COMO CORPO E ALMA

*(...) a construção da casa humana é, na verdade, um espaço para a alma*⁸⁰.

Dado o caráter de refúgio e amparo que o Homem lhe atribui, o espaço da casa deixa de constituir apenas um abrigo do físico, adquirindo também uma dimensão psicológica. Assim, a casa *não é apenas uma estrutura física ou localização geográfica mas sempre um espaço emocional*⁸¹.

Esta característica é expressada por Freud quando identifica a casa como *um sucedâneo do ventre materno, primeira morada cuja memória talvez persista em nós, onde estávamos tão seguros e nos sentíamos tão a gosto*⁸². Condições que o Homem procura, então, replicar no seu espaço, na sua casa, reconhecendo e exibindo as pretensões que alberga no seu interior, suas ilusões e suas memórias⁸³.

⁷⁵ Alcalá, *La Cuestión Residencial*, 139. | ⁷⁶ M. Gallego Jorreto, "La creación de un lugar" in *Nuevos Modos de Habitar*, Melgarejo, 170. | ⁷⁷ Alcalá, *La Cuestión Residencial*, 139. | ⁷⁸ Leupen e Mooij, *Housing Design*, 19. | ⁷⁹ Norberg-Schulz, *L'Abitare*, 89. | ⁸⁰ Leitão e Amorim, *A Casa Nossa de Cada Dia*, 65. | ⁸¹ Roberta Rubenstein, *Home Matters* (Nova Iorque: Palgrave, 2001), citado em *Home*, Alyson Blunt e Robyn Dowling (Londres: Routledge, 2006), 22. | ⁸² Sigmund Freud, *El Malestar en la Cultura* (Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1929-1930), citado em *A Casa Nossa de Cada Dia*, Leitão e Amorim, 65. | ⁸³ Moore, Allen, e Lyndon, *La Casa*, 121-123.

Desta forma, a construção da casa surge *para acolher, para abrigar, para confortar (...), para proteger, não apenas das hostilidades ambientais, sua face mais visível, mas também em sua dimensão simbólica do desamparo que marca o humano face à experiência de existir*⁸⁴.

A casa enquanto *espaço para a alma*⁸⁵ guarda as memórias e os sonhos, os desejos e os medos do Homem. *Nessas condições, se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz*⁸⁶.

1.3. Objetos

No desenrolar do habitar, as pessoas preenchem a sua casa de objetos, tanto os que servem questões práticas e funcionais, auxiliando as tarefas diárias, como os que surgem aliados à sua personalidade, às suas experiências e memórias.

Esses objetos, enquanto concretizam as suas finalidades, conferem sentido aos diversos lugares da casa, transparecendo ainda as características dos seus habitantes. *Se pudéssemos ver simultaneamente o interior dos apartamentos de um mesmo edifício, dar-nos-íamos conta de que, sendo iguais ou similares, parecem distintos pelo papel que desempenham os móveis*⁸⁷.

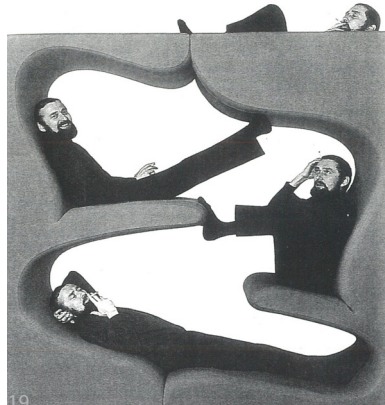
Assim, a casa constitui-se por diferentes espaços que adquirem o seu pleno valor quando se preenchem das pessoas e dos objetos que os habitam e completam. Por outras palavras, a essência da casa apenas se concretiza quando se conjugam os três elementos, afinal *até que ponto reconhecemos, [no] interior vazio, uma casa: graças às características formais ou graças à presença de uma cena doméstica?*⁸⁸.

DEIXANDO ESPAÇO | CRIANDO ESPAÇO⁸⁹

Entre o leque de objetos que preenchem os espaços da casa, os móveis são os mais notórios, tanto pelas suas dimensões como pelo facto de se utilizarem para adaptar os espaços às necessidades do habitante.

Na sua distribuição, ajudam à definição das atividades que se desenvolvem nas diferentes partes da casa, criando os vários âmbitos do habitar: a mesa com as cadeiras identifica a sala de jantar, os sofás e a televisão colocam-se na sala de estar, a cama ajuda a dar forma ao quarto. Por este motivo, *alterando a disposição dos móveis, modificamos a forma de usar a casa*⁹⁰, já que *este é o fator responsável pela criação dos seus âmbitos*⁹¹.

⁸⁷ Montey et al., *Rehabitar*, 35. | ⁸⁸ Montey et Fuertes, *Casa Collage*, 14-16. | ⁸⁹ Herman Hertzberger, *Lições de Arquitectura*, trad. Carlos Eduardo Lima Macedo (São Paulo: Martins Fontes, 1996), 152. | ⁹⁰ Montey et al., *Rehabitar*, 37. | ⁹¹ Montey et Fuertes, *Casa Collage*, 66.



Figuras 16 a 19 | *Las Meninas*, Diego Velázquez (1656) | Vários apartamentos do edifício Mitre, F.J. Barba Corsini (1959) | *Après Velázquez*, Thierry Lahontâa (2009) | Pantower, Verner Panton (1968-1969)

Por outro lado, quando estes móveis surgem na forma de armários ou estantes servem para o armazenamento de outros objetos necessários às tarefas diárias, ao trabalho ou ao entretenimento ou representativos de memórias e desejos, *objetos-sujeitos*⁹², que conferem um *modelo de intimidade*⁹³ à vida do habitante.

*Ao longo da história, o ato de recolher ou guardar marcou sempre a atividade humana*⁹⁴, pelo que *é a ordem no seu armazenamento que faz a casa utilizável*⁹⁵.

Desta forma, os espaços da casa definem-se pelo mobiliário que neles se distribui, ao mesmo tempo que esse mobiliário permite a organização e libertação do espaço necessário ao habitar, possibilitando guardar as 'coisas' que identificam o habitante e com as quais ele se identifica. *Num armário, só um pobre de espírito poderia guardar uma coisa qualquer. Guardar uma coisa qualquer, de qualquer maneira, num móvel qualquer, indica uma enorme fraqueza da função de habitar. No armário vive um centro de ordem que protege toda a casa contra uma desordem sem limite. Nele reina a ordem, ou antes, nele a ordem é um reino. A ordem não é simplesmente geométrica. A ordem recorda nele a história da família*⁹⁶.

Assim, todos os objetos contêm valores tanto funcionais como sentimentais, conferindo à casa o seu sentido de 'habitada'. Ao mesmo tempo que surgem para *organizar e distribuir as suas atividades*⁹⁷, deixam *visíveis certas pegadas de uma vida ativa: um livro que se acaba de deixar, um trabalho começado, etc*⁹⁸.

O CARÁTER DA CASA | O CARÁTER DO HABITANTE

*Em geral, a casa expressa a estrutura do habitar com todos os seus aspetos físicos e psíquicos. Está imaginada como um sistema de significativas atividades concretizado como um espaço que consta de lugares dotados de diverso carácter. (...) A imagem da casa, por conseguinte, depende da existência de lugares diferenciados que influenciam uns sobre os outros e sobre o seu entorno de diversas maneiras. Principalmente, porém, o carácter está determinado por coisas concretas tais como a chaminé, a mesa e a cama*⁹⁹.

Os objetos da casa, além de apoiarem o habitante no seu dia-a-dia, revelam *o carácter da casa e, ainda mais, os rasgos dos seus proprietários*¹⁰⁰. É o habitante quem, em grande parte dos casos, seleciona os móveis que entram na sua casa e a forma de os colocar. Os armários e estantes são, depois, preenchidos de objetos que o habitante escolhe e guarda, de que gosta e que lhe suscitam memórias, expondo uma parte da sua identidade. *Desta maneira, a vivenda torna-se*

⁹² Bachelard, *A Poética do Espaço*, 91. | ⁹³ Bachelard, *A Poética do Espaço*, 91. | ⁹⁴ Rodrigues, *A Casa dos Sentidos*, 87. | ⁹⁵ Montey e Fuertes, *Casa Collage*, 64. | ⁹⁶ Bachelard, *A Poética do Espaço*, 91-92. | ⁹⁷ Montey e Fuertes, *Casa Collage*, 65. | ⁹⁸ Bollnow, *Hombre y Espacio*, 140. | ⁹⁹ Christian Norberg-Schulz, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, trad. Adrian Margarit (Barcelona: Editorial Blume, 1975), 39. | ¹⁰⁰ Montey e Fuertes, *Casa Collage*, 16.

*expressão do homem mesmo que a habita, uma parte deste homem convertida em espaço*¹⁰¹.

Por outro lado, o habitante mais se identifica com a sua casa quanto mais puder ter influência sobre os seus espaços. *Só podemos desenvolver afeição pelas coisas com as quais nos identificamos - coisas sobre as quais podemos projetar a nossa própria identidade e nas quais podemos investir tanto cuidado e dedicação que elas se tornam parte de nós mesmos, absorvidas pelo nosso próprio mundo pessoal*¹⁰².

*Mas a íntima relação entre homem e casa não só se manifesta em que o homem possa imprimir no seu espaço habitado a sua personalidade e vice-versa, que aquele se repercuta nele, mas também no facto de que o seu modo de ser está determinado pelo seu entorno e segundo a natureza deste modifica-se aquele*¹⁰³.

2.

as minhas casas

O capítulo anterior, embora necessário para compreender a casa na sua origem e formulação, bem como nos vários aspetos que determinam a sua construção e lhe conferem sentido, não permite compreender o que são realmente as formas de habitar, uma vez que não integra um aspeto essencial: a experiência. De facto, (...) *a arquitetura é circulação interior, não exclusivamente por razões funcionais (...), mas muito em particular por razões de emoção, uma vez que os diversos aspetos da obra, a sinfonia que de facto se toca, só podem ser apreendidos à medida que os passos nos transportam, nos colocam e deslocam, oferecendo ao nosso olhar o pasto de paredes ou de perspetivas, o esperado ou o inesperado das portas que revelam o segredo de novos espaços, a sucessão das sombras, penumbras ou luzes geridas pelo sol que penetra pelas janelas ou pelo vão, a visão longínqua dos terrenos construídos ou plantados, ou a dos primeiros planos sabiamente organizados*¹⁰⁴.

Assim, a casa (como a arquitetura em geral) só pode ser apreendida e compreendida na plenitude através da experiência. Nas palavras de Aldo Rossi, (...) *sempre restará um tipo de experiência possível apenas para quem tenha percorrido aquele palácio, aquela rua, aquele bairro*¹⁰⁵. E acrescentamos, aquela casa.

No sentido de, então, introduzir essa vertente no nosso estudo, este capítulo formula-se como uma visita a diferentes casas em contextos que me são próximos, concretizada principalmente na condição de habitante (ainda que necessariamente influenciada pelo facto de ser uma arquiteta em formação).

Todas estas casas integram-se em edifícios de habitação plurifamiliar, sendo, por isso, lugares com desenho ‘genérico’, pois *o que acontece aí é largamente imprevisível, ou no mínimo impossível de definir com precisão. Quem serão os ocupantes, quanto tempo vão ficar e o grau em que dividem o habitar e o trabalhar dentro da casa não é normalmente conhecido*

¹⁰⁴ Le Corbusier, *Conversa com Estudantes de Arquitectura*, trad. António Gonçalves (Lisboa: Edições Cotovia, 2003), 52-53. | ¹⁰⁵ Aldo Rossi, *A Arquitectura da Cidade*, trad. Eduardo Brandão (São Paulo: Martins Fontes, 1995), 18.

*antecipadamente*¹⁰⁶.

Por este motivo, é neste tipo de edifícios que as questões da flexibilidade e da adaptabilidade são mais pertinentes, e uma observação atenta e próxima das formas de apropriação pode servir como implusionadora de ideias relacionadas com esses conceitos.

É, portanto, através das ‘minhas casas’ que tentaremos desvendar quais as condicionantes e influências que a casa manifesta, esclarecendo como cada família percebe, interpreta e apropria os espaços da sua casa, sublinhando a ideia de que *[s]em o habitante, a arquitetura perde a sua condição de habitação*¹⁰⁷.

No Anexo 1 surge a tabela-síntese de apresentação de todas as casas deste capítulo.

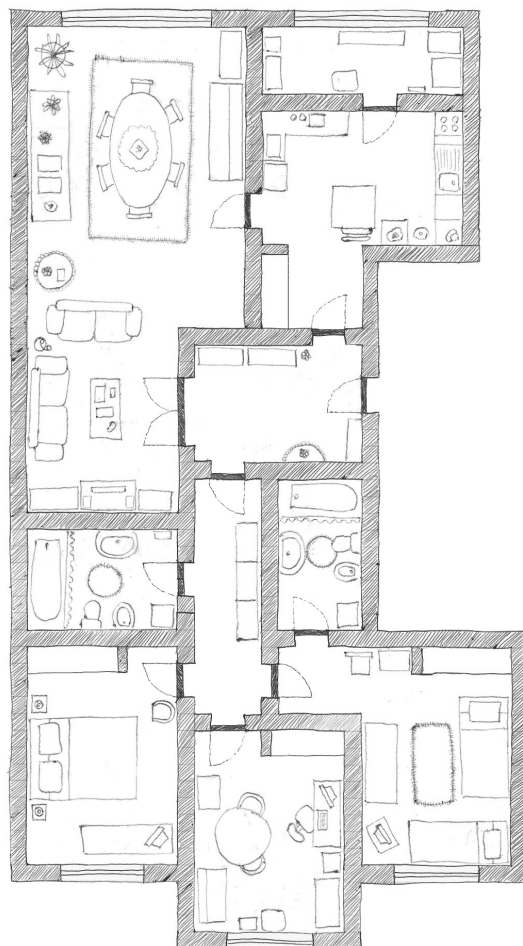
¹⁰⁶ Leupen e Mooij, *Housing Design*, 32. | ¹⁰⁷ Joaquín Arnau Amo, “El Arca de Noé: sobre los orígenes de la vivienda” in *Nuevos Modos de Habitar*, Melgarejo, 17.

2.1. A Minha Terceira Casa

Começar pela ‘terceira’ parece ir contra a lógica racional de qualquer pessoa que aprendeu a contar. Neste caso, porém, este início prende-se mais com uma lógica de ‘memória habitacional’. A verdade é que das duas primeiras casas as memórias são escassas, uma vez que foram morada dos primeiros anos de vida. Embora tenha sido possível, com a ajuda dos Pais, desenhá-las, não há recordações concretas do seu habitar, apenas momentos e imagens dispersos.

Assim, esta experiência começa por aquela que, desde os meus sete anos, é a casa atual. Foi em 1999 que nos mudámos e, a partir daí, a casa foi assistindo ao crescimento da família, adaptando-se às nossas necessidades: prontamente, a sala acolheu tanto as festas de aniversário como, mais tarde, as sessões de estudo e, ainda, os Natais em família; ambos os quartos integraram, com mais ou menos esforço, a cama de casal ou o beliche; o quarto do meio facilmente passou de ‘quarto de brincar’ para ‘escritório’; sempre conforme os espaços iam permitindo.

A casa viu a família crescer e foi acompanhando, desde a infância até à idade adulta, as alegrias e as tristezas, as discussões e as gargalhadas, enfim, as peripécias de uma vida...



ENTRADA



A *Minha Terceira Casa* surge no primeiro andar da porta do canto de um edifício de pastilha branca em L. A sua entrada faz-se para um espaço onde as paredes são revestidas com painéis de madeira escuros cortados a cerca de cinquenta centímetros da altura do teto, o que não ocorre em nenhuma outra divisão e, consequentemente, faz com que se sinta este espaço mais baixo do que o resto da casa. Em contrapartida, todas as portas aí colocadas (com exceção, naturalmente, da porta de entrada) são envidraçadas, o que estende este espaço aos adjacentes ou, não havendo luz, o multiplica em reflexos. E são três essas portas: a da cozinha, logo à direita de quem entra; a porta dupla para a sala, em frente; e a que dá acesso ao corredor dos quartos, à esquerda, diagonalmente oposta à primeira.

Logo aqui, é curioso notar como um pequeno espaço recebe tantos percursos

distintos. Somos cinco os habitantes desta casa; à chegada tenho por hábito seguir diretamente para a porta do corredor em direção ao escritório onde pouso a mala e o casaco. A Irmã-Mais-Nova repete esta ação. Por outro lado, a Mãe e a Irmã-Mais-Velha passam de imediato a porta da cozinha, no primeiro caso pousando aí as suas ‘coisas’ e no segundo caso para chegar à sala. Já o Pai normalmente demora-se na entrada: pousa o casaco, as moedas que traz no bolso e o telemóvel, se o houver confirma o correio recebido (é sempre o Pai que vê a caixa do correio!), troca os sapatos... e só depois ‘entra’ verdadeiramente em casa. Espreita pela porta da sala para cumprimentar quem estiver, mas depois recua e vai até à cozinha. O conjunto destas ações que cada um repete diariamente demonstra como, logo aqui, começa o habitar da casa. Afinal, *habitar significa, estritamente, fazer com reiteração a mesma coisa no mesmo lugar*¹⁰⁸ e esse concretiza-se de imediato, na chegada ao primeiro lugar da casa.

COZINHA

Quando se entra pela porta que vem da entrada, há que percorrer um pequeno lanço de três armários embutidos antes de chegar à cozinha propriamente dita. Encontra-se, do lado esquerdo, uma porta para a sala, à qual se segue o frigorífico e um correr de balcões em

Figura 21 | A Entrada

¹⁰⁸ Maria Milano, ed., *Do Habitar* (Matosinhos: Edições ESAD, 2005), 64.

L. Do lado direito, uma pequena mesa central serve de apoio ou para uma refeição solitária. Do outro lado dessa, mais balcões em linha, com o fogão, a máquina de lavar, a banca, e os armários repletos de loiças, ingredientes para cozinhar, detergentes e produtos de limpeza. Em frente, uma porta ladeada por duas 'janelas' aos quadrados que deixam transparecer o pequeno espaço de lavandaria, onde as máquinas da roupa, vassouras, baldes e esfregonas, os móveis cheios de materiais de costura e ferramentas e uma série de outras 'coisas' se amontoam de forma organizada. É também na lavandaria que surge a janela para o exterior, que assim ilumina a cozinha de forma indireta.

Se o hall de entrada recebia percursos diferentes, a cozinha é a que mais testemunha as diferenças entre todas as rotinas, principalmente de manhã. Os horários são diferentes de dia para dia e, principalmente, de pessoa para pessoa. Quase sempre, os pequenos-almoços e os almoços são a tempos diferentes e os movimentos de cada um estão tão ensaiados que, se ocorre de se cruzarem duas pessoas num mesmo momento, então uma vai estar no caminho da outra, vão-se cruzar e recruzar, quem sabe até chocar, tal é o hábito de normalmente não ter mais ninguém ali. Em completa oposição, a hora do jantar é sagrada e, muitas vezes, ainda não são sete horas e já se sente o cheiro do estrugido ou já se ouve a

água a ferver na panela para a sopa.

Antigamente, fazíamos as refeições sempre na mesa da cozinha. Mesmo aos fins de semana, mesmo quando todos almoçavam e jantavam ao mesmo tempo. Agora, é curioso reparar como isso já não é possível, porque já não cabemos os cinco nessa mesa. Os jantares passaram a ter lugar na mesa da sala que, outrora, só era usada para as refeições em ocasiões especiais.



SALA

À sala pode-se chegar tanto a partir do hall de entrada como a partir da cozinha, embora, observando a distribuição dos móveis, se possa afirmar que no primeiro caso se acede à sala de estar e no segundo caso à sala de jantar. Ainda que partilhem o mesmo espaço, parece haver uma tentativa de as distinguir claramente.

Ao fundo, uma janela que ocupa quase toda a dimensão da parede permite a iluminação total do espaço. À sua frente, a mesa de jantar

Figura 22 | Almoço na cozinha (1999)

com as cadeiras, ladeadas por dois móveis onde se guardam as loiças para as ocasiões especiais. E a porta da cozinha. De costas voltadas a todo este cenário surge um dos dois sofás. O outro vem logo a seguir, de frente para a porta da entrada. Mais uma mesa de centro, repleta de revistas, e, por fim, encostado à parede oposta da janela, o móvel da televisão onde, além dessa, se guardam uma série de outras bugigangas e objetos decorativos.

Estando alguém em casa, é quase certo que a televisão estará ligada. Por vezes ninguém está a ver verdadeiramente, mas as imagens em movimento e os sons continuam presentes, a fazer companhia e a dar vida ao espaço. Aproximando-se a hora de jantar, sintoniza-se as notícias e depois as novelas, e é nesta altura que é mais provável encontrar a família reunida no mesmo lugar, pelo menos a maior parte dos seus membros, pois, mais uma vez, os horários díspares fazem com que pareça que falta sempre alguém.

Mas a sala não é só palco das refeições e das conversas do fim do dia. Antes disso, o mais provável é encontrar computadores, livros e papéis espalhados pela mesa de jantar e até pelos sofás. A Irmã-Mais-Velha senta-se sempre à cabeceira, de costas para a janela, mergulhada nos seus muitos trabalhos. A Irmã-Mais-Nova, se estiver a estudar, é no sofá em frente à porta, debaixo do candeeiro de pé alto e, se não for a estudar, está no mesmo lugar do



sofá, mas antes com o comando da televisão em punho. Por vezes, também os pais ocupam os sofás para questões de trabalho, mas é mais raro. Já eu vou alternando entre o espaço que resta da mesa ou do sofá, sempre acompanhada pelo computador e raramente prestando atenção ao que se passa na televisão. No fim-de-semana, além de tudo isto, a sala tem ainda espaço para a Mãe montar a tábua de passar a ferro e parte da mesa de jantar fica ocupada pelas roupas quentes e cuidadosamente dobradas.

ESCRITÓRIO

O escritório começou por ser o quarto de brincar. Tinha uma secretária para o computador, mas o que caracterizava o espaço eram todos os brinquedos que, embora tivessem lugar de arrumação dentro dos armários embutidos, se espalhavam pelo chão (e, na verdade, um pouco por toda a casa...). Contudo, com o passar do tempo, começou a



fazer mais sentido que a casa tivesse um espaço para estudar. Assim, reorganizou-se a mobília, acrescentou-se uma mesa de vidro ao centro e as paredes encheram-se de prateleiras com livros sobre os mais variados temas. Depois, continuaram a fazer-se algumas mudanças para conseguir acomodar mais livros, dossiers com trabalhos da escola e da faculdade e todos os materiais necessários para a artista da casa.

Agora, ao fundo do corredor que vem da entrada, entra-se no escritório. Logo ali à porta, uma estante enche-se de documentos importantes da casa e de toda a gente. Do outro lado, uma secretária diferente com um computador diferente, a impressora e muitas gavetas cheias de ‘coisas’. Logo ao lado, mais um móvel que antes costumava estar no quarto, mas que foi trazido para o escritório para garantir um espaço de arrumação extra para todos os materiais de desenho e pintura. A mesa de vidro continua ao centro, com três cadeiras à sua volta e as paredes escondem-se atrás dos livros sobre história, geografia, medicina, enfermagem, arquitetura, etc.

Hoje em dia, o escritório já não é tão utilizado como era antes. O Pai é quem mais o usa, pois geralmente passa o final do dia ao computador, antes de ir dormir. Por vezes, a Mãe também o faz. De resto, como temos os computadores portáteis que permitem trabalhar em qualquer parte da casa, tanto eu como a Irmã-Mais-Velha e a Irmã-Mais-Nova preferimos a sala, recorrendo ao escritório apenas quando procuramos um livro ou caderno, ou quando precisamos de um local mais recolhido e sossegado. Creio que isto se deve ao facto de, principalmente no inverno, o escritório (e toda a zona dos quartos) ser um espaço muito frio, o que torna a permanência aí um pouco desconfortável.



25

QUARTOS E CASAS-DE-BANHO

A opção por juntar estas quatro divisões na mesma descrição surge por dois motivos. Em primeiro lugar porque ambos os quartos já desempenharam a função um do outro, isto é, o quarto dos Pais começou por ser o quarto das

Filhas e vice-versa. Em segundo lugar, porque de forma instintiva associamos uma casa-de-banho a cada quarto, ou seja há, nesta casa, a casa-de-banho dos Pais e a casa-de-banho das Filhas, que trocaram também com a alteração dos quartos.

Ao fundo do corredor, de cada lado do escritório há uma porta que dá para um quarto. Do lado esquerdo, uma suite, o quarto das Filhas, e do lado direito, o quarto dos Pais.

No primeiro entra-se para um pequeno recanto quase sem luz natural onde se abre a porta para a casa-de-banho. Dois passos à frente está o quarto propriamente dito, onde não caberia nenhuma outra peça de mobiliário: assim que se entra, há uma cadeira e um camiseiro, aos quais se seguem os três armários embutidos; do lado direito, o guarda-roupa com a mesa da televisão ao lado e à sua frente a cama da Irmã-Mais-Velha, a qual, por baixo, tem um gavetão que é a minha cama; ao fundo, debaixo da janela, está a cama da Irmã-Mais-Nova. Todo este conjunto faz o quarto parecer muito mais pequeno do que parecia quando apenas integrava a cama de casal com as mesinhas de cabeceira e uma cómoda. É interessante notar esta característica, que é também o principal motivo pelo qual esta divisão acaba por ser usada apenas para dormir e para vestir, já que não há aí lugar para outras atividades.

Do mesmo modo, é interessante notar

como o outro quarto parece maior do que quando tinha uma cama e um beliche, mais o guarda-roupa e o móvel das gavetas. Agora, à parede da frente encosta-se a cama com as mesinhas e debaixo da janela surge a cómoda. Em frente à porta mantêm-se os armários embutidos e do seu lado direito, uma cadeira de apoio. Ainda assim, também aqui o quarto apenas é utilizado para dormir e vestir, embora neste caso essa situação pareça relacionar-se mais com as rotinas dos Pais, em que o emprego ocupa a maior parte do dia e, depois, os momentos de descontração são passados em convívio na sala.

Por fim, a outra casa-de-banho é antes, a meio do corredor. Na sua distribuição, é igual à primeira, repetindo-se as dimensões mínimas que apenas permitem acomodar a banheira ao fundo, de um lado o lavatório e, do outro lado, a sanita, o bidé e um pequeno armário para guardar toalhas e produtos de beleza.

NO NATAL

Já é tradição na família que o Natal se realiza cá em casa. Assim, nesses dois dias vêm os Avós, os Tios e Tias e as Primas e as rotinas mudam todas. O odor a açúcar e canela invade toda a casa bem cedo e ouvem-se os CD's de músicas tradicionais. Logo a seguir ao almoço, a Mãe entra na cozinha e quase não sai até à hora do jantar. Uns a seguir aos outros

vão aparecendo os doces: aletria, rabanadas e o famoso leite-creme e, entretanto, vai-se mudando a sala para acomodar mais pessoas do que o costume. Fecha-se a porta dupla e o sofá, antes de costas voltadas, encosta-se a ela. A mesa de centro vai para o canto, ao lado da árvore de Natal que, naturalmente, por esta altura, faz parte da decoração. Abre-se a mesa de jantar e traz-se a mesa de vidro do escritório, bem como todas as cadeiras que há espalhadas pela casa, para todos terem lugar e jantarem confortavelmente. A família vai chegando e todos se juntam entre a sala e a cozinha, onde agora o cheiro já é a bacalhau, couves e batatas, como deve ser num tradicional jantar de Natal.

No Natal, a casa tem uma rotina diferente, ganha uma ordem nova e *quando a imagem é nova, o mundo é novo*¹⁰⁹. Assim, nesses dois dias, a casa tem uma nova vida, tem um novo habitar.



EM FALTA

À medida que as vidas se foram adaptando à casa e que a casa se foi adaptando às vidas, algumas faltas se fizeram sentir.

Talvez não logo desde o primeiro dia, mas assim que chegaram a adolescência e o desejo de maior privacidade, eu e as minhas irmãs ansiámos a existência de um quarto para cada uma. Tal hipótese não era passível de se concretizar pelo que foi necessário que nos habituássemos à partilha daquele espaço. Dessa forma, o quarto perdeu parte do seu sentido de intimidade e privacidade, um dos motivos também para que o seu uso não tenha sido mais alargado.

Mais recentemente, e neste caso por parte de toda a família, questiona-se a ausência de um espaço exterior privado. As duas primeiras casas tinham varandas que se usavam moderadamente devido à presença constante de crianças pequenas. Aquando da mudança para a casa atual, a existência de uma praceta em frente ao edifício colmatou a falta desse espaço, pois permitiu que as Filhas brincassem aí, sem o perigo da altura e, mais ainda, acompanhadas dos vizinhos que se juntavam religiosamente. Contudo, atualmente, essa praceta perdeu a ‘magia’ e denota-se a falta de uma varanda, um espaço ao ar livre onde fosse possível ler um livro ou fumar um cigarro sem ter de sair de casa.

Figura 26 | Jantar de Natal em família (2016)

¹⁰⁹ Bachelard, *A Poética do Espaço*, 63.

2.2. Outras Casas

Neste conjunto, a única casa efetivamente minha foi aquela onde habitei durante os seis meses de Erasmus, ainda que o tenha sido apenas por esse curto período. As restantes são, na verdade, as casas de familiares ou amigos que, ao serem alvo de visitas frequentes, acabam por se tornar, também elas, um pouco minhas.

Aqui, contudo, adquirem designação apenas de ‘outras casas’, sendo o objetivo desta observação a procura de uma variedade de opções, com soluções em diferentes níveis e para diferentes realidades.

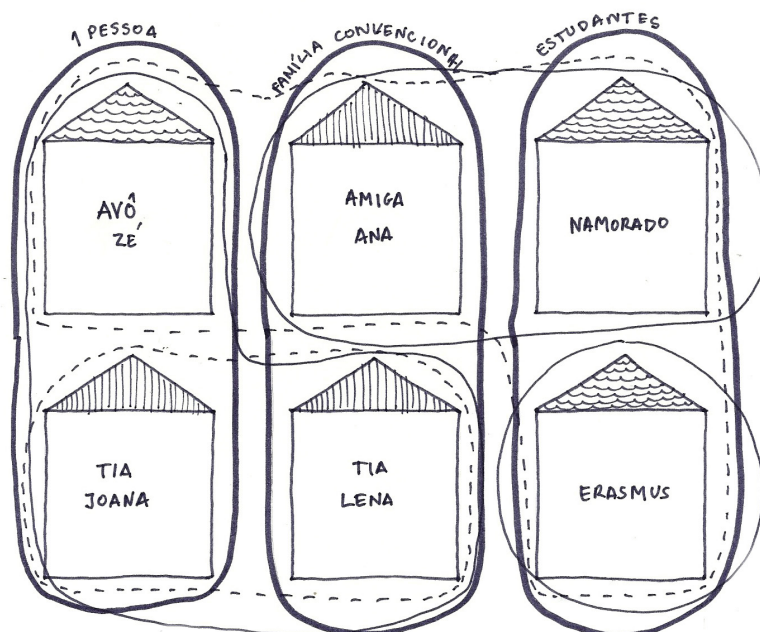
Estas casas representam uma pequena ‘amostra’ de outros tipos de famílias e, por isso, de outras formas de habitar. Por um lado, apresentam novas perspetivas de como os tais espaços ‘genéricos’ se vão adequando às famílias e, por outro lado, indiciam já alguma multitudine de tipologias familiares que se pode encontrar atualmente. E é nesse sentido que se organizam estes seis casos, através do seu agrupamento em três pares, de acordo com as suas realidades similares que, no entanto, apresentam concretizações muito distintas.

FAMÍLIAS ‘CONVENCIONAIS’

Na sociedade de hoje considera-se como uma família ‘convencional’ aquela composta por um casal com dois filhos, condição sugerida não só pela tipologia maioritária - as casas com três quartos parecem ser as mais comuns na maioria dos edifícios -, mas também pelos anúncios de televisão e em revistas ou pelas promoções, por exemplo, de agências de viagens. Ainda que as *plantas dominantes não reflitam nem determinem a realidade da vida privada dos indivíduos e das famílias, embora a condicionem*¹¹⁰, esta predeterminação acaba por reduzir a oferta e as opções de adaptação a todos aqueles que não se encaixem nesta tipologia.

Desta forma, a apropriação de uma casa por uma família ‘convencional’ acaba por surgir

¹¹⁰ Pereira, *Casa e Mudança Social*, 317.



27

Figura 27 | Formas de relacionar as Outras Casas (versão adaptada)

muito mais intuitiva do que em qualquer outra situação. Certamente, os espaços adquirem sempre um carácter associado à família e respetivas características, contudo a distribuição faz-se com naturalidade, já que a casa foi desenhada para aquele tipo de habitante.

Neste caso, surgem duas casas de famílias compostas pelo casal e dois filhos: a *Casa da Tia Lena* e a *Casa da Amiga Ana*. As duas apresentam, contudo, soluções completamente distintas tanto no desenho da habitação como na forma de apropriação, salientando ainda o facto de que, mesmo se for possível agrupar as famílias de acordo com o seu ‘tipo’, a sua forma de usar e viver o espaço da casa pode ser, e decerto será, totalmente diferente.

APENAS UMA PESSOA

Por vezes, as famílias compõem-se apenas de um elemento ou, eventualmente, de um casal. Nestas situações, a casa tem uma outra dinâmica, já que a perceção da privacidade é diferente. O habitante aqui não tem a necessidade de procurar um espaço próprio, pois toda a casa o é, o que lhe permite ainda adaptar cada divisão de acordo com os seus desejos, não sendo preciso procurar um equilíbrio entre diversas personalidades e ideias como ocorre em grupos familiares maiores.

Serão observadas duas casas mais pequenas onde, por diferentes circunstâncias da vida, o habitante é único: a *Casa do Avô Zé* e a *Casa da Tia Joana*.

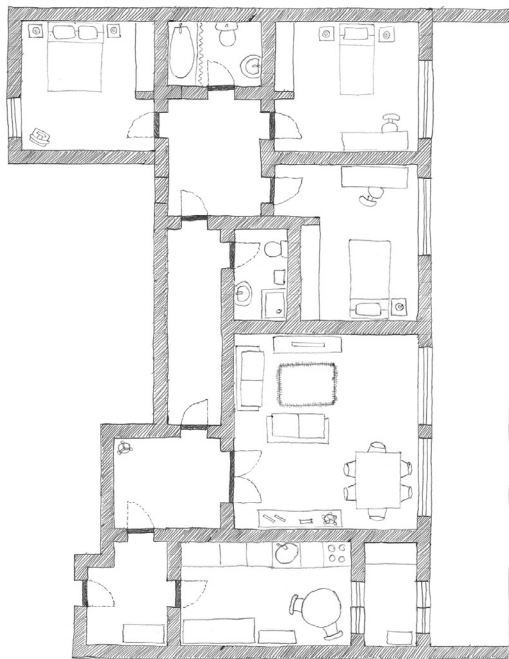
ESTUDANTES

Ainda que seja cada vez mais frequente a valorização da privacidade em detrimento da sociabilização dentro da família, a verdade é que nas casas de famílias nucleares ‘tradicionais’ o espaço da sala é predominante, tanto nas suas dimensões como na sua utilização enquanto local de convívio e reunião. Em contrapartida, atualmente são muito comuns as casas alugadas a estudantes, situações em que a sala acaba por perder a sua importância central.

Ao partilhar a morada com outras pessoas com as quais não se tem qualquer relação familiar direta, é natural que se valorize mais o espaço do quarto, por representar o único espaço próprio e pessoal dentro da casa. Claro está que esta situação é variável e manifesta-se de diferentes formas, dependendo do tipo de relação que existe entre os habitantes.

Nesta parte serão visitadas a *Casa de Erasmus* e a *Casa do Namorado*, as duas partilhadas por estudantes, mas nas quais surgem formas muito distintas de apropriação e utilização dos espaços, influenciadas não só pela relação diferente entre os habitantes, mas também pelos limites espaciais das casas em si.

ENCADEAMENTO CASA DA TIA LENA



28

Na *Casa da Tia Lena* há duas características que se destacam: a forma como se encadeiam os espaços e o terraço. Por um lado, a partir da porta de entrada há uma sequência de pequenos *hall* e um corredor que fazem a distribuição a todos os lugares ao mesmo tempo que demonstram claramente como os espaços numa casa estão dispostos por uma razão. Quando se entra na casa pela porta da frente, descobre-se o seu interior numa progressão lógica, passando de domínios públicos para privados¹¹¹. Por outro lado, a fachada principal recua em relação ao resto do edifício, permitindo que se crie um longo terraço na parte da frente, o qual põe em relação todas as divisões que para ele se abrem.

A porta de entrada coloca-se num dos extremos da habitação, o que parece ser um dos principais motivos para a distribuição encadeada referida. Assim, passando a porta, há um pequeno espaço com uma estante baixa no canto. Duas portas dão acesso, em frente, à cozinha e, do lado esquerdo, a um segundo

¹¹¹ Bush, *Geography of Home*, 37.

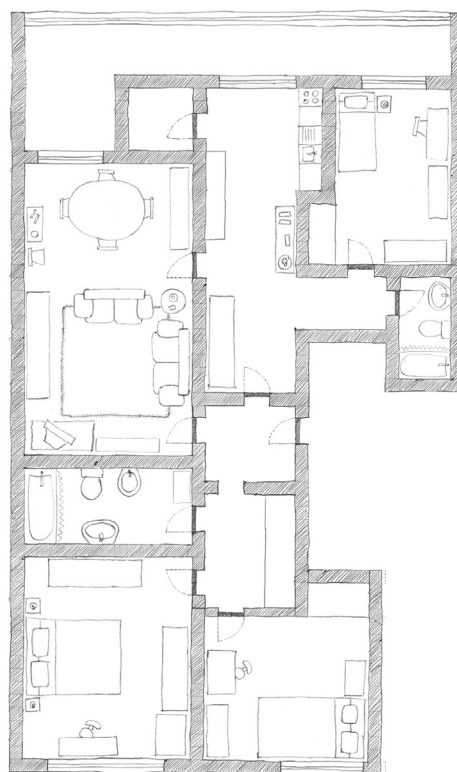
hall. É por este que se acede à sala, através de uma porta dupla à direita de quem chega, e ao corredor, pela porta em frente. Aqui surge ainda a escada que faz a ligação ao piso superior (que funciona apenas como um conjunto de espaços adicionais de lazer e arrumação, já que é no primeiro que a composição básica da casa se desenvolve na totalidade). O corredor estende-se por meia dúzia de passos e contém, no final, duas portas: à direita, a da casa-de-banho pequena e, em frente, a do *hall* dos quartos. Este é o último dos espaços de distribuição, dando acesso à casa-de-banho grande e aos três quartos, um do lado esquerdo para o casal e dois do lado direito, um para cada filha.

Quando, esporadicamente, visito a casa da minha tia, raramente entro mais além do corredor. A separação definida entre este e o *hall* dos quartos, com a presença de uma porta, antes da qual existe uma casa-de-banho, é o que permite a demarcação clara de diferentes níveis de privacidade, não havendo, portanto, a necessidade de as visitas penetrarem até à zona

mais íntima.

Esta distribuição em pequenos espaços separados verifica-se apenas quando se observa a casa no seu interior, uma vez que o terraço se estende por toda a fachada principal, contrariando a lógica, já que se relacionam dois dos quartos, a sala e a cozinha (esta, ainda que as portas que se interpõe sejam de vidro, é indireta devido à presença da lavandaria). Ainda assim, o terraço parece dividir-se em dois numa linha invisível cuja passagem transmite a sensação de invasão de um espaço íntimo, na aproximação às janelas dos quartos.

O QUARTO DA EMPREGADA CASA DA AMIGA ANA



29

A construção desta casa é muito anterior à *Casa da Tia Lena* e, portanto, surge numa época em que a concretização do habitar se fazia de uma forma totalmente distinta. Esta questão é evidente desde a entrada no edifício, passando pelas suas áreas ‘comuns’, até à porta de entrada na casa. Mas, a característica que talvez demarque mais diretamente a época é a existência do chamado ‘quarto da empregada’, num núcleo ao qual se chega através da cozinha e que inclui ainda uma pequena casa-de-banho. Na sua altura, esta solução surgiu para dar resposta à existência comum de empregados internos que, assim sendo, necessitavam de um lugar onde dormir na casa. O quarto foi então inserido junto à cozinha, criando uma distinção clara entre os espaços destinados aos empregados e aqueles que eram para os donos da casa.

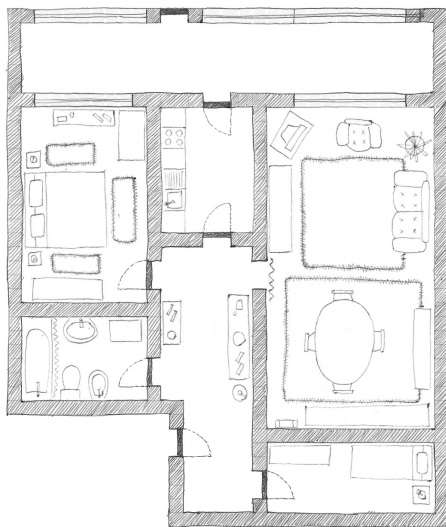
Atualmente, porém, já não é comum esse tipo de serviço interno, embora ainda existam casos em que aconteça. Dessa forma, a divisão agregada à cozinha adquire, ou pode adquirir,

outros usos.

Na *Casa da Amiga Ana*, a entrada faz-se para um pequeníssimo hall rodeado de portas. Pela porta da direita chega-se à cozinha, a porta da frente dá acesso à sala e a porta da esquerda leva a um corredor para a casa-de-banho e os dois quartos. Pela cozinha também se acede à sala e, como referido, ao terceiro quarto e respetiva casa-de-banho.

Uma vez que a Ana tem um irmão, o ‘quarto da empregada’ mantém a sua função inicial, permitindo que cada um deles tenha um espaço próprio. Desta forma, e apesar de a casa ter apenas, por assim dizer, dois quartos propriamente ditos, foi possível oferecer privacidade a ambos os filhos pela existência daquela divisão ‘a mais’. Ao mesmo tempo, colocando-se mais próxima da cozinha e da porta de entrada, o quarto estabelece uma relação diferente com o resto da casa, ganhando maior independência.

O PASSAR DO TEMPO CASA DO AVÔ ZÉ



30

Na verdade, chegaram a morar nesta casa quatro pessoas, antes de o meu pai e de o meu tio saírem para constituir as suas próprias famílias. Considerando as dimensões da casa, saber que para abrigar mais pessoas em menos espaço a sala foi dividida em duas para criar mais um quarto (o que, de facto, só aconteceu por ocasião desta escrita) causou-me muita estranheza.

Entretanto, a casa passou a ser habitada apenas pelos Avós, mas pouco se alterou na sua distribuição, já que apenas a sala retomou a sua função original. Ainda assim, o sofá-cama foi aberto frequentemente, claro está, devido às visitas recorrentes das netas que muitas vezes ali passavam a noite.

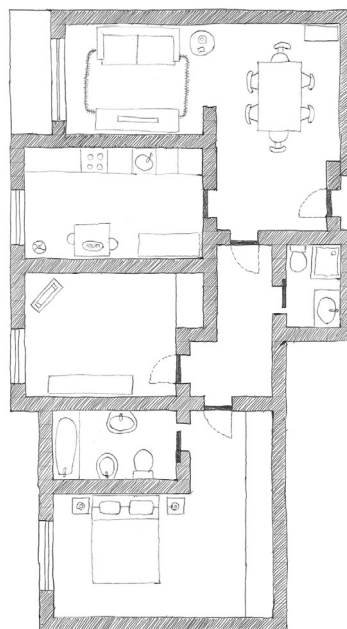
Lembro-me bem de como eu e as minhas irmãs ansiávamos as visitas aos Avós, não só para as dormidas animadas no sofá-cama bordô, mas também para saborear a massa com frango que tinha aqui um gosto especial, para roubar as tostinhas do pote do grande móvel da sala ou para as aventuras pelo pátio.

Atualmente, o Avô mora sozinho e as visitas são menos frequentes. Contudo, a simplicidade faz com que seja muito fácil relembrar os espaços desta casa: a entrada faz-se num recanto de um espaço central único de distribuição. Logo em frente à porta há um pequeno quatinho sem luz e, depois, as diversas portas distribuem-se em volta do espaço. À esquerda, a porta para uma casa-de-banho pequena e, adiante, a porta para um quarto quadrado em que o conjunto composto pela cama, as mesinhas, o guarda-roupa e o pechiché transparecem a idade e a história da casa. Do outro lado do *hall* tem a sala, à qual se acede por um vão encerrado por uma cortina, colocado mesmo a meio da divisão: para um lado, o jantar, com o louceiro, a mesa e as cadeiras e o tilintante relógio de pêndulo; para o outro lado, o estar, com o grande móvel castanho, a televisão, a poltrona e o sofá bordô. Entre o quarto e a sala surge a cozinha, com balcões corridos de ambos os lados e acesso à marquise (que terá sido concebida como

varanda, mas depois encerrada), local de onde as três divisões recolhem a sua luz. Esta é a única fachada da casa para o exterior, voltada às traseiras do edifício e, por isso, com acesso ao pátio.

Há alguns dias visitei a *Casa do Avô Zé* e, apesar de alguns móveis terem mudado de lugar, aquele sítio mantém a mesma essência: ‘o menino da lágrima’ voltou a receber-me à entrada, o mesmo pote das tostinhas continuava no móvel da sala e os meus passos mantiveram-se marcados pelo tic-tac do relógio.

UMA QUESTÃO DE GOSTO CASA DA TIA JOANA



31

Numa perspetiva totalmente oposta, a Tia Joana comprou recentemente uma casa, num edifício recém-construído e, portanto, sem qualquer história. Desde logo, é possível perceber as diferenças, não só no facto de ser como que uma tela em branco, ao contrário da *Casa do Avô Zé*, em que cada objeto e cada canto contam uma estória, mas também na forma de apropriação do espaço que, naturalmente, é muito diferente entre as duas gerações.

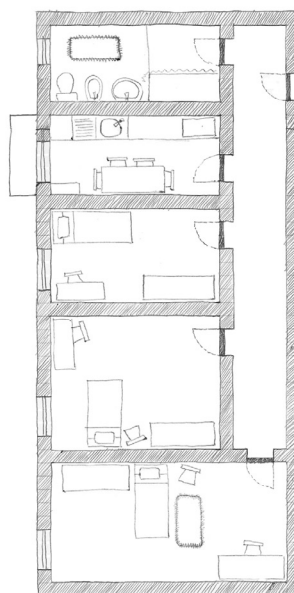
A *Casa da Tia Joana* não tem um espaço de entrada definido. A sala é em forma de L e a porta da rua surge num dos seus extremos. Essa forma permite ainda criar duas áreas distintas, com uma zona de jantar e uma zona de estar separadas. A cozinha fica em frente à porta da entrada, uma divisão alongada em que os balcões apenas num dos seus lados permitiram colocar, do outro lado, uma mesa e dois bancos que formam uma pequena zona de refeições. Por fim, há uma porta larga e sempre aberta que dá acesso, primeiro à casa-de-banho mais

pequena e, depois, aos dois quartos.

Uma vez que a habitante é só uma, há um dos quartos que não se destina ao dormir, não tendo sequer uma cama: a Tia Joana decidiu libertar essa divisão, deixando espaço para poder praticar *yoga*, uma das suas paixões.

Nesta casa, cada móvel e cada objeto foram escolhidos e colocados de acordo com o gosto da Tia Joana; as funções distribuíram-se segundo as suas vontades e necessidades; as portas mantêm-se abertas porque não há mais ninguém.

(RE)APRENDER A HABITAR CASA DE ERASMUS



32

Felizmente, tive a oportunidade de passar parte do último ano do curso em Milão, Itália, concretizando-o ao abrigo do programa de mobilidade Erasmus. Além de encontrar uma nova cultura e modos de aprender e ensinar a arquitetura distintos, passei pela experiência de partilhar uma casa sem ser com a família, como tinha estado habituada até então. Assim, durante seis meses, morei com duas amigas e cada uma conseguiu incluir na casa os seus hábitos e rotinas, adaptando-os mais ou menos conforme o que o espaço permitia.

Na *Casa de Erasmus* entrava-se diretamente para o corredor de distribuição, ao longo do qual se abriam as portas para a casa-de-banho, a cozinha e, uma a seguir à outra, para os três quartos. Havia ainda uma pequena varanda à qual se chegava a partir da cozinha.

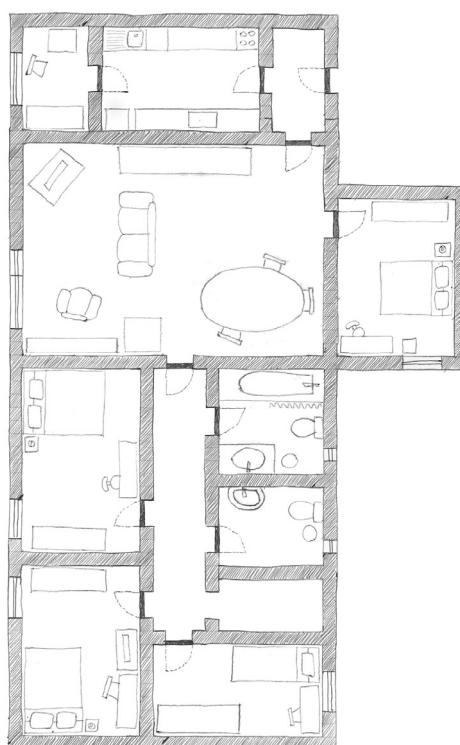
Neste novo contexto, a existência dos três quartos foi essencial, pois permitiu que cada uma pudesse ter um espaço privado para si mesma, organizado apenas segundo a sua intenção. Por outro lado, a inexistência de

uma sala não foi um problema, uma vez que a cozinha ou o corredor eram suficientes para os momentos de convívio.

Na verdade, e uma vez que estávamos as três em Erasmus, quisemos disfrutar ao máximo da experiência, ou seja, a casa não foi o lugar de reunião preferencial já que havia sempre viagens ou festas em que participávamos, além das aulas e alguns trabalhos que fazíamos em grupo na faculdade.

O habitar desta casa desenrolou-se de um modo fluído, integrando ainda ensinamentos e aprendizagens sobre esse mesmo habitar. Afinal, morar numa casa com pessoas que têm outras crenças, ideais e hábitos permite que a partilha seja uma possibilidade de evoluir nos nossos próprios modos. Ao contrário do que acontece no seio da família, onde por muitas diferenças que haja os costumes são mais idênticos e uniformes, neste contexto é necessária uma atenção ao outro e uma adaptação mútua da forma de habitar. E assim aconteceu.

COMO EM FAMÍLIA CASA DO NAMORIADO



33

Também a *Casa do Namorado* é partilhada por estudantes. No entanto, neste caso, os diferentes habitantes têm uma relação mais próxima entre si e usam a casa de forma mais assídua. Ao mesmo tempo, a distribuição dos espaços propicia essa utilização mais dedicada ao convívio.

A entrada faz-se para um pequeno espaço que logo se abre para a cozinha e, depois, por uma porta à esquerda, chega-se à sala. Esta divisão é claramente dominante e de passagem obrigatória, já que é através dela que se acede ao corredor para as casas-de-banho e os quartos. Assim, a sala torna-se o lugar de encontro por excelência.

No corredor dos quartos há, à esquerda, duas casas-de-banho e, à direita e ao fundo, três quartos onde, ao contrário daquelas da cozinha e da sala, as portas estão quase sempre fechadas. Os quartos são os únicos espaços verdadeiramente privados da casa e, ainda que a confiança entre todos permita entrar à vontade ou remexer o armário à procura ‘daquela’ camisola, quando a porta está fechada há

sempre o bater e aguardar permissão.

Assim, esta casa tem bem demarcados os limites do ‘público’ e do privado, também devido à presença comum, aí, de outras pessoas, normalmente amigos que vêm para as frequentes festas e os animados jogos de consola.

Pela sala tem-se acesso, ainda, a uma outra divisão, à esquerda de quem entra, neste caso, mais um quarto. Sendo uma casa alugada a estudantes, fez sentido inserir aí essa função.

Numa casa de estudantes, as rotinas são muito diferentes daquelas que se encontram numa família ‘típica’. E esta não é exceção: na sala, a mesa não é para jantar, raramente tendo cadeiras à sua volta; por vezes, a cozinha funciona para uma refeição de madrugada; e tantas outras situações que contrariam o ‘normal’ e que fazem com que esta casa viva em constante movimento e atividade, raramente olhando a horas e costumes pré-estabelecidos.

2.3. Reflexões

Neste capítulo, a observação das casas, tanto dos seus espaços como da forma como os habitantes os utilizam e apropriam, foi essencial para compreender, de forma mais clara, ‘o que faz da casa uma casa’.

Adicionalmente, evidenciou a intrínseca relação entre espaços, pessoas e objetos, componentes que se influenciam mutuamente, e salientou as palavras de Rino Levi, quando afirma que *o projeto da casa não se baseará no traçado das paredes. Estas virão por último, depois de distribuídas as funções, de proporcionados os espaços interiores e exteriores, de localizado cada móvel e de imaginado o jardim. A casa será entendida como a resultante encontrada para a cama, a mesa, a cadeira, os jogos das crianças, as árvores e assim por diante*¹¹².

Por outro lado, esta experiência permitiu ainda reconhecer como cada casa é um caso. Por outras palavras, diferentes pessoas interpretam e adaptam os espaços de forma distinta, segundo experiências e vontades próprias. Aquilo que cada um valoriza na sua casa está intimamente ligado à sua personalidade, aos seus ideais e valores, justificando, portanto, que *o contraste de opiniões sobre o que é bom e o que é mau do ponto de vista da construção está enraizado no facto de não existir uma unidade de critérios (...)*¹¹³. Aliás, recentemente, e apenas para dar mais um exemplo desta circunstância, conversava com um amigo sobre a nova casa para onde se mudou e que afirmava não ter ‘boa exposição solar’, ainda que estivesse voltada, quase na sua totalidade, a sul, pelo que recebia sol durante todo o dia. Vim a perceber, depois, que com essa afirmação se referia ao facto de não ter sol a entrar pela janela logo de manhã, algo que o meu amigo considerava muito agradável para acordar.

Assim, aliando a uma explicação mais ‘teórica’ do que é a casa com os motivos para a sua construção e os diferentes significados e elementos que a influenciam, contida no primeiro capítulo, a descrição baseada na experiência que revela a diversidade de situações e opções,

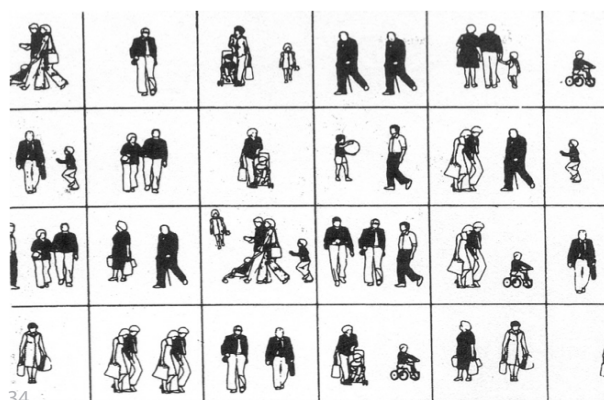
¹¹² Rino Levi, *O Projeto Residencial* (rascunho para conferência, s.d.), citado em *A Casa*, Miguel, 26-27. | ¹¹³ Heinrich Tessenow, *La Costruzione della Casa* (Milão: Edizioni Unicopli Srl, 1999), 8.

é possível compreender como a casa é, sem dúvida, um espaço muito pessoal. Ainda que seja possível identificar e agrupar as várias tipologias familiares, observa-se com estas casas que a apropriação dos espaços é sempre distinta, influenciada por ideias e concepções próprias, crenças e desejos peculiares, diferentes relações entre os habitantes.

Para o arquiteto, que desenha o suporte do doméstico, a gestão dessas referências revela-se fundamental. Dar forma ao nosso habitat é lidar intimamente com essa realidade, encontrando o espaço que as novas necessidades carecem. É propor novas maneiras de ocupar e de nos relacionarmos com o espaço. É, talvez, criar a proposta para uma habitar não só útil mas também poético¹¹⁴.

3.

formas de habitar contemporâneas



Figuras 34 e 35 | Diversidade de agregados familiares nos anos 80 | *What is a house?*, Charles Eames (s.d.)

É necessário que a casa seja bem adaptada às várias funções da vida caseira, isto é, que se preste objetivamente, não só ao repouso da família, mas especialmente ao trabalho da dona de casa, ou de quem governa a mesma e, ainda, às lides de serviçais, quando os haja, e ao trabalho do chefe de família e dos filhos¹¹⁵.

Esta afirmação insere-se num estudo sobre a casa, concretizado nos anos 40, que, apesar de ter na sua base uma compreensão da realidade familiar que já não representa plenamente a sociedade contemporânea, se mantém verdadeira na sua essência.

De facto, é essencial que a casa seja pensada de forma a que se possa adaptar às necessidades e desejos dos seus habitantes - *importa que este espaço tenha as dimensões suficientes, e também que seja organizado e estruturado de forma a permitir às diversas pessoas quer isolar-se, quer agrupar-se. As diferentes funções da habitação correspondentes aos ritmos de vida do grupo e as suas várias necessidades devem poder ser distinguidas (...)*¹¹⁶. Afinal, são os habitantes que justificam a construção da casa e essa apenas concretiza a sua função primordial quando é habitada, quando se lhe introduzem valores pessoais de intimidade e privacidade.

Por outro lado, é também certo que, atualmente, o modo de ocupação da casa se tem vindo a alterar, tanto no seio da 'tradicional' família nuclear, como com o surgimento de novas composições familiares: desde as famílias recompostas, às mono-parentais, às famílias conjugais, casais sem filhos, (...), aos casais em que cada um dos cônjuges habita a sua casa, (...), até aos mono-residentes (...)¹¹⁷. Ao mesmo tempo, juntamente com a estrutura cambiante da família, há um número crescente de pessoas que trabalham em casa; novas atitudes face à privacidade, à proteção, e à segurança em casa; uma população envelhecida; e um respeito crescente pelo ambiente natural. Porém ao mesmo tempo, a nostalgia mantém-se uma força poderosa na forma como pensamos sobre a casa. (...) Então qualquer definição de casa hoje tem de considerar como

¹¹⁵ Pereira, *Casa e Mudança Social*, 76. | ¹¹⁶ Miguel Jacobetty, "Estudo das casas de renda económica", in *1º Congresso Nacional de Arquitectura. Relatório da comissão executiva: teses, conclusões e votos do congresso*, Sindicato Nacional dos Arquitectos (Lisboa:Gráfica Santelmo, 1948), citado em *Casa e Mudança Social*, Pereira, 76. | ¹¹⁷ Pereira, *Casa e Mudança Social*, 27.

*as novas atitudes e valores confrontam o familiar; como as nossas necessidades são servidas pelo que sabemos, bem como pelo que lembramos*¹¹⁸.

É importante considerar, ainda, e uma vez que se trata do modelo habitacional aqui estudado, *que um projeto de habitação coletiva dá-se de um modo diferente, pois trata-se de pessoas desconhecidas do arquiteto. (...), pelo que, a solução [deve] ser, tanto quanto possível, neutra, para que os futuros moradores encontrem um ambiente propício com amplas facilidades de adaptação (...)*¹¹⁹.

3.1. O Problema da Habitação

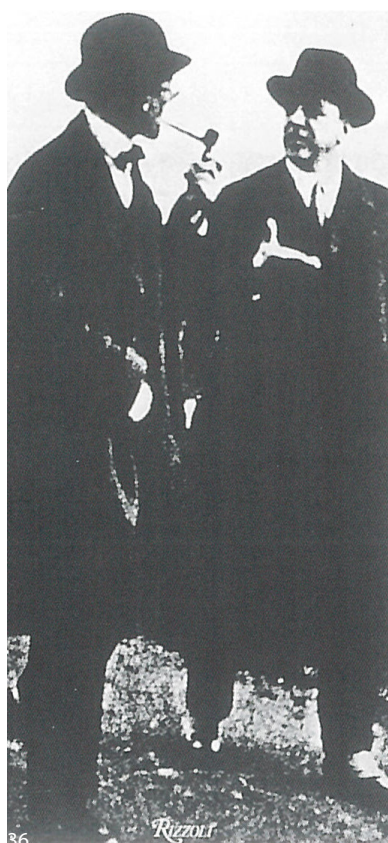
Ao longo do século XX, o tema da residência foi o *núcleo central da investigação desenvolvida no âmbito da arquitetura*¹²⁰, com a intenção de *restaurar algumas das condições da vida urbana que com a irrupção da cidade industrial se degradaram*¹²¹.

Com efeito, o processo de industrialização da economia mundial que ocorreu no final do século XVIII e durante o século XIX teve como consequência transformações profundas nos modos de vida humanos, refletidas na atitude dos indivíduos e da sociedade, nomeadamente no que diz respeito ao aumento do consumo.

No campo da arquitetura e do urbanismo, a industrialização provocou, primeiro, a separação entre casa e trabalho e, depois, a migração da população rural para os grandes centros urbanos, o que resultou na *densificação em altura e profundidade dos velhos tecidos residenciais*¹²² para proporcionar habitação a todos. Assim, o edifício residencial coletivo passou a ser o principal elemento de construção urbana, remetendo-se as *formas residenciais próprias da cidade tradicional*¹²³ apenas a *pequenos setores marginais, frequentemente sujeitos a grave deterioro*¹²⁴. Não obstante, a rápida expansão urbana originou construções deficientes e com reduzidas condições de habitabilidade.

Face a esta situação, e ainda antes da chegada do século XX, os arquitetos demonstraram a sua repulsa pelo *progresso industrial que produz objetos de má qualidade, cuja barateza é paga com as vidas dos seus produtores e a degradação dos utilizadores (...) para não falar da fealdade do dia-a-dia a que acostumamos os nossos olhos, confusos pela inundação de falso gosto, ou escurecidos pela vida apressada das cidades modernas nas quais enormes agregações de humanidade existem igualmente removidas da arte e da natureza*¹²⁵, e defenderam a *realização do ideal da casa enquanto obra de arte*¹²⁶, valorizando a simplicidade e a expressão pela natureza dos materiais de construção, em detrimento do ecletismo e da ornamentação.

¹²⁰ Carlos Martí Aris, ed., *Las Formas de la Residencia en la Ciudad Moderna* (Barcelona: Ediciones de la Universidad Politécnica de Catalunya, SL, 2000), 13. | ¹²¹ Aris, *Las Formas de la Residencia*, 20. | ¹²² Aris, *Las Formas de la Residencia*, 15. | ¹²³ Aris, *Las Formas de la Residencia*, 19. | ¹²⁴ Aris, *Las Formas de la Residencia*, 19. | ¹²⁵ Alan Crawford, "W. A. S. Benson, Machinery, and the Arts and Crafts Movement in Britain", *The Journal of Decorative and Propaganda Arts* 24 (2002): 96. | ¹²⁶ Richard Weston, *A Casa do Século XX*, trad. Helena Sancho (Lisboa: Editorial Blau, 2002), 11.



Figuras 36 a 38 | Le Corbusier e Mies van der Rohe em Estugarda (1927) | Cartaz da Exposição de Estugarda (1927)
| Organização dos participantes da exposição

Posteriormente, com a entrada naquele século, a casa evoluiu progressivamente de uma produção puramente artística para o conceito de ‘máquina de habitar’ (designação atribuída, como veremos mais adiante, por Le Corbusier). As vanguardas modernistas procuraram, sobretudo após o final, em 1918, da Primeira Guerra Mundial, *o reconhecimento da importância da normalização e mecanização no desenho do habitar*¹²⁷, bem como *a decomposição da caixa arquitetônica*¹²⁸, num processo contínuo para o desenvolvimento de um novo sistema, de uma nova objetividade.

Neste contexto, surgiram as primeiras normas para a standardização, através das quais as formas se definiam a partir da finalidade, do material e da técnica. Emergiu o conceito de *Existenzminimum*, definido como o *mínimo básico de espaço, ar, luz e calor que é necessário ao Homem*¹²⁹, e resultante da crença de que *a arte de projetar é a arte de colocar o Homem no espaço e organizar as suas medidas nele*¹³⁰. A casa passou, assim, a ser entendida como base da arquitetura, primeiro nível da investigação arquitetônica, uma vez que representava a unidade básica de composição das cidades.

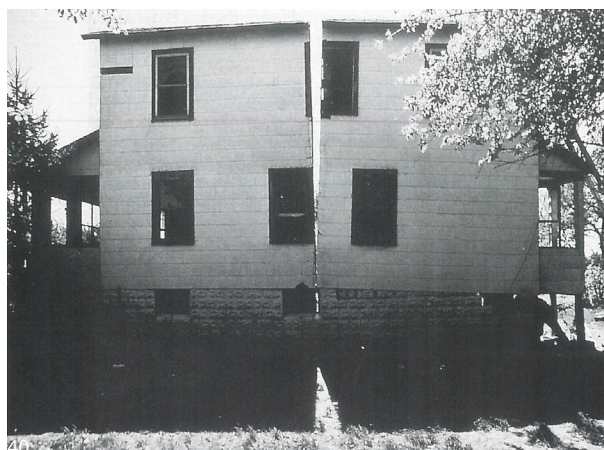
Os novos ideais modernos de habitar ligados à industrialização tiveram a sua mais visível concretização na Exposição Internacional das Artes Decorativas de Paris e na Exposição de Estugarda, respetivamente, em 1925 e 1927.

Por um lado, a primeira surgiu do experimentalismo das vanguardas do Paris dos anos 20, que exprimia *o entendimento do passado como substrato dialético e não como linguagem clássica, o papel da produção industrial e da standardização na solução da casa, a fé otimista na máquina e o compromisso por uma utópica regeneração social através da arquitetura*¹³¹. Destacou-se Le Corbusier que defendia a utopia maquinista - *a casa é uma máquina para se habitar no seu interior*¹³² - juntamente com o funcionalismo, propondo estes conceitos como possível resposta às necessidades do pós-guerra, através da produção da casa em massa.

Por outro lado, a segunda assinalou *a convergência de experiências investigadoras e formais*¹³³, representando *um dos eixos de coordenação que definem a origem e a plenitude do Movimento Moderno*¹³⁴. Mies van der Rohe, além de organizar e projetar a exposição, apresentou um edifício de apartamentos, onde perseguiu o objetivo de obter plantas flexíveis, por forma a acomodar as necessidades cambiantes dos moradores, bem como o seu desejo pela liberdade máxima no desenho dos próprios interiores, e que concretizou através da regularidade compositiva e construtiva.

Então, o recurso ao racionalismo e funcionalismo, atribuindo à casa um caráter internacional *tanto no espírito como nos conceitos*¹³⁵, originou um conjunto de construções que se centravam

¹²⁷ José Ramón Alonso Pereira, *Introducción a la Historia de la Arquitectura: espacio, forma y escala* (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005), 225-226. | ¹²⁸ Pereira, *Introducción a la Historia de la Arquitectura*, 225. | ¹²⁹ Walter Gropius, “Die Wohnung für das Existenzminimum” (conferência proferida no 2º Congresso Internacional de Arquitectura Moderna, Frankfurt, 1929). | ¹³⁰ Pereira, *Introducción a la Historia de la Arquitectura*, 239. | ¹³¹ Lléo, *Sueño de Habitar*, 71. | ¹³² Weston, *A Casa do Século XX*, 43. | ¹³³ Pereira, *Introducción a la Historia de la Arquitectura*, 247. | ¹³⁴ Pereira, *Introducción a la Historia de la Arquitectura*, 247. | ¹³⁵ Weston, *A Casa do Século XX*, 52.



Figuras 39 e 40 | Casa Vanna-Venturi, Robert Venturi (1962-1964) | *Splitting*, Gordon Matta-Clark (1974)

na necessidade amplamente partilhada de ultrapassar as diferenças nacionais que haviam conduzido à guerra, e de construir uma nova ordem mundial segundo valores racionais de suposta universalidade¹³⁶, e acabariam por ser definidas de Estilo Internacional. Não tardaria, contudo, o surgimento de críticas que condenavam a despreocupação face às necessidades específicas dos locais e mesmo das pessoas, pelo que este estilo passou a ser adaptado às tradições locais pelo recurso ao vernáculo, numa metodologia que *nasce do encontro entre o homem e as coisas, entre a história e a natureza, entre a razão e a emoção*¹³⁷.

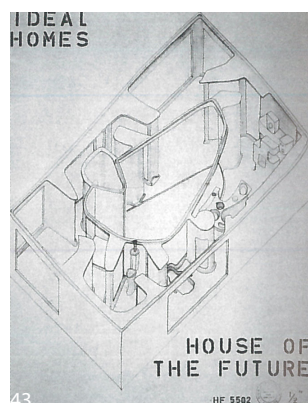
Mais tarde, as primeiras quebras com os princípios modernos surgiram através de conceitos como fragmentação e desconstrução, traduzindo a crise do lar moderno. Num primeiro momento, foram protagonizadas por Robert Venturi, que sugeria a recusa dos pressupostos e modelos universais e rejeitava a linguagem baseada em conceitos abstratos de espaço, forma e estrutura, valorizando antes *uma linguagem que funciona, sobretudo, através de códigos culturalmente definidos*¹³⁸, concentrada *nas vertentes da comunicação e do estilo*¹³⁹. Conceitos como fragmentação e desconstrução passaram a incorporar a linguagem da composição arquitetónica, traduzindo a crise do lar moderno. Depois, outros arquitetos exploraram esta arquitetura Pós-Moderna, desafiando a organização e sistematização do sonho modernista, através da fragmentação que representava *o espelho da vitalidade de um novo mundo isento de normas rígidas*¹⁴⁰. Desta forma, denunciavam uma arquitetura em que a abstração provocava o afastamento da realidade física da vida quotidiana e promoveram a incorporação dos *conceitos da modernidade como fonte de mudança social e como meio para modificar as relações humanas*¹⁴¹.

Depois da Segunda Guerra Mundial, assistiu-se a uma aceleração do progresso, com importantes avanços científicos e tecnológicos. Além disso, especialmente a partir dos anos 60, as preocupações ambientais, nomeadamente no que diz respeito às consequências do crescimento exponencial de algumas sociedades, passaram a integrar a cultura dominante.

Se, por um lado, *os rápidos avanços da cibernética e da biotecnologia desfocaram problemáticamente os limites entre o homem e a máquina*¹⁴², por outro lado, *as novas tecnologias estão a entrar na casa e a desmaterializar os seus limites*¹⁴³, condições que originaram novas formas de viver e habitar. A imposição da tecnologia da informação atribuiu à casa um caráter virtual, para a qual passaram a existir diferentes modos de conceção: *as novas tecnologias já desmistificadas entraram na vida do habitante, e a casa, como meio associado a cada sujeito, será conexão de desejos, conjunção de fluxos, continuum de intensidades*¹⁴⁴.

O século XXI trouxe, assim, *uma inusitada liberação do espaço doméstico*¹⁴⁵, marcado pela

¹³⁶ Weston, *A Casa do Século XX*, 52. | ¹³⁷ Lléo, *Sueño de Habitar*, 118. | ¹³⁸ Weston, *A Casa do Século XX*, 190-192. | ¹³⁹ Weston, *A Casa do Século XX*, 190. | ¹⁴⁰ Weston, *A Casa do Século XX*, 216. | ¹⁴¹ Lléo, *Sueño de Habitar*, 155. | ¹⁴² Lléo, *Sueño de Habitar*, 188. | ¹⁴³ Lléo, *Sueño de Habitar*, 187. | ¹⁴⁴ Lléo, *Sueño de Habitar*, 221. | ¹⁴⁵ Lléo, *Sueño de Habitar*, 218.



Figuras 41 a 43 | *Just what is it that makes today's home so different, so appealing?*, Richard Hamilton (1992)

| A Casa do Futuro, Alison e Peter Smithson (1955-1956) - perspectiva e esquema da maquete

alteração da estrutura da família que *está-se a fragmentar numa grande variedade de lares*¹⁴⁶, tanto no que diz respeito à sua composição, como às suas formas de habitar e de se apropriar do espaço da casa.

De facto, *nas últimas décadas e nas sociedades avançadas, vem-se produzindo a dissolução da família nuclear, habitante fundamental da casa desde a primeira revolução industrial*¹⁴⁷. Atualmente, por diversos motivos, são cada vez mais comuns, por exemplo, os casais sem filhos ou as famílias monoparentais. A saída tardia por parte dos jovens da casa dos pais, bem como o aumento da longevidade, promovem a convivência entre várias gerações. Numa mesma casa, é também cada vez mais comum a coabitação juvenil. Todos estes fatores têm influência na procura e aquisição de vivenda por parte dos mais diversos tipos de famílias; *tudo isso traz inevitavelmente uma autêntica revolução doméstica; a casa hoje, mais além da sua estrutura física ou do seu carácter mítico protetor, é um espaço em transformação uma vez que reflete as disfunções vitais mais urgentes do nosso tempo*¹⁴⁸. Por outro lado, houve também alterações nas formas de vida: a mulher já não é apenas a dona de casa; os diferentes membros da família vivem a ritmos diferentes, o que leva a que a sua reunião num mesmo espaço seja menos frequente. Ao mesmo tempo, as novas tecnologias e a integração do trabalho na habitação são cada vez mais comuns.

Todos estes fatores requerem uma diferente distribuição das funções na casa, assim como uma reconsideração das dimensões dos diferentes espaços. A casa contemporânea não pode continuar a ser pensada tal como tem vindo a ser até hoje, uma vez que a realidade a que se destina - as famílias e as suas formas de habitar - mudaram e continuam a mudar. Se *a habitabilidade é um conceito cultural e portanto mutável com a evolução da sociedade e o desenvolvimento de novas tecnologias*¹⁴⁹, o desenho da habitação deve ter em consideração essa evolução. Além disso, este é um processo contínuo, pelo que é essencial refletir *sobre dispositivos adaptados aos modos de vida atuais mas suficientemente flexíveis para ser válidos num futuro próximo*¹⁵⁰.

*A ideia desenvolvida aqui é que uma vivenda deve poder mudar e adaptar-se à evolução das necessidades dos seus habitantes. (...) A arquitetura deve assumir a ideia de que o tempo passa*¹⁵¹.

¹⁴⁶ Duo Dickinson, *Small Houses for the Next Century* (Nova Iorque: McGraw-Hill, 1995), citado em *Geography of Home*, Bush, 18. | ¹⁴⁷ Lléo, *Sueño de Habitar*, 187. | ¹⁴⁸ Lléo, *Sueño de Habitar*, 186-187. | ¹⁴⁹ Luís F. Cartagena Travesedo, in *Nuevos Modos de Habitar*, Melgarejo, 3. | ¹⁵⁰ Eleb, "Modos de vida emergentes y hábitat", 54. | ¹⁵¹ Eleb, "Modos de vida emergentes y hábitat", 41.

3.2. Nas Mãos do Arquiteto

Estou certa que o processo de conceção, (...), tem a ver com encontrar um sentido de ordem para as coisas. Outra palavra para isso é encaixe. E esta é a forma como tento definir a conceção. Como tendo a ver com o modo como as coisas encaixam - como objetos se encaixam na mão, como o mobiliário se encaixa no corpo, como as pessoas se encaixam nos edifícios, e como os edifícios se encaixam na paisagem. (...) A conceção, mais do que tudo, pode ser sobre este sentido de encaixe entre pessoas, espaços e objetos. E se pensarmos na conceção como sendo sobre encaixe, consideramos não apenas as dimensões físicas, mas também as morais e sociais¹⁵².

Quais são, então, os fatores que influenciam a percepção e o habitar da casa? Mais ainda, de que forma é que os arquitetos, hoje, os interpretam e aplicam em diferentes projetos e contextos? E por fim, haverá um modelo a seguir que permita o desenho de uma casa mais flexível e adaptável às diversas realidades da sociedade atual?

Com um entendimento mais fundamentado sobre o que são os espaços da casa, as formas de habitar e as novas tipologias familiares, é possível, então, identificar as ferramentas à disposição do arquiteto. Afinal, *é o arquiteto [que] cria os locais onde habitar mas também define restrições. O projeto completo oferece oportunidades para a emergência de certas formas de habitar e impede outras¹⁵³*. Aqui, essas ferramentas surgem na forma de sete temas que conformam e definem o desenho da casa, e que, depois, são a base para a procura de adaptação às novas realidades.

O espaço arquitetónico é uma categoria especial do espaço livre, fenomenalmente criada pelo arquiteto quando dá forma e escala a uma parte do espaço livre¹⁵⁴. No desenho da casa, o primeiro passo é a definição do espaço que ocupa, ou seja, a separação de *uma parte particular*

¹⁵² Bush, *Geography of Home*, 25-26. | ¹⁵³ Leupen e Mooij, *Housing Design*, 32. | ¹⁵⁴ Charles Moore e Gerald Allen, *Dimensiones de la Arquitectura: espacio, forma y escala*, trad. Pilar Bonet e Esteve Rimbau i Sauri (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978), 17.

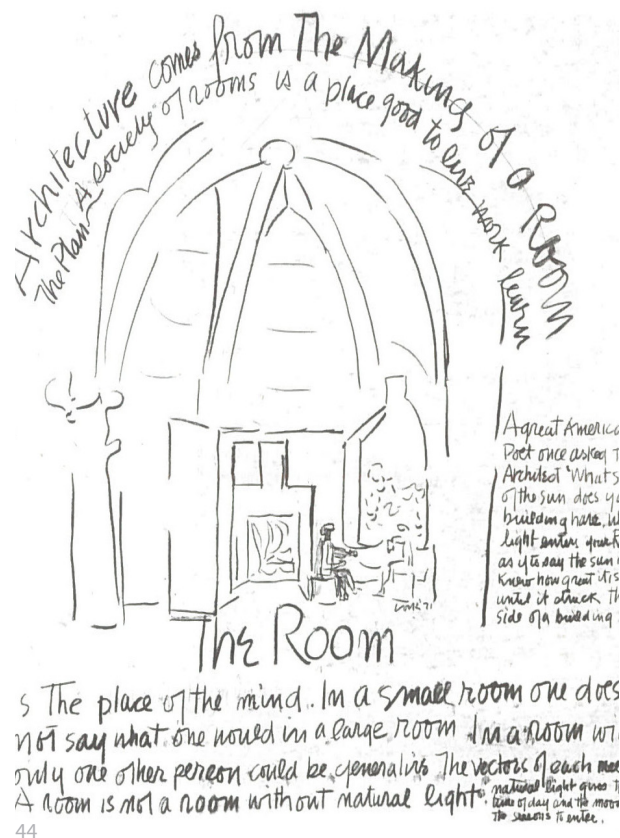


Figura 44 | Architecture Comes from the Making of a Room, Louis I. Kahn (1971)

do conjunto, do espaço total¹⁵⁵. Essa parte é composta por diferentes lugares ou divisões com características distintas e que, portanto, adquirem um caráter diferente. Então, num primeiro momento, a casa é a arquitetura do vazio.

Devido ao seu sentido de refúgio, depois, *onde o homem se pode retirar, protegido da chuva, vento e luz, em completa segurança e descontração*¹⁵⁶, o espaço interior adquire uma importância vital. Esta oposição entre *a ideia de asseio e serenidade dentro, contrastando com a brutalidade e confusão fora*¹⁵⁷ tem a sua primeira experiência nos momentos em que se concretiza a transição: a soleira, a porta e o espaço de entrada da casa. Assim, a cerimónia do entrar concretiza-se na transposição dos limites exterior/interior e, mais importante, público/privado.

Ao mesmo tempo, é a partir do espaço de entrada que se acede aos outros lugares da casa. Dentro da esfera do privado, as várias divisões organizam-se em determinada ordem, gradualmente identificando os vários níveis de privacidade, numa *sequência natural de espaços que vão desde as áreas mais públicas (...) às mais privadas (...)*¹⁵⁸. Assim, ainda que representando no seu conjunto uma entidade privada por oposição ao domínio público que se materializa primeiro no conjunto edificado e depois na rua, a casa integra espaços com demarcações distintas: *o quarto é o mais íntimo; (...) as áreas comuns ou a cozinha são mais públicas (...) o vestíbulo de entrada tem o máximo carácter público*¹⁵⁹.

Além disso, *os habitantes têm tendência a pensar em termos de quartos e lugares: não meras entidades espaciais, mas combinações de muitos tipos de coisas (...) que juntas formam um ambiente identificável*¹⁶⁰. Neste sentido, o desenho da casa integra a criação de *localizações específicas para as funções diárias da vida (...)*¹⁶¹. Apesar de ser uma condição controversa, não pela distinção das funções em si, mas antes pela influência pejorativa que as designações comportam no momento do projeto, em que, por isso, se valorizam alguns espaços em detrimento de outros, esse atribuir funções confere aos espaços condição de servir ou ser servido, de acordo com as atividades desenvolvidas em cada um e respetiva relação às demais e, portanto, atribuindo uma certa ordem ao conjunto que compõe a casa.

O caráter dos espaços da casa é ainda influenciado pela forma e disposição dos seus acessos, ou seja, das portas que entre eles se colocam. De facto, *(...) as portas que ligam ou isolam umas divisões das outras influenciam a nossa interpretação da casa e seus usos*¹⁶². O movimento interior define as diferentes possibilidades de utilização dos espaços, sendo *penetrante, mas por vezes tão subtil que passa inadvertido*¹⁶³. A presença das portas, a possibilidade de as abrir ou fechar, induz tanto a privacidade como a sociabilidade, contribuindo ainda para a versatilidade

¹⁵⁵ Moore, Allen, e Lyndon, *La Casa*, 141. | ¹⁵⁶ Ramalhe e Carvalho, *Habitar Pensar Investigar Fazer*, 49. | ¹⁵⁷ Sir John Summerson, *Heavenly Mansions (and other essays on architecture)* (Londres: Cresset Press, 1949), 2. | ¹⁵⁸ Alexander, Ishiawa, e Silverstein, *Un Language de Patrones*, 597. | ¹⁵⁹ Alexander, Ishiawa, e Silverstein, *Un Language de Patrones*, 544. | ¹⁶⁰ N. J. Habraken, *The Structure of the Ordinary: form and control in the built environment* (Cambridge: The MIT Press, 1998), 16. | ¹⁶¹ Habraken, *The Structure of the Ordinary*, 16. | ¹⁶² Moore, Allen, e Lyndon, *La Casa*, 205. | ¹⁶³ Moore, Allen, e Lyndon, *La Casa*, 205.

dos espaços¹⁶⁴.

Por fim, também a presença ou ausência de um espaço exterior privado tem influência na experiência de habitar a casa. O apropriar exterior, que se materializa, de uma forma geral, em varandas ou terraços, resulta de uma procura da conjugação dos limites entre o público e o privado, atenuando-os e, ao mesmo tempo, conjugando as vivências de cada parte. *O interior e o exterior formam uma dialética de dissecação*¹⁶⁵, pelo que são essas varandas ou terraços que promovem o diálogo entre as duas realidades, estendendo-as mutuamente.

4.

as casas de hoje

Identificados os novos contextos familiares e definidos os principais temas em estudo, procurou-se a sua concretização na contemporaneidade, através da análise de um conjunto de projetos que introduzem várias hipóteses e diferentes modos de desenho e organização dos espaços.

Para a construção deste conjunto, foram selecionadas casas em edifícios de habitação plurifamiliar com projeto e construção do ano 2000 em diante, através de uma primeira observação para a identificação da forma de resolução daqueles temas.

Procurámos encontrar exemplos em que os temas surtissem representados em perspetivas distintas, tanto por diferentes formas de os conjugar num mesmo projeto, como através de métodos singulares de aplicar cada um deles, integrando, por isso, hipóteses mais ou menos afastadas de soluções convencionais.

Naturalmente, a amostra que aqui se apresenta não pode ser considerada como representativa de toda a construção doméstica contemporânea, nem se procurou concebê-la como tal. Não foi também intenção avaliar os projetos como contendo soluções certas ou erradas, mas antes demonstrar diferentes modos de manipulação dos temas descritos que, portanto, originam formas distintas e possibilidades diversas para a apropriação do espaço da casa.

No Anexo 2 surge a tabela-síntese de apresentação de todas as casas deste capítulo.

Tema 1

A Arquitetura do Vazio

dimensão dos espaços

- entrada
- circulação
- sala
- quarto
- cozinha
- quarto-de-banho
- exterior

Tema 2

A Cerimônia do Entrar

forma da entrada

- entrada
- circulação
- sala
- quarto
- cozinha
- quarto-de-banho
- exterior

Tema 3

Dentro da Esfera do Privado

zonas de dia e de noite | gradações de privacidade

- menor
- maior

Tema 4

Funções: servir ou ser servido

zonas de serviço

- zona de dia
- zona de noite
- zona de serviço

Tema 5

O Movimento Interior

colocação das portas

- porta
- entrada
- circulação
- sala
- quarto
- cozinha
- quarto-de-banho

Tema 6

O Apropriar Exterior

espaço exterior privado e sua relação com a casa

- espaço exterior
- corredor
- sala
- quarto
- cozinha

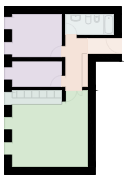
Tema 7

Uma Divisão a Mais

espaços que se destacam da organização da casa

- social
- íntimo
- híbrido

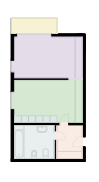
F01



F02 (a)



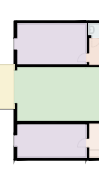
F02 (b)



F02 (c)



F02 (d)



F02 (e)



F03 (a)



F03 (b)



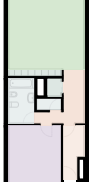
F04 (a)



F04 (b)



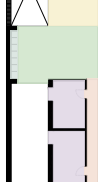
F05 (a)



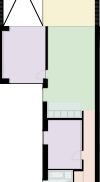
F05 (b)



F06 (a)



F06 (b)



F07 (a)



F07 (b)



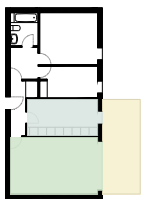
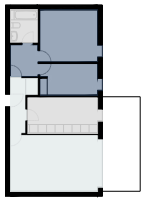
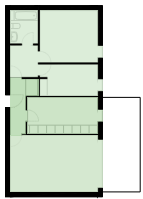
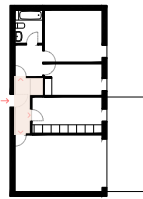
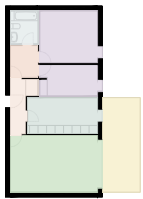
F07 (c)



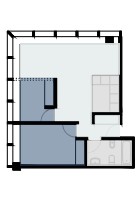
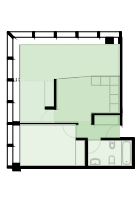
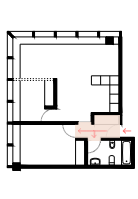
F08 (a)



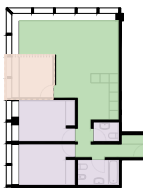
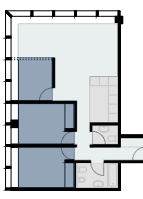
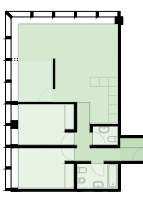
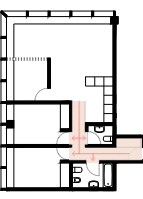
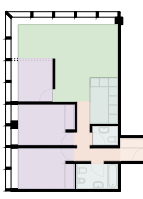
F08 (b)



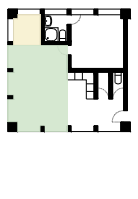
F09 (a)



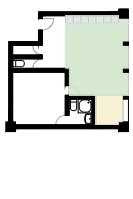
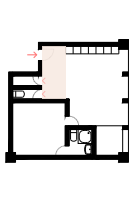
F09 (b)



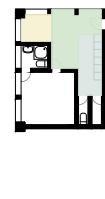
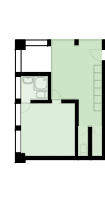
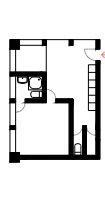
F10 (a)



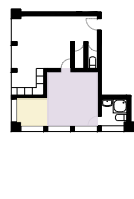
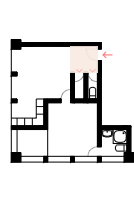
F10 (b)



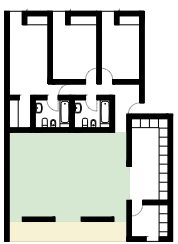
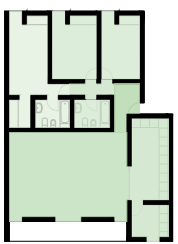
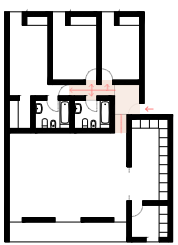
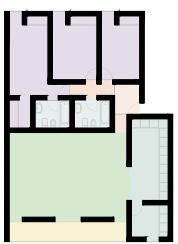
F10 (c)



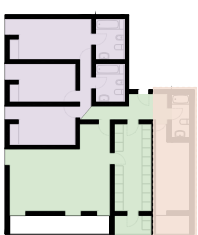
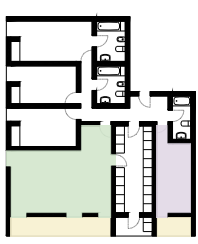
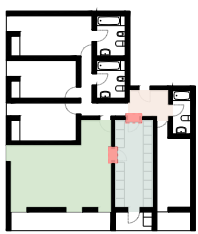
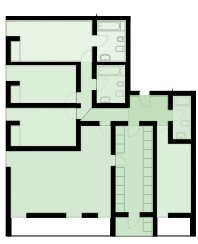
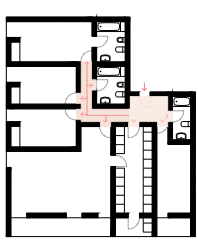
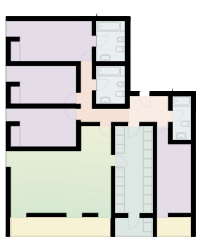
F10 (d)



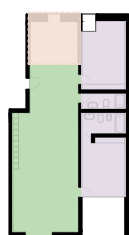
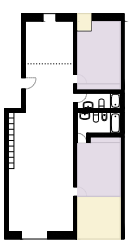
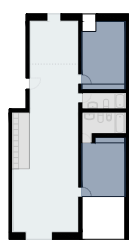
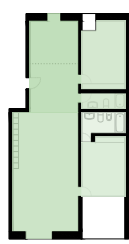
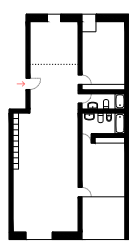
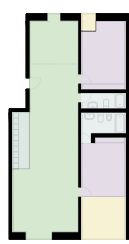
F11 (a)



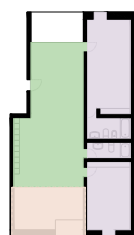
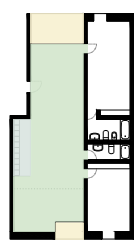
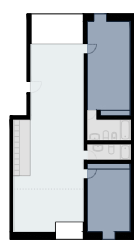
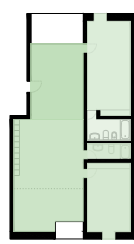
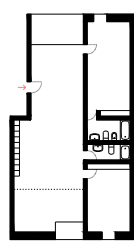
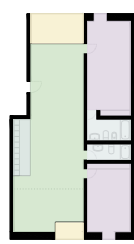
F11 (b)



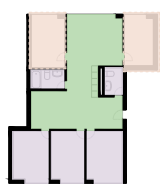
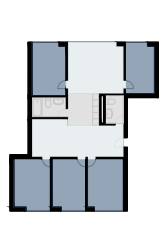
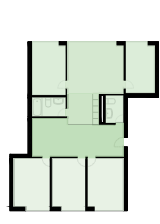
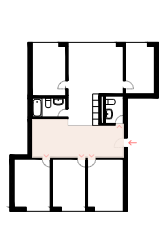
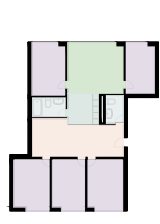
F12 (a)



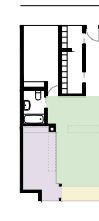
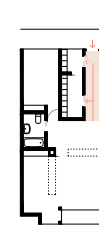
F12 (b)



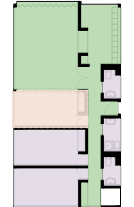
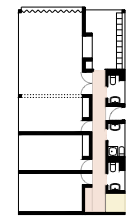
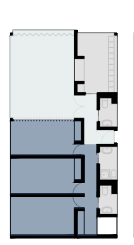
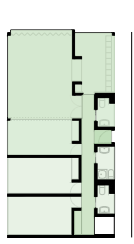
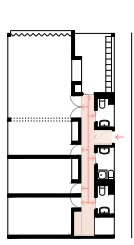
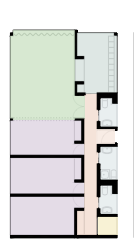
F13



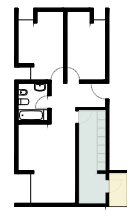
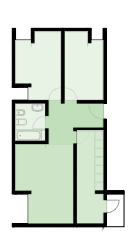
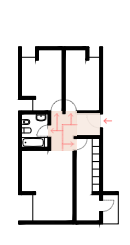
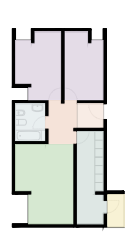
F14 (a)



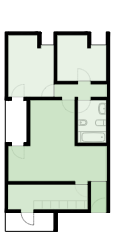
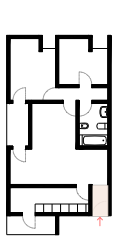
F14 (b)



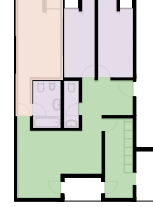
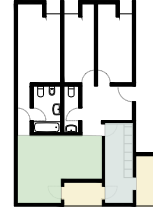
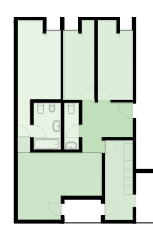
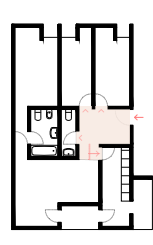
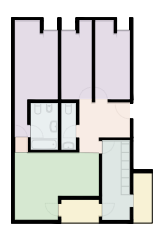
F15 (a)



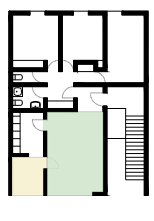
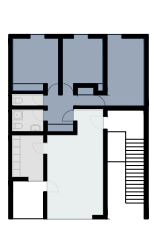
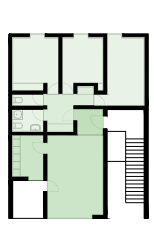
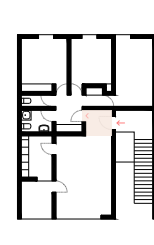
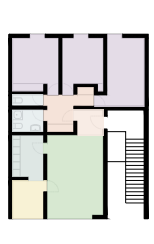
F15 (b)



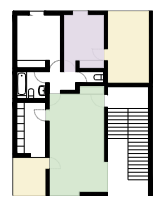
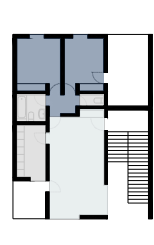
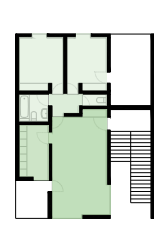
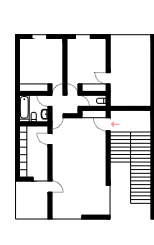
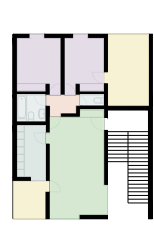
F15 (c)



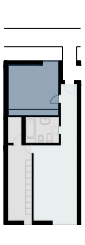
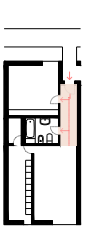
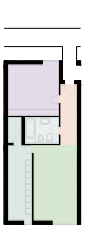
F16 (a)



F16 (b)



F17



4.1. A Arquitetura do Vazio

Construir uma casa implica formular uma série de espaços que se organizam em determinada ordem e se influenciam mutuamente. Cada um desses espaços é uma ‘habitação’, *a célula da casa*¹⁶⁶ e exige ser pensada como algo autônomo; como um espaço que tem uma certa independência¹⁶⁷. A casa, enquanto conjunto de ‘habitações’, é (ou deve ser), então, resultado de uma agregação de espaços diferenciados, e não de uma subdivisão do espaço do qual resultam uma série de lugares destinados às atividades do Homem.

Martin Heidegger¹⁶⁸ explica que é possível compreender, pela definição antiga, que ‘*Raum*’ (palavra germânica para ‘espaço’) significa um lugar libertado para assentamento e alojamento. É algo livre, dentro de uma fronteira. Assim, *as habitações são feitas (...) de espaço, uma característica mais importante do que qualquer das suas fronteiras, ainda que seja criada por elas*¹⁶⁹. É a criação do espaço ou, por outras palavras, a arquitetura do vazio, que influencia a circulação e a ocupação que o Homem faz desse mesmo espaço.

*Estar dentro, no centro de, na margem de, por cima, por baixo, ao dobrar a esquina, mais além, ou mesmo ao lado de algo são atos básicos do habitar. Na nossa opinião, estes atos requerem que uma casa tenha numerosos lugares, que haja recintos, sinais e outros elementos que tracem o mapa dos complexos domínios pessoais*¹⁷⁰. Assim, a casa inclui uma série de componentes individuais que permitem a realização total do ato de habitar, algo que, contudo, ocorre apenas se esses funcionarem enquanto um conjunto confortável para o Homem.

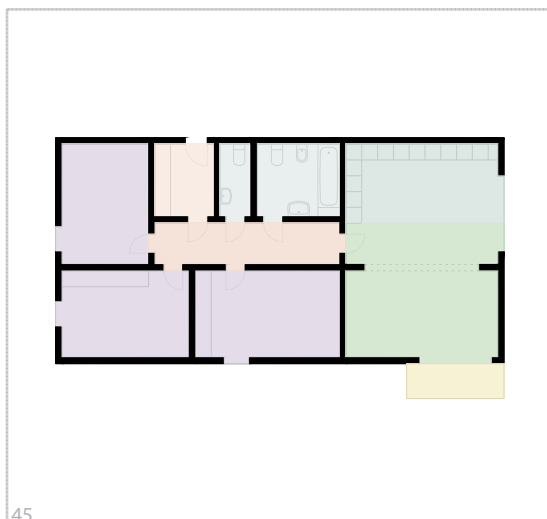
Para a existência desse clima acolhedor têm influência a forma dos espaços, as suas dimensões e as relações que se estabelecem entre eles. No que diz respeito aos dois primeiros fatores, diferentes configurações influenciam de forma distinta a percepção que se tem e o uso que se dá ao espaço.

Na verdade, *o espaço deve ser tão grande que possa ser verdadeiramente enchido pela vida*

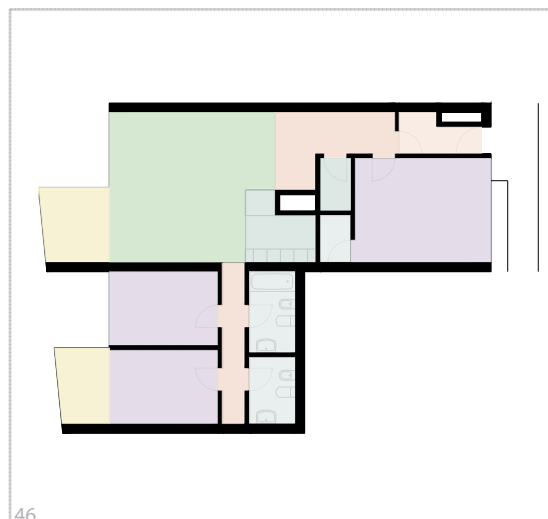
¹⁶⁶ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 54. | ¹⁶⁷ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 56. | ¹⁶⁸ Barbara Miller Lane, ed., *Housing and Dwelling: perspectives on modern domestic architecture* (Londres: Routledge, 2007), 52. | ¹⁶⁹ Moore, Allen, e Lyndon, *La Casa*, 80. | ¹⁷⁰ Moore, Allen, e Lyndon, *La Casa*, 197.

*do homem que o habita. E evidentemente isto varia segundo cada pessoa*¹⁷¹. Há, no entanto, determinadas características cuja apreensão tem, naturalmente, consequências semelhantes. Uma divisão quadrada, por exemplo, pelo facto de apresentar igual comprimento e largura, adquire uma qualidade estática. Em contrapartida, se o comprimento aumentar bastante em relação à largura, cria-se uma sensação de movimento. Qualquer uma destas condições pode ser desejada, dependendo do carácter que se pretende dar ao espaço em questão e às funções que se atribuem a cada lugar. Por outro lado, pode ainda usar-se a altura dos tetos para conferir diferentes sensações, uma vez que pequenas variações nessa dimensão são mais perceptíveis e, portanto, têm grande influência na qualidade espacial¹⁷².

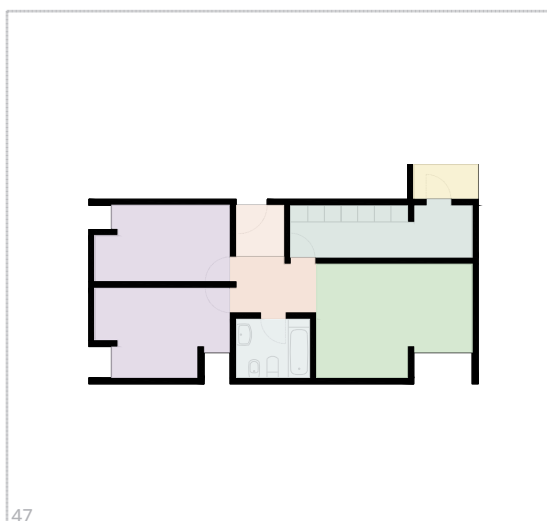
É, por isso, a partir da conjugação de todos estes fatores que é possível criar lugares diferenciados dentro da casa, cada qual com as suas características e possibilidades, dando ao habitante *uma sensação mais clara de onde está em cada caso e de que esse lugar é distinto de todos os demais da casa*¹⁷³.



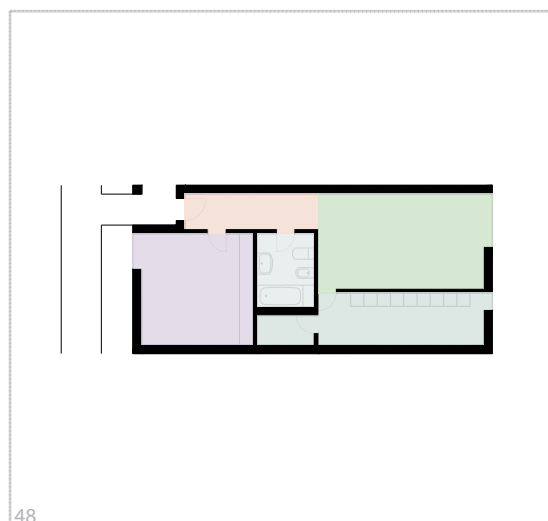
45



46



47

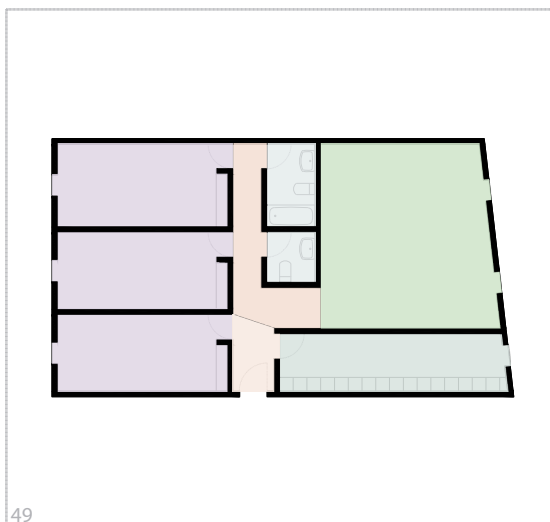


48

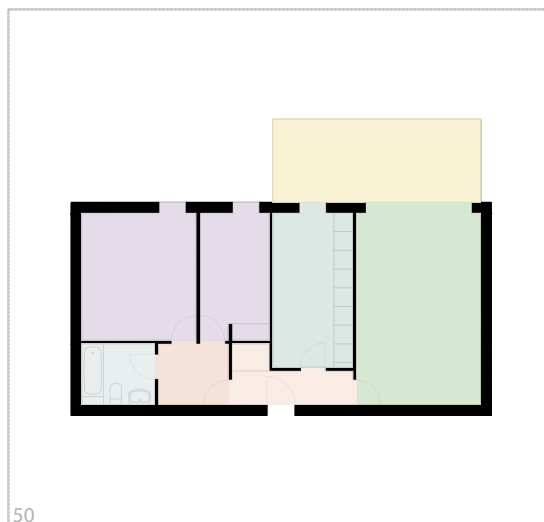
Em muitos dos projetos contemporâneos é comum verificar uma aproximação das dimensões dos espaços, ao contrário do que acontecia outrora, quando se valorizava apenas a sala, por ser o espaço de convívio familiar, o que se traduzia nas suas maiores proporções em relação às dos quartos, cuja utilização se fazia apenas para dormir.

Atualmente, a conceção do espaço do quarto mudou, surgindo como um lugar privado e íntimo onde se realizam muitas outras atividades além do descanso, o que resulta no seu aumento progressivo. De facto, hoje em dia, muitos fatores contribuem para que a sociabilidade e o convívio tenham perdido alguma importância, enquanto o estar sozinho é cada vez mais valorizado.

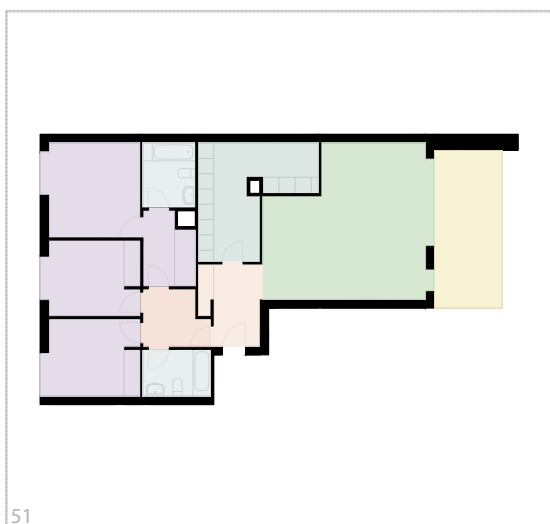
Assim, nestes projetos, ainda que a sala continue a ser o espaço dominante, as suas dimensões diminuirão, permitindo o crescimento do quarto.



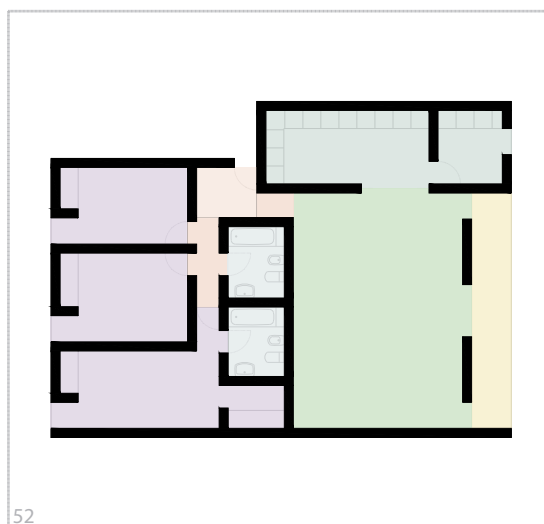
49



50



51



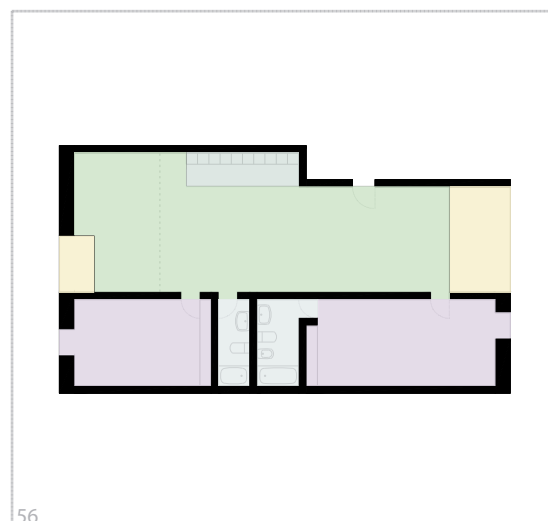
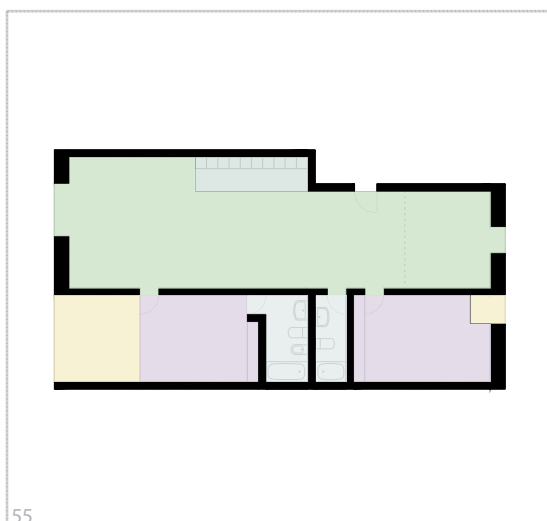
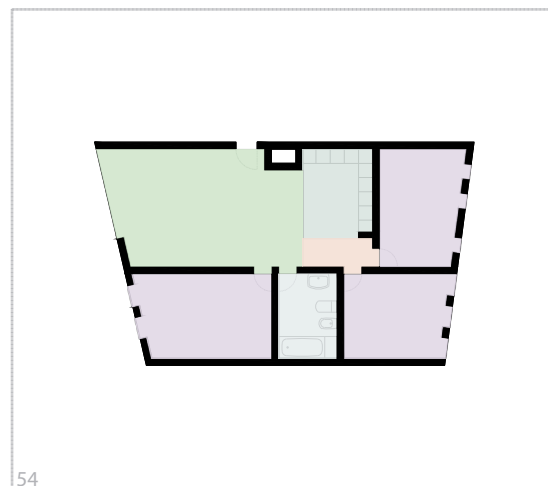
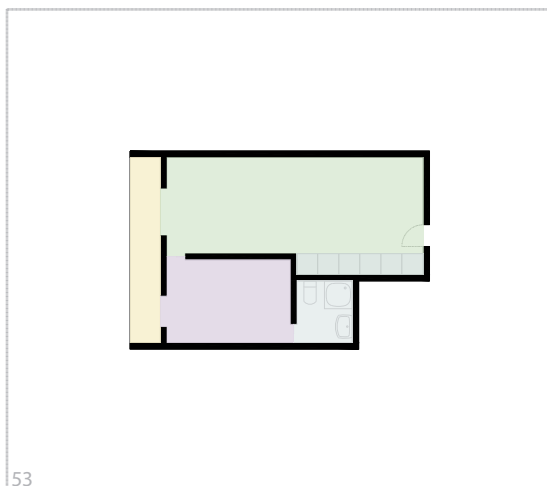
52

Não obstante, alguns arquitetos continuam a optar por uma solução mais convencional, na qual a sala é o espaço que domina a planta, ao apresentar maiores dimensões.

Justifica-se este fator pelo facto de essa divisão ser o espaço de reunião e convívio por excelência, onde, normalmente, se concretizam as funções de estar e de jantar e, portanto, requer uma maior área para que se possa integrar todo o conjunto de mobiliário e objetos inerentes a essas.

Ao mesmo tempo, apesar de se terem vindo a alterar as composições familiares que habitam as casas, as tradicionais famílias nucleares continuam a ser as dominantes, pelo que não será de estranhar que muitas construções sejam pensadas ainda com base nessa estrutura.

Estes projetos, então apresentam uma valorização do espaço da sala justificada em si mesma.



Por outro lado, em determinadas situações pode atribuir-se a maior dimensão da sala ao facto de esse espaço incluir também outras funções.

Efetivamente, muitas soluções preveem uma sala que é também o espaço para onde se entra e que distribui para os quartos ou casas-de-banho. Além disso, é na sala que se inclui a cozinha, numa opção comum por não atribuir à última uma divisão independente.

Desta forma, se se procurasse no grande espaço da sala a demarcação e divisão de todas as suas funções, seria perceptível que o lugar de socialização acaba por não se destacar tanto pelas dimensões.

Por fim, há ainda situações em que é a dimensão da sala que possibilita a subdivisão do espaço para a criação de mais um espaço da casa (característica discutida no tema 7).

4.2. Do Exterior ao Interior - a cerimónia do entrar

Uma vez que a casa simboliza a fronteira entre o perigo e a confusão de fora e a segurança e o relaxamento de dentro, o momento de entrar adquire uma conotação simbólica, e o espaço de entrada transforma-se em lugar de mediação e reconciliação entre a rua e o domínio privado¹⁷⁴.

*O homem detém-se frente à porta. Introduce a chave na fechadura, a faz girar, empurra e entra. Logo, volta a fechar a porta. O homem ingressou em sua casa. Penetrou no seu ambiente próprio e familiar onde se reconhece. Sente-se isolado do mundo como se defendesse a si próprio dentro de sua carcaça, sente-se na intimidade*¹⁷⁵.

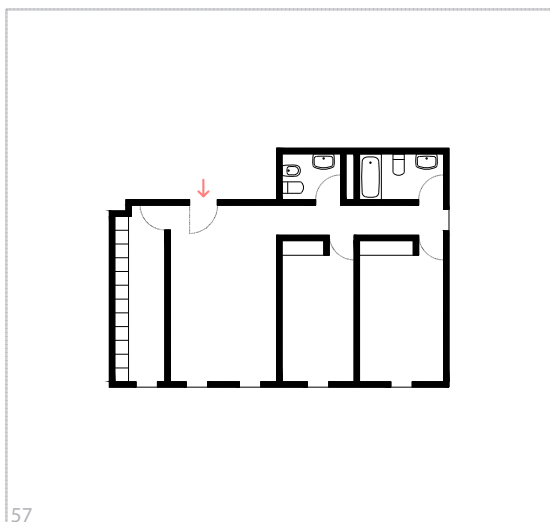
A porta, a soleira, o *hall* de entrada representam, então, a transição entre duas realidades opostas, um filtro entre o exterior e o interior, o público e o privado, o estranho e o íntimo, e, ao mesmo tempo, *um lugar em que os dois mundos se sobrepõem em vez de estarem rigidamente demarcados*¹⁷⁶.

Além disso, pela sua situação fronteira, a porta e a soleira geram como que uma terceira dimensão, aliando à sua definição arquitetural uma função social. Afinal, é nesse espaço que se dão interações casuais entre as pessoas¹⁷⁷, principalmente quando não há confiança suficiente para permitir maior penetração no espaço íntimo.

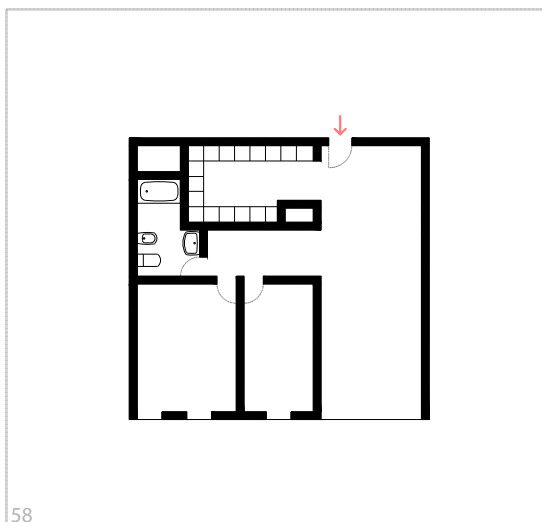
Também por esse motivo é atribuído à porta e ao espaço de entrada um carácter representativo, isto é, são formulados de acordo com a imagem que o seu ocupante pretende transmitir ao mundo. Na verdade, *se há alguma parte da casa que não pertence exclusivamente às pessoas que lá vivem, é a porta de entrada*¹⁷⁸ e nesse sentido é possível, através dela, mostrar ou esconder as características pelas quais o morador pretende ser definido na sociedade.

Finalmente, o ato de entrar representa o primeiro passo numa sequência de espaços que se organizam de certa forma e por uma razão.

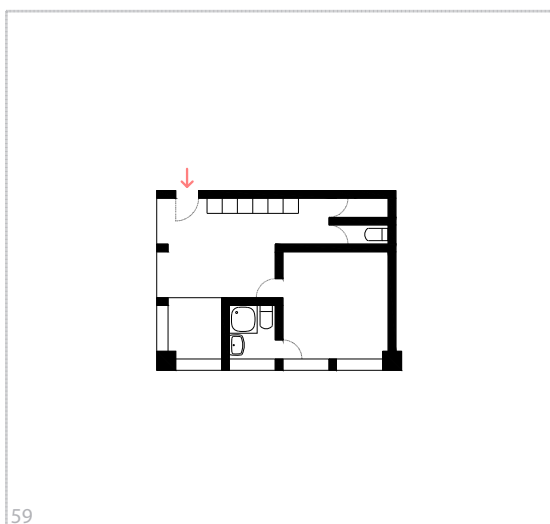
¹⁷⁴ Hertzberger, *Lições de Arquitectura*, 32. | ¹⁷⁵ Miguel, *A Casa*, 21. | ¹⁷⁶ Hertzberger, *Lições de Arquitectura*, 32. | ¹⁷⁷ Bush, *Geography of Home*, 105. | ¹⁷⁸ Bush, *Geography of Home*, 37.



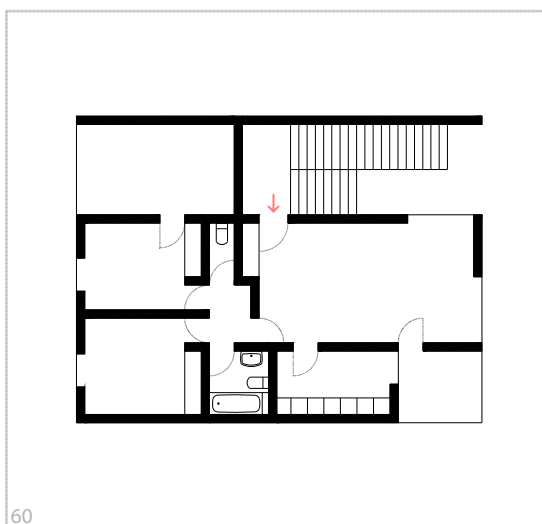
57



58



59

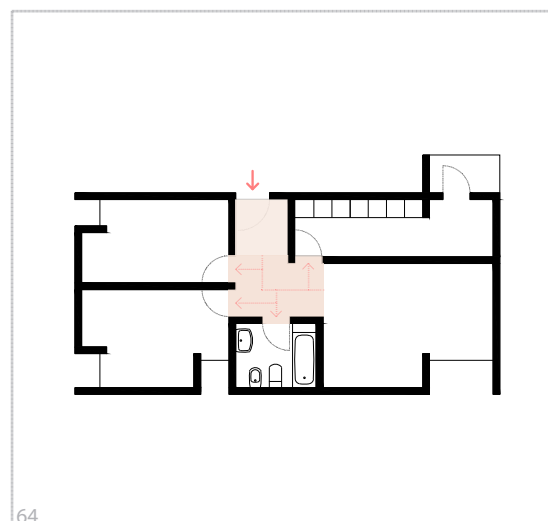
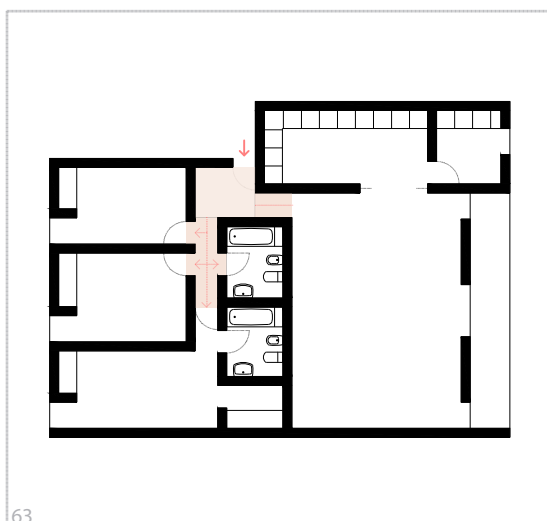
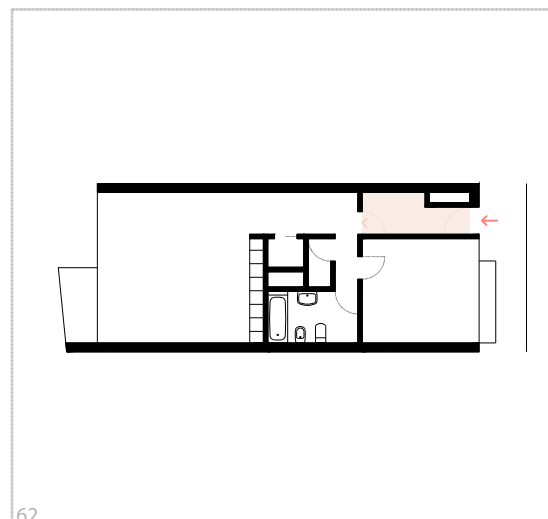
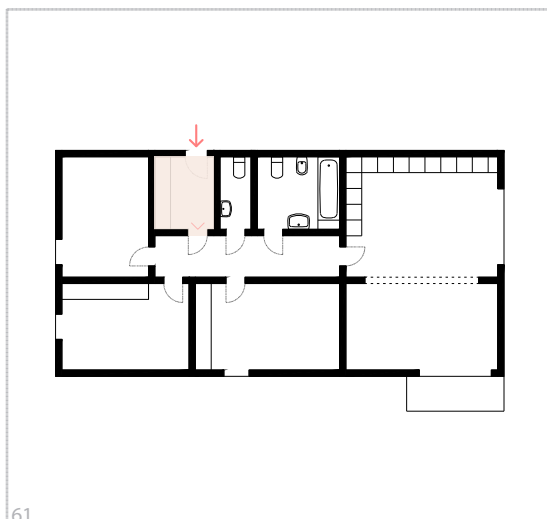


60

Como vimos anteriormente, muitos são os projetos em que uma sala maior conjuga em si não só as funções desse espaço, mas ainda outras como a entrada para a casa.

Assim, e embora esse seja um importante momento de transição entre o exterior e o interior, o público e o privado, não lhe é atribuído um espaço independente: passando a porta de entrada, chega-se de imediato à zona social, o que transforma a percepção da privacidade de toda a casa, já que possíveis estranhos ou convidados que cheguem têm contacto direto com uma das zonas de uso dos habitantes.

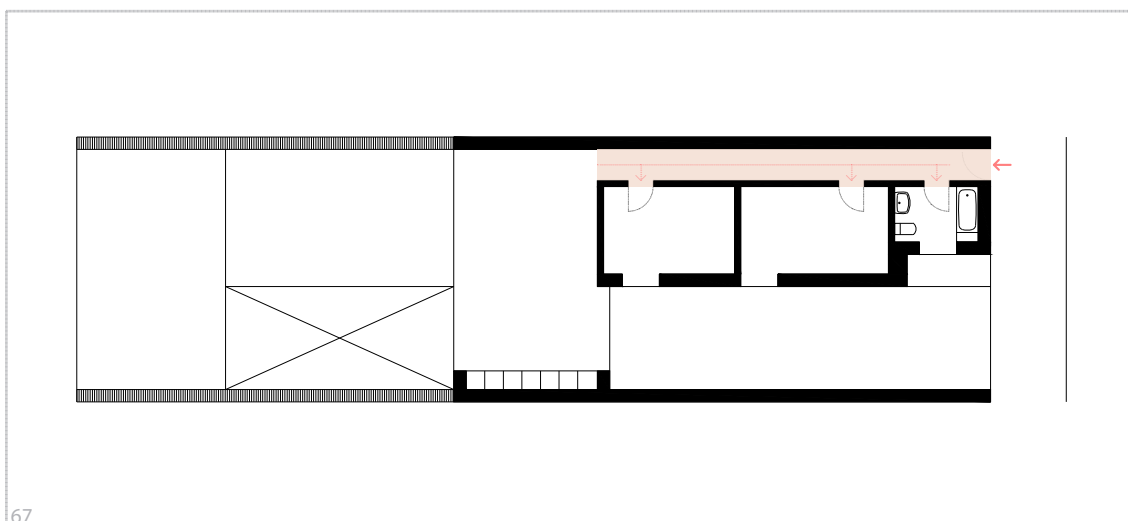
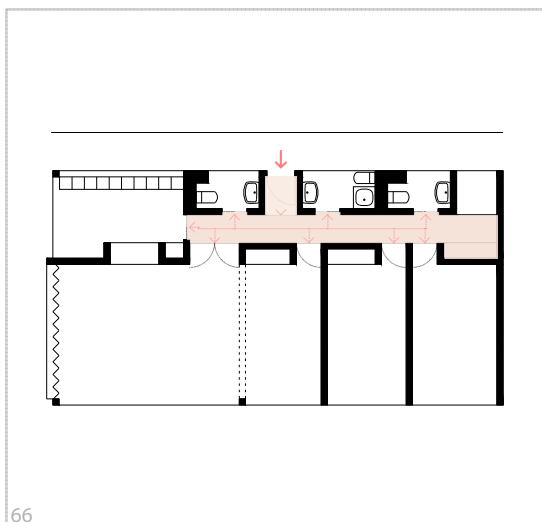
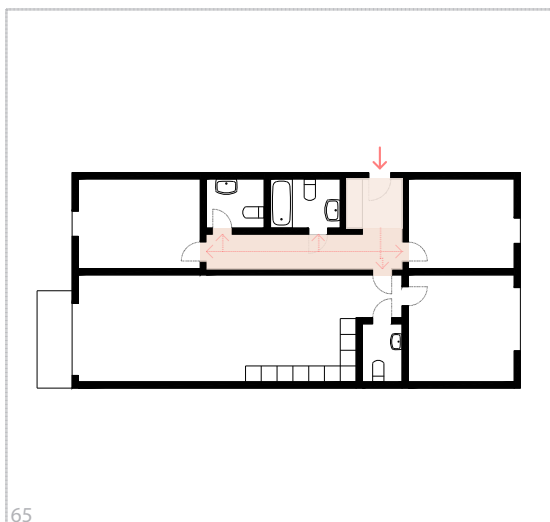
Para esta circunstância, a justificação pode estar no facto de muitos dos projetos se destinarem à habitação social, pelo que se procura a maior rentabilização do espaço, e a redução dos custos de construção, conseguidos através da eliminação divisões não essenciais.



Os exemplos em que se encontra um lugar definido para a entrada são, então, muito menos frequentes.

Muitas vezes, o que se pode observar é a conjugação da entrada e da distribuição, ou seja, a criação de um espaço que, sendo o lugar para onde se entra, é também a partir do qual se acede às outras divisões da casa.

Por vezes, é possível reconhecer esse espaço como uma articulação entre vários *hall* e corredores, distinção conseguida através da sua forma e colocação. Assim, existe alguma distinção entre o que seriam duas divisões separadas, que, no entanto, vêm conjugadas numa só, uma vez que não existe qualquer elemento físico que as divida.



É possível encontrar, ainda, uma outra solução que associa entrada e distribuição. Nesta, porém, não se procura indiciar qualquer distinção entre as duas, que se integram num mesmo corredor. Normalmente, este espaço articula a porta da entrada e a sala, num percurso ao longo do qual surgem os acessos às restantes divisões. Por vezes, os dois espaços, corredor e sala, encontram-se separados por uma porta, outras vezes surgem em continuidade. Mais uma vez, esta solução tem impacto no momento de chegada à casa, bem como na percepção da privacidade da mesma. Por um lado, o espaço de receção é estreito e alongado, o que confere uma sensação imediata de movimento. Por outro lado, colocando-se o acesso aos quartos no percurso entre a entrada e a sala, as duas zonas ficam em confronto direto, apesar de terem níveis desejados de privacidade muito distintos.

4.3. Dentro da Esfera do Privado

A casa *pela sua natureza, é um lugar privado*¹⁷⁹. Contudo, no seu interior, as diferentes divisões apresentam graus distintos de privacidade, conceção a partir da qual se distribuem as funções da casa.

De facto, a construção da casa, hoje, não cuida apenas *da proteção da vida externa, mas sim da proteção da esfera íntima, interna do homem*¹⁸⁰. Para isso, é natural que no seu interior se dividam as áreas, das mais públicas às mais privadas, no sentido de preservar essa intimidade, por exemplo, aquando da presença de visitas.

Na verdade, este é um costume praticado desde a época medieval nas sociedades orientais: as casas islâmicas, por exemplo, dividiam-se em duas secções, uma das quais era dedicada exclusivamente à família; na China, os espaços da casa sucediam-se de acordo com uma gradação de privacidade - a entrada, acessível a estranhos e vendedores, o pátio e salas de receção, destinados a receber convidados, e depois as restantes divisões, apenas para a família e amigos mais íntimos¹⁸¹. Por outro lado, no Ocidente a privacidade apenas passou a organizar a distribuição da casa depois do Renascimento, *até ao final do século XVIII não havia surgido a ideia de intimidade e, portanto, não se considerava imoral nem incómodo compartilhar o quarto com um desconhecido*¹⁸².

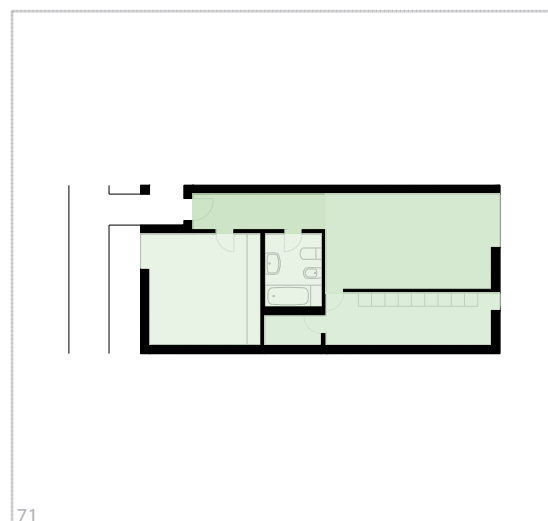
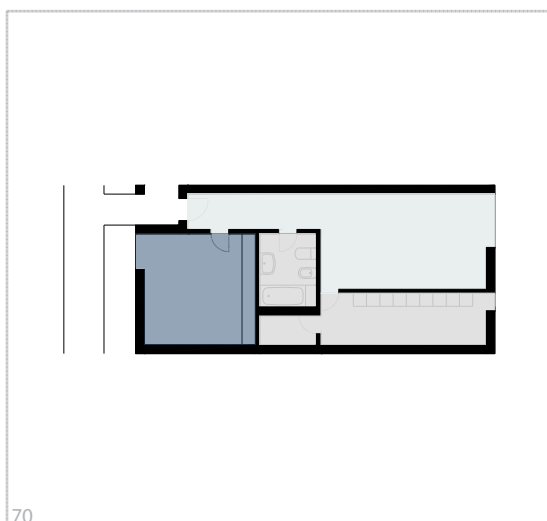
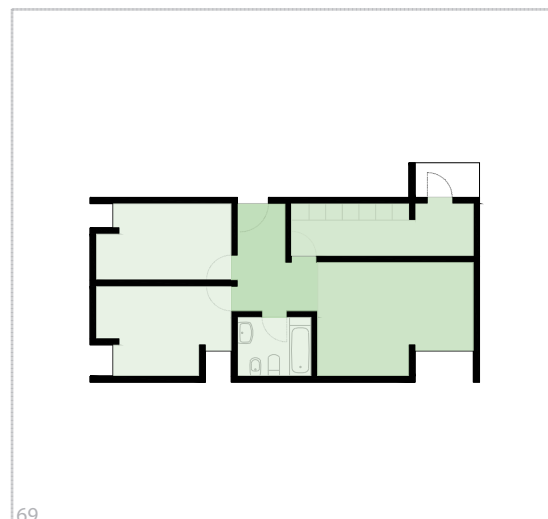
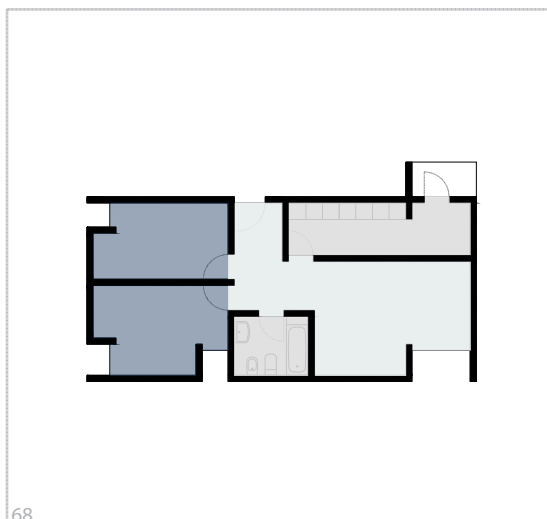
A partir do momento em que se começaram a valorizar a privacidade e a intimidade, então, gerou-se uma mudança radical na forma de distribuir e viver a casa, uma vez que se haviam difundido novas *ideias sobre o que queremos guardar para nós próprios e o que queremos que os outros saibam*¹⁸³. Assim, passou a distinguir-se na casa os espaços onde se aceitaria a presença de convidados daqueles reservados apenas ao Homem que a habita.

A nova formulação da casa correspondia, portanto, a uma gradação de privacidade, desde o momento em que se entra: o *hall* de entrada apresenta-se como o lugar mais público; depois as

¹⁷⁹ Bush, *Geography of Home*, 152. | ¹⁸⁰ Bollnow, *Hombre y Espacio*, 145. | ¹⁸¹ Norbert Schoenauer, *6000 Años de Hábitat*, trad. Josefina Frontado (Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1981), 209. | ¹⁸² Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 134. | ¹⁸³ Bush, *Geography of Home*, 129.

áreas comuns (salas de estar e jantar) e a cozinha; e finalmente o quarto, lugar de maior intimidade.

Neste contexto, e uma vez que surgem como lugares onde podem penetrar os convidados, também as salas de estar são divisões com caráter representativo, à semelhança da porta e do *hall* de entrada. Sendo espaços sociais da casa, essas divisões representam, então, o modo *como reconciliamos a privacidade das nossas casas com o aspeto público dos seus espaços (...) como escolhemos definir-nos para os outros*¹⁸⁴.

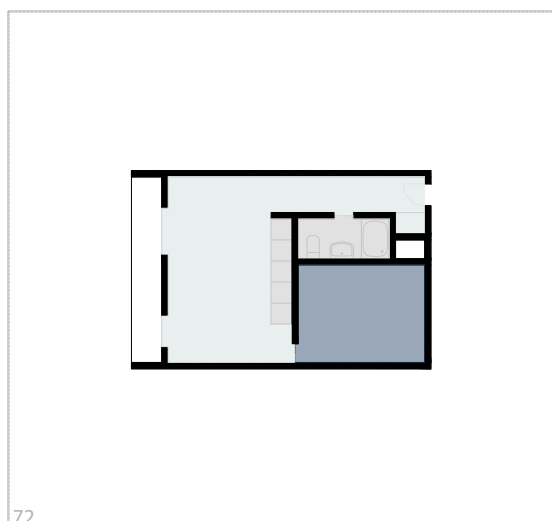


De uma entrada que funciona também como espaço de distribuição, seja ela um pequeno *hall* ou um corredor, resulta a necessidade de passar pelo acesso aos quartos para chegar à sala.

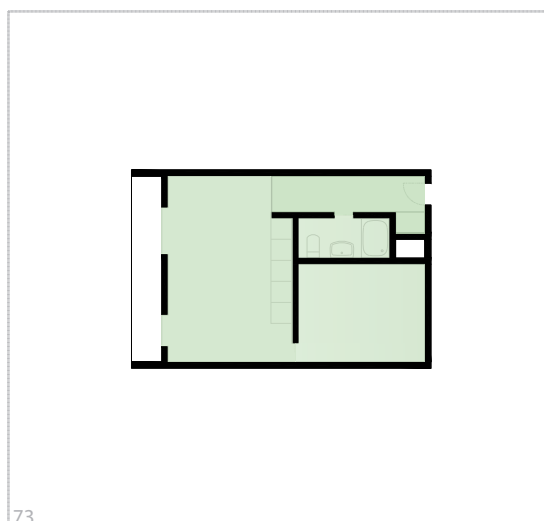
Considerando uma distinção entre os âmbitos da casa, é então necessário o atravessamento da zona de noite para chegar à zona de dia, sendo a primeira apenas composta pelos quartos.

Desta forma, provoca-se um confronto direto entre graus de privacidade muito distintos: por um lado, a entrada, o mais público e, por outro lado, o quarto, o mais íntimo.

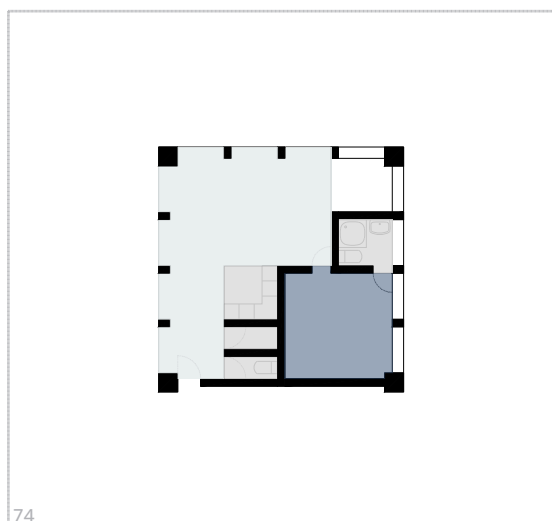
Nos projetos estudados, vários foram aqueles em que se encontrou esta solução, não tendo sido criado um espaço de transição entre as duas zonas, com o espaço de menor privacidade diretamente relacionado com aqueles em que essa se pretende maior.



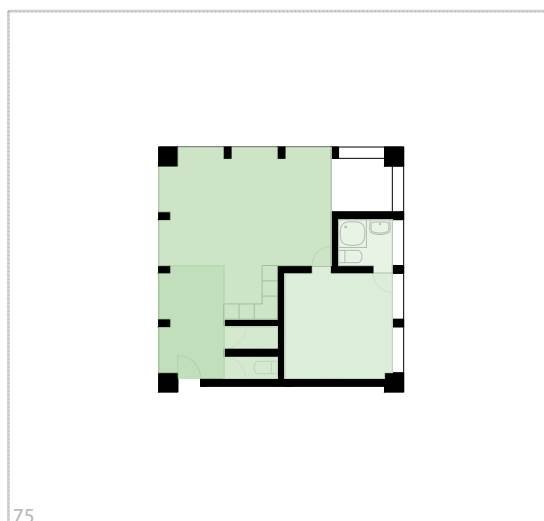
72



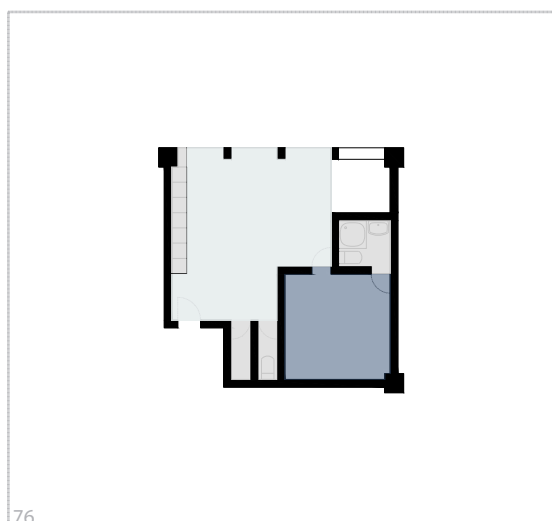
73



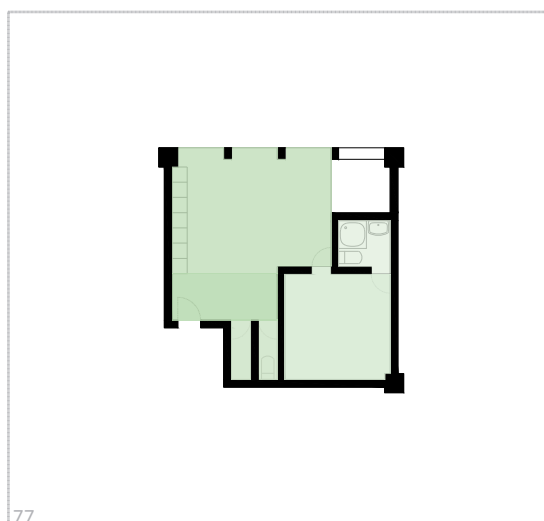
74



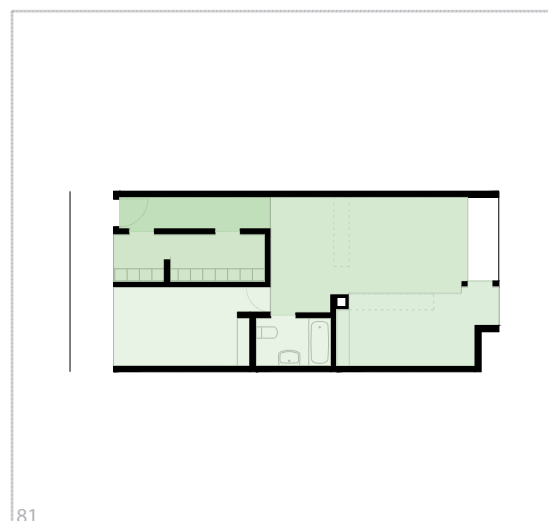
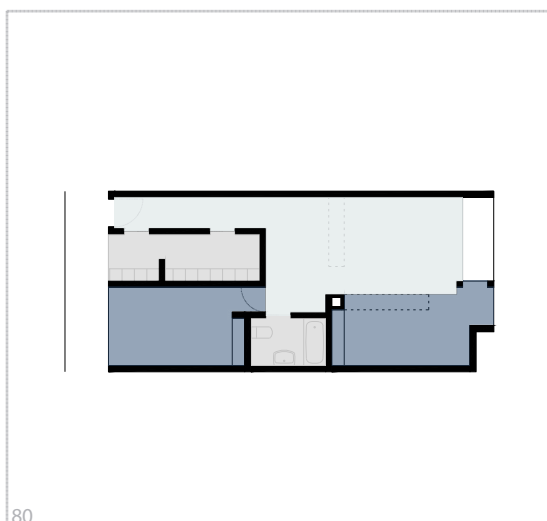
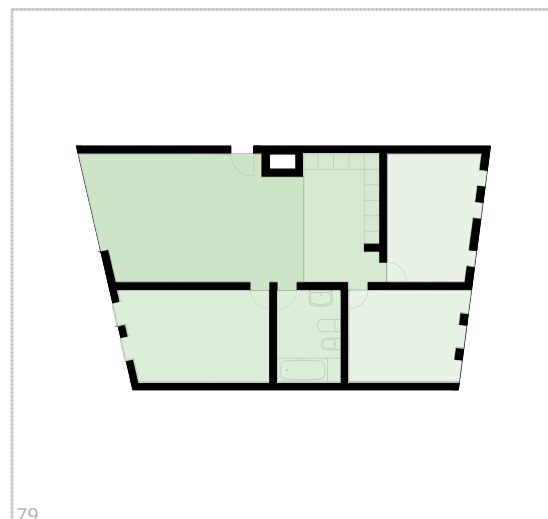
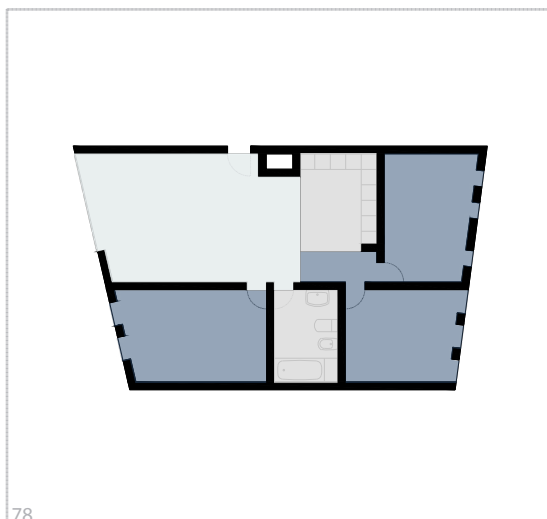
75



76

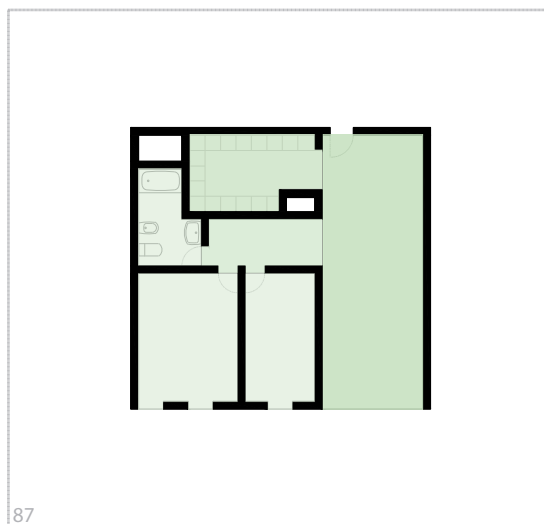
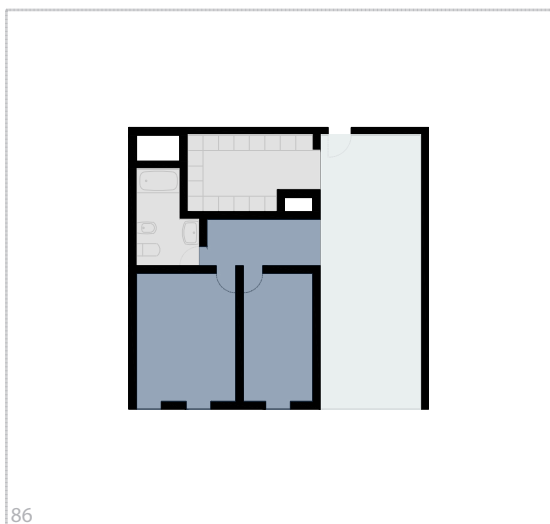
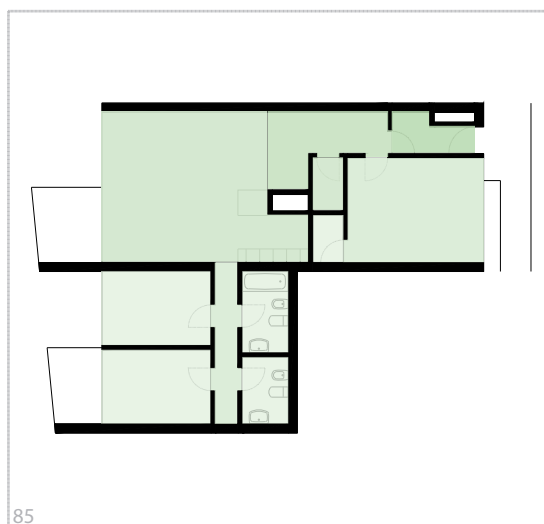
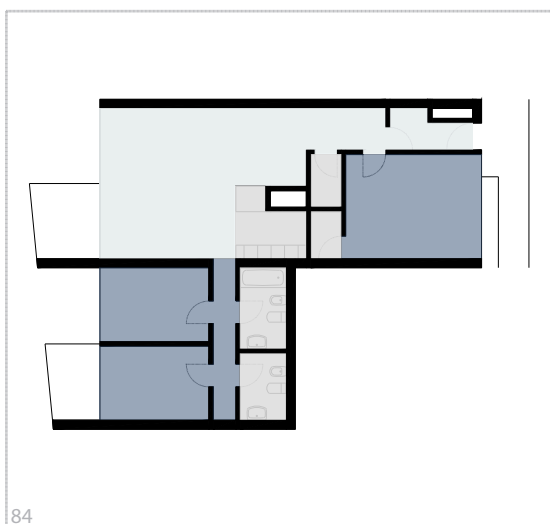
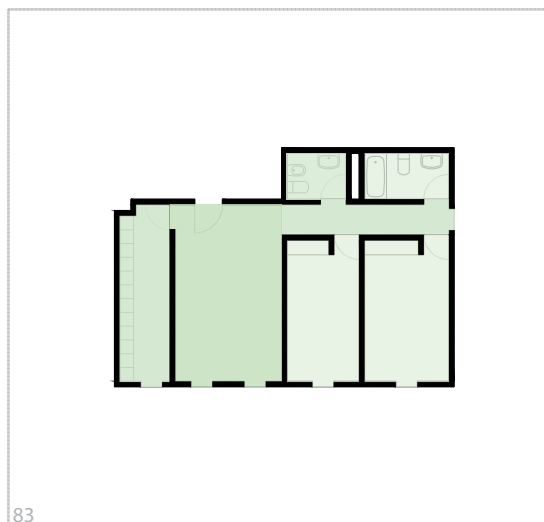
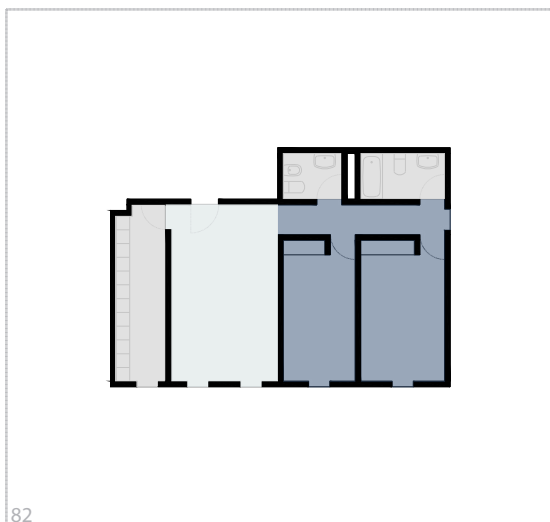


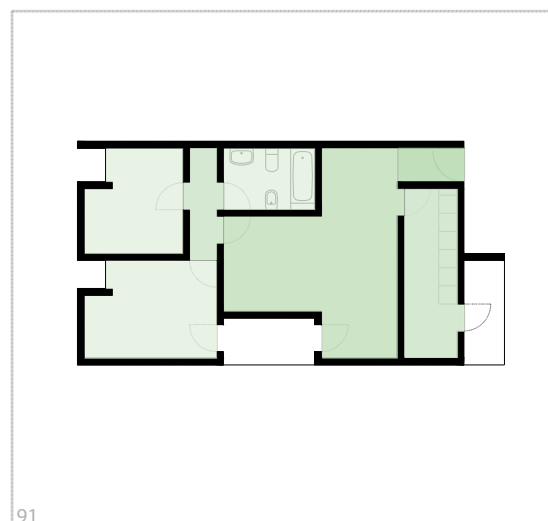
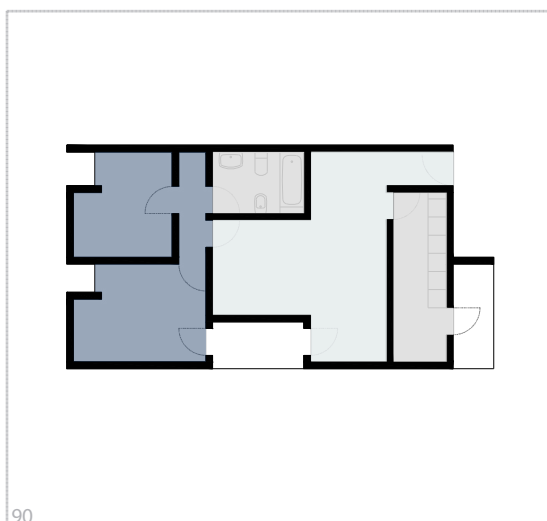
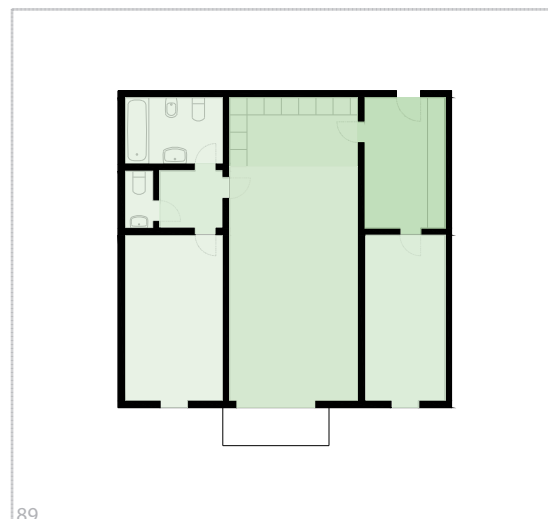
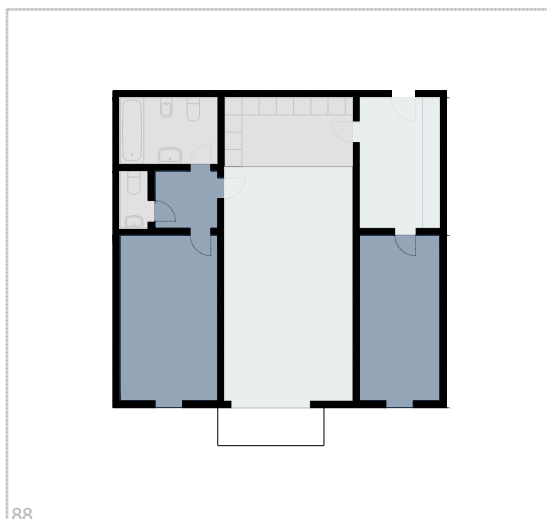
77



Em contrapartida, quando é a sala que funciona como espaço de entrada e distribuição, é inevitável o atravessamento da zona de dia para chegar à zona de noite, já que é aí que se colocam os acessos. Encontramos, no entanto, duas hipóteses, quando esta é a solução escolhida.

Numa primeira opção, este acesso faz-se de forma imediata, ou seja, a passagem para os quartos faz-se diretamente pela sala, sem qualquer espaço transitório, o que mais uma vez gera um confronto de graus de privacidade distintos. Ainda que possa ser observada noutros exemplos, esta solução surge maioritariamente em casas de um só quarto, o que, de certo modo, diminui o seu impacto, já que se prevê a ocupação apenas por uma pessoa ou, talvez, um casal, situação em que a privacidade dentro da casa é percecionada de forma diferente em relação às famílias mais numerosas.



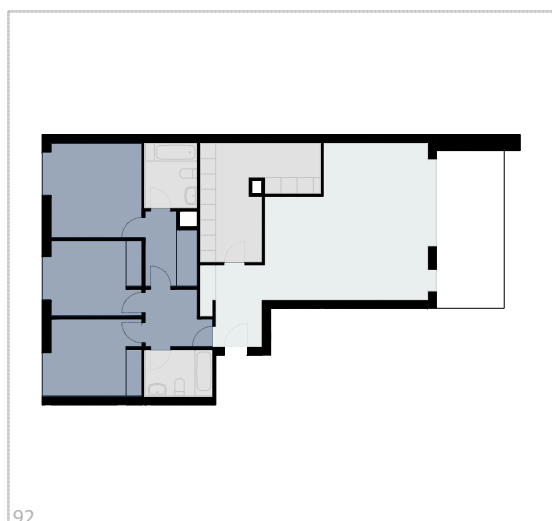


Uma segunda opção traz uma solução intermédia, que surge maioritariamente quando aumenta o número de quartos.

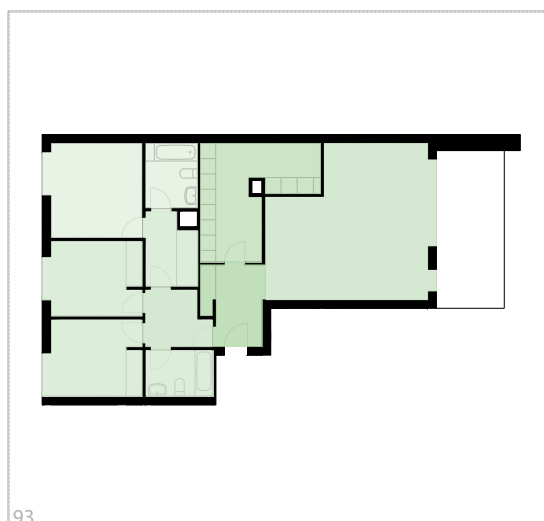
Nesses casos, surge um núcleo de noite com acesso pela sala. Por outras palavras, continua a ser a sala o espaço de distribuição, contudo, não o é de forma direta, surgindo um pequeno *hall* ou corredor que faz a transição.

Desta forma, consegue-se um espaço intermédio que permite resguardar a intimidade dos quartos face à sociabilidade característica do espaço da sala.

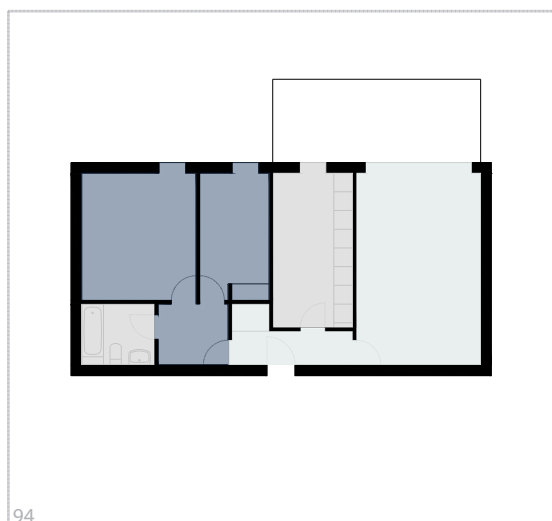
Esta solução encontra ainda duas vertentes, a primeira das quais coloca este núcleo em continuidade com a sala, apenas se distinguindo pela forma e dimensão do espaço de transição, e a segunda, fazendo uso de uma porta que separa fisicamente as duas zonas.



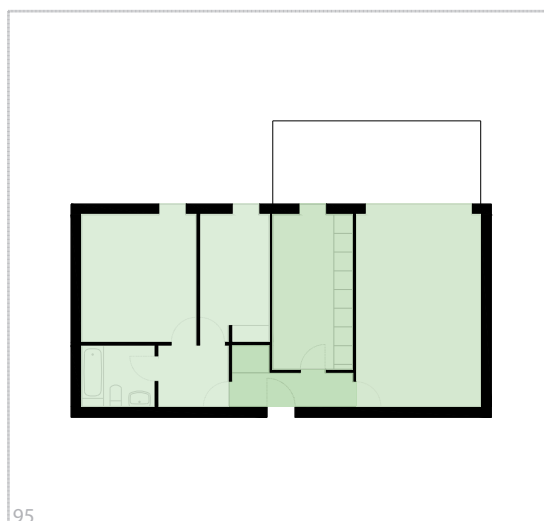
92



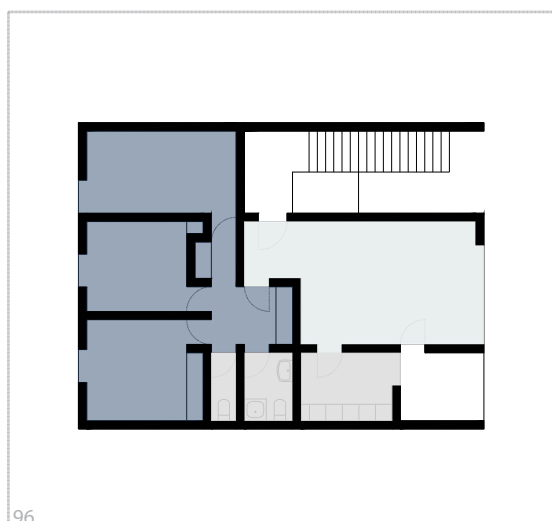
93



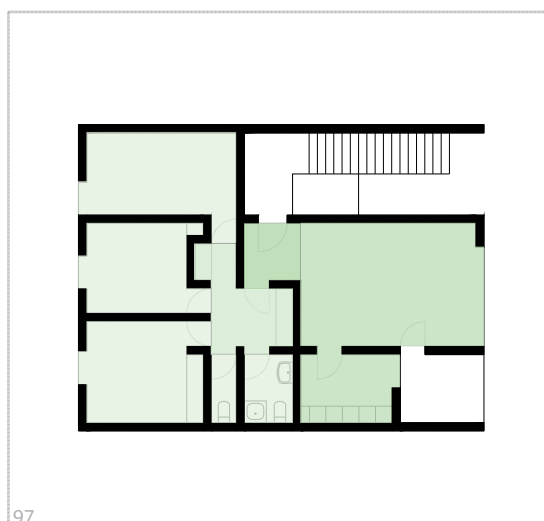
94



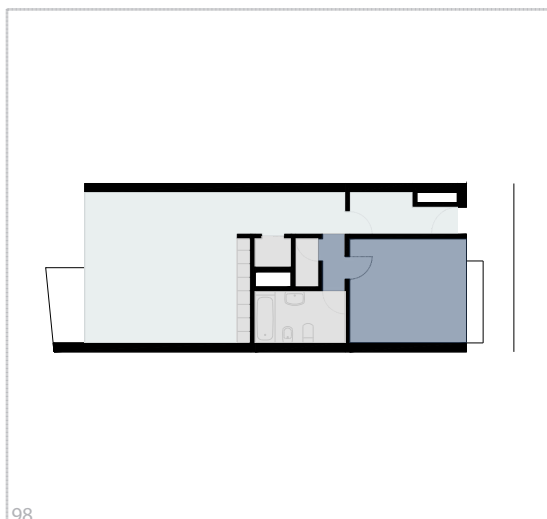
95



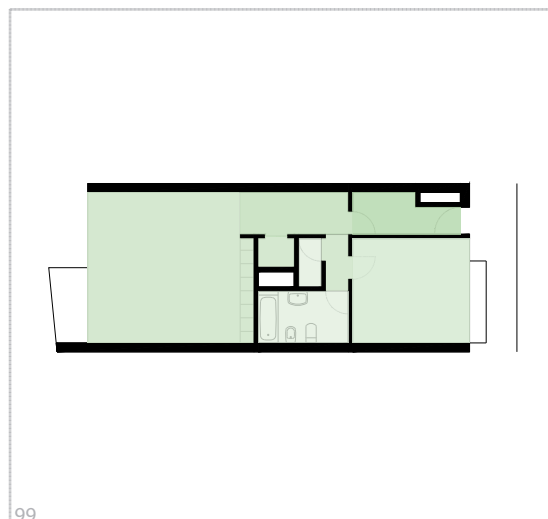
96



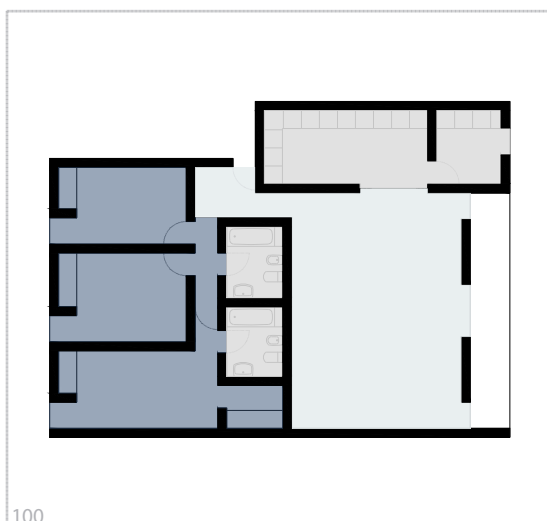
97



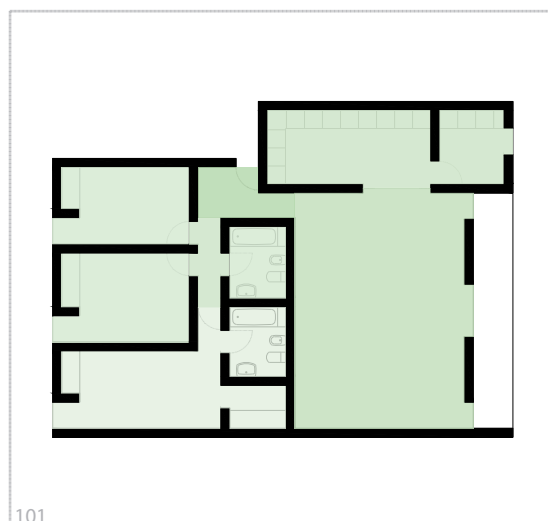
98



99



100



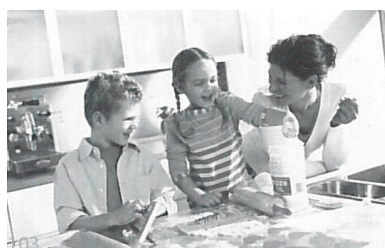
101

São menos frequentes, mas existem ainda exemplos em que há uma separação clara entre as zonas de dia e de noite.

Nestes casos, encontra-se normalmente uma entrada colocada a meio do fogo, o que permite que as zonas se desenvolvam para um e outro lado.

Também aqui é possível encontrar esta separação marcada por uma porta ou apenas distinguida através da forma e encadeamento dos espaços de entrada e distribuição.

Esta solução garante ainda uma transição gradual entre os diversos níveis de privacidade, o que confere aos quartos uma área mais reservado e íntimo, completamente apartado das zonas de caráter mais público e social.



Figuras 102 a 104 | Televisão na cozinha | Momentos em família na cozinha
| Um espaço de leitura no corredor de distribuição

4.4. Atribuir funções - servir ou ser servido

O grau de privacidade atribuído aos diferentes espaços da casa surge naturalmente pelas atividades que neles se desenvolvem. Como vimos, por exemplo, o quarto é o lugar mais privado da casa, *um lugar que serve a intimidade bem como o isolamento, acomoda os extremos da experiência humana*¹⁸⁵; por outro lado, a sala de estar é *a região social da casa*¹⁸⁶.

Esta distribuição das funções, atribuindo cada qual a uma divisão específica, contudo, não acontecia em séculos anteriores, *as salas de estar, as salas de jantar e até os dormitórios da maioria das casas eram o mesmo cómodo (...)*¹⁸⁷. Normalmente, todas as atividades se desenvolviam perto do sítio onde se encontrava o fogo, pela necessidade de proximidade ao calor. Esse local era também onde se cozinhava e, portanto, *cozinhava-se onde se vivia, e vivia-se perto da lareira, para manter-se aquecido*¹⁸⁸.

As mudanças nesta conceção do espaço começaram a surgir com a introdução das noções de intimidade e comodidade e, assim, a casa sofreu algumas alterações, com os seus espaços a dimensionarem-se e a distribuírem-se de acordo com as funções que lhes eram atribuídas. Começou a haver maior interesse e preocupação com o espaço doméstico, sendo que *praticamente todos os arquitetos deste século elaboraram as suas ideias mais importantes através de projetos de casas*¹⁸⁹.

Como consequência, surgiram as primeiras distinções na designação dos espaços, consoante a função que lhes era conferida: Louis I. Kahn separou-os entre 'serventes' e 'servidos'; Robert Venturi nomeou-os 'específicos' ou 'inespecíficos'; Charles Moore, Gerald Allen e Donlyn Lyndon distinguiram-nos enquanto 'habitações' ou 'domínios mecânicos'¹⁹⁰. Fundamentalmente, estas denominações pretendiam separar *as dimensões mais disciplinadas que o arquiteto e o observador podem ordenar*¹⁹¹ do espaço *formado imprescindivelmente para completar os interstícios*¹⁹². Por outras palavras, distinguíam-se os espaços que surgiam como 'principais' no

¹⁸⁵ Bush, *Geography of Home*, 120. | ¹⁸⁶ Bush, *Geography of Home*, 155. | ¹⁸⁷ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 187. | ¹⁸⁸ Zabalbeascoa, *Tudo Sobre a Casa*, 59. | ¹⁸⁹ Colomina, prefácio, 6. | ¹⁹⁰ Moore e Allen, *Dimensiones de la Arquitectura*, 148. | ¹⁹¹ Moore e Allen, *Dimensiones de la Arquitectura*, 148. | ¹⁹² Moore e Allen, *Dimensiones de la Arquitectura*, 50.

LA HABITACION SIN NOMBRE

HACE POCOS MESES, un joven arquitecto que estaba trabajando en Washington, entró por casualidad en nuestra oficina para pasar el rato y cambiar opiniones. Sin embargo, era evidente que tenía alguna otra idea en la mente. Permanecimos a la expectativa. Muy pronto surgió la idea, junto con un grueso lápiz negro. Buscamos papel y lo empujamos debajo del lápiz. Los arquitectos, como tal vez lo sepan los lectores, son muy aficionados a sazonar la conversación con un poco de dibujo. Una vez más, esperamos.

"¿Quieren ver un plano de vivienda perfecto?", preguntó por fin. Inmediatamente sonrió como disculpándose, pero nuestros pensamientos muy serios. Nuestro visitante era uno de los arquitectos más brillantes del país, y sus ideas siempre tenían sentido y eran con frecuencia muy inspiradas.

"Seguramente que queremos ver el plano de vivienda perfecto. ¡Muéstralo!"

"Bueno —empezó a dibujar— comenzamos

Hasta el momento nos sentimos desilusionados. "¿Y qué? —preguntamos—. Hemos visto estudios enteros".

"¿Estaría no le terminado —y siguió dibujando—. Junto a esta habitación hay una pequeña cocina, para cocinar de un lado, y para comer del otro".

"¿Y luego?"



"Luego, —prosiguió nuestro amigo—, entre esta cocina y una tercera habitación no hay tabique, o en todo caso sólo una mampara de vidrio. La tercera habitación es grande. La más grande de la casa".



"La verdad es que parece muy grande —reconocimos—. ¿Y allí qué sucede?"

"Pues de todo, prácticamente. Ping-pong, bridge, cinematógrafo, baile. Los niños pueden jugar allí, o se puede cocinar en la chimenea. Lindo lugar para servir una cena, además".

"¿Y cómo llamas a ese rincón?"

"Pues, no lo sé —respondió muy preocupado—. Lo pensaba llamar *la habitación sucia*, porque los materiales serían prácticamente indestructibles, y los niños podrían hacer cualquier desastre sin causar perjuicio. Pero ese no es un nombre muy bueno. Va a quedar demasiado lindo una vez amueblado".

"A mí me parece un proyecto muy extraordinario —dijo uno de nuestros dedecoradores—. ¿Dónde está la entrada? ¿Dónde quedan los dormitorios?"

"Donde uno quiere ponerlos —replicó el arquitecto—. Y de todos modos no es un proyecto, es un diagrama".

"¿Y qué es lo que hace perfecto al plano?"

"Pues la habitación grande, naturalmente. La habitación sin nombre".

Pocos días después nos visitó otro arquitecto, que había llegado desde la costa del Pacífico vía Brasil, y otros puntos al norte de ese país. Por algún motivo que no recordamos, la conversación volvió una vez más sobre la vivienda. Nuestro visitante de la costa del Pacífico también tenía una vivienda en la mente. Y una vivienda, también, tenía una gran habitación. En realidad, descontando los dormitorios, la casa entera parecía ser una sola habitación de gran tamaño.

En la zona del living-room propiamente dicho había sólo dos separaciones: un tabique o cortina liviana para la cocina, y una barrera algo más sólida que formaba un estudio, espacio para leer o bien un simple rincón aislado. Esta



segunda separación consistía en estantes para libros que no llegaban al techo.

Todo esto nos pareció demasiado bueno para ser una simple coincidencia. ¿Había visto esta persona el primer plano? No, no lo había visto. Había estado perfeccionando esta idea durante mucho tiempo. Hacía pensar en el tipo de vivienda que todo el mundo aspira a tener para sí.

por el living-room. Sólo que no es en realidad un living-room. Demasiado pequeño. Tiene espacio para cuatro o seis personas solamente, y los paredes están cubiertas con estanterías para libros, escrituras empotradas, etc. Supongo que podríamos llamarlo estudio, o sala, o tal vez una habitación íntima. Los padres podrían utilizarlo para adular a los niños".

conjunto, as salas e os quartos, de outros cuja função era apenas complementar em relação aos primeiros, neste caso, cozinhas, quartos-de-banho ou corredores.

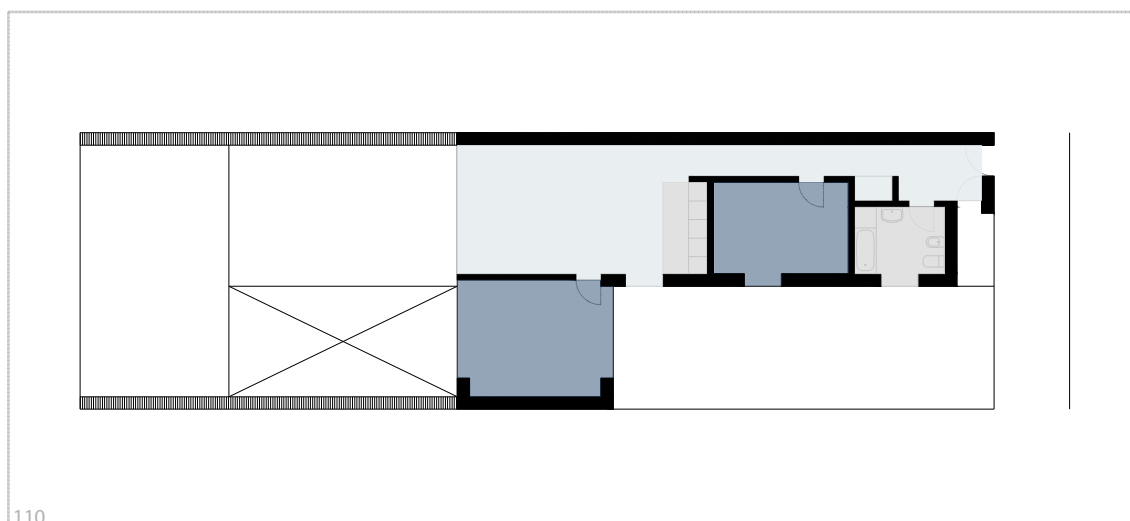
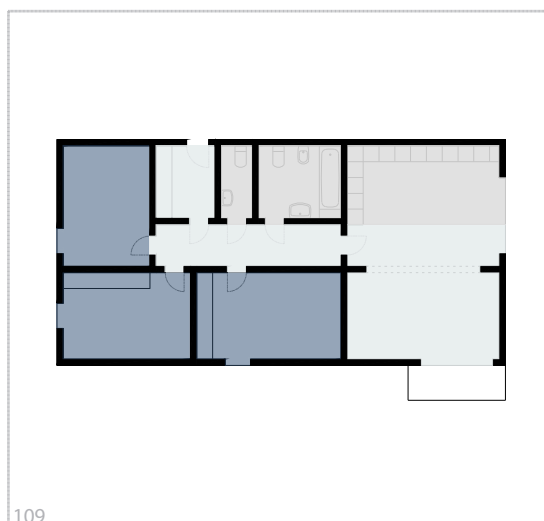
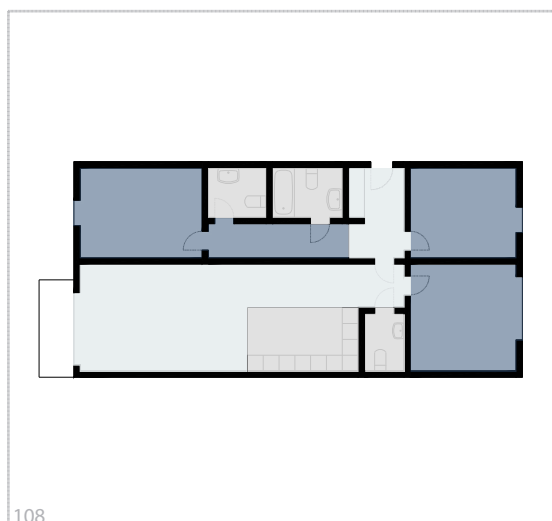
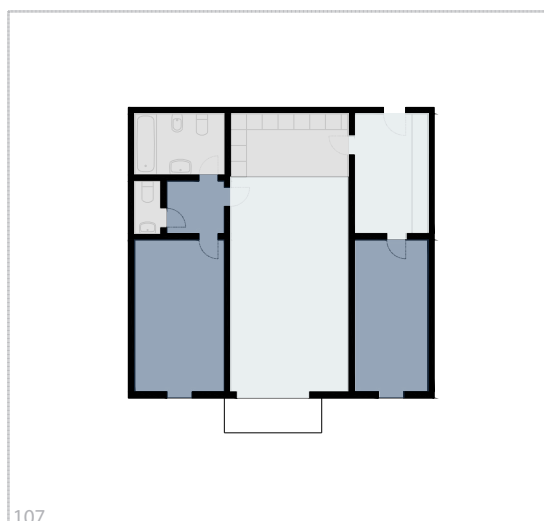
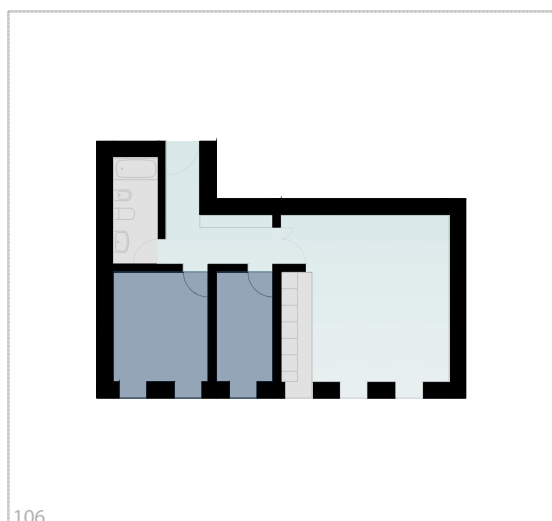
Atualmente, continua a ser comum esta distinção, sendo *habitual referir-se à casa como um conjunto de espaços servidores e espaços servidos ou em termos de uma zona de dia e uma zona de noite segregadas que permitem explicar o funcionamento das partes que a compõem*¹⁹³. Ainda que pareça fazer sentido a atribuição de funções específicas aos diversos espaços da casa, e a consequente divisão desses de acordo com o papel que desempenham no conjunto, a banalização desta classificação resulta na também banalização do espaço doméstico¹⁹⁴. *Por outras palavras, o esquema analítico converteu-se no modo de projetar*¹⁹⁵.

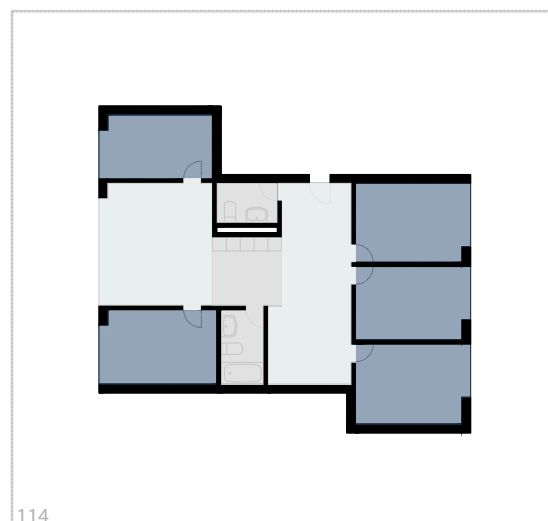
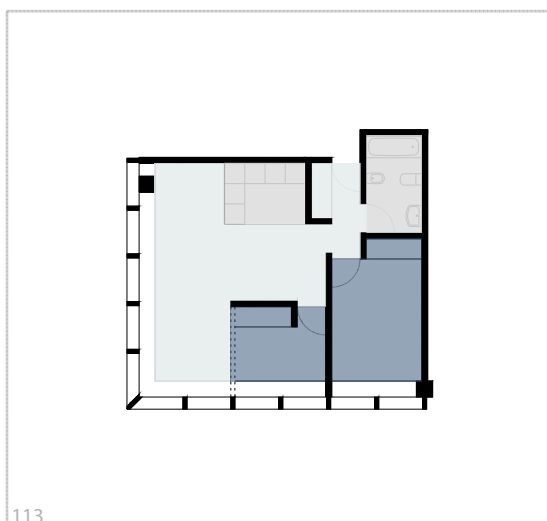
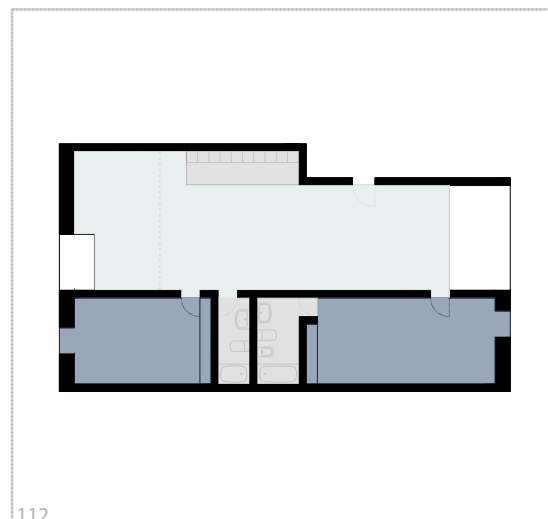
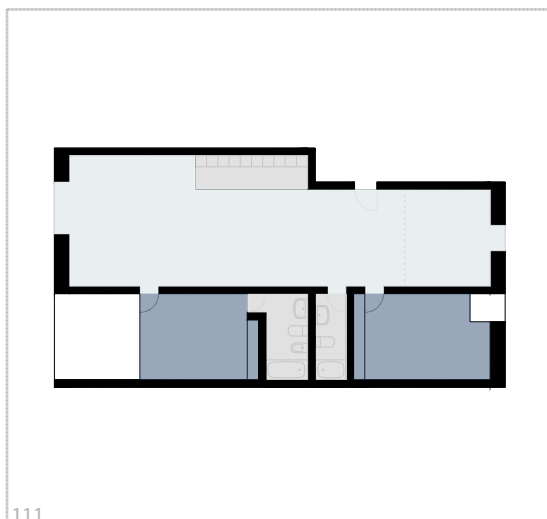
Desta forma, os espaços adquirem maior ou menor importância de acordo com as atividades que neles se desenrolam e, por conseguinte, é-lhes dada maior ou menor importância ao longo do processo de projeto. O que parece resultar daqui é, então, que algumas partes da casa não têm tanta relevância para o conjunto, *estão condenados a ser (...) lugares a evitar*¹⁹⁶. A casa fica reduzida a um conjunto de peças 'úteis', já que os seus outros lugares parecem ter menos usos, o que limita as possibilidades de apropriação por parte dos seus habitantes.

O desenho da casa deve evidenciar que a sua imagem *depende da existência de lugares diferenciados que influem uns sobre os outros e sobre o seu redor de diversas maneiras*¹⁹⁷. A sua composição integra diversas peças onde se desenrolam as diferentes atividades da vida privada, *mas (...) também contém uma estrutura diferenciada em vários sítios secundários e em caminhos de conexão*¹⁹⁸. No caso, por exemplo, dos corredores, pode-se procurar concebê-los como uma peça comum, em oposição a um mero lugar de passagem. Deste modo, não lhes seria relegado apenas um papel servidor, meio de acesso às habitações¹⁹⁹, mas surgiriam também como lugares propriamente ditos.

Fundamentalmente, é essencial formular a casa como um conjunto que permita um uso mais versátil²⁰⁰. Isto significa, por um lado, a rejeição da segregação dos espaços consoante os seus usos e, por outro lado, a criação de espaços que permitam albergar várias funções distintas. Afinal, *ao projetar um 'objeto' de vivência familiar, há que se antecipar o modo de utilização e passar a vivenciá-lo mentalmente, buscando a geração do que se chama 'ambiente harmonioso'*²⁰¹.

¹⁹³ Monteys et al., *Rehabitar*, 225. | ¹⁹⁴ Monteys et al., *Rehabitar*, 229. | ¹⁹⁵ Monteys et al., *Rehabitar*, 225. | ¹⁹⁶ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 50. | ¹⁹⁷ Norberg-Schulz, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, 39. | ¹⁹⁸ Norberg-Schulz, *Existencia, Espacio y Arquitectura*, 39. | ¹⁹⁹ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 48. | ²⁰⁰ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 52. | ²⁰¹ Miguel, *A Casa*, 25.





No que diz respeito à formulação das zonas de serviço, os projetos estudados apresentam várias características comuns.

Em primeiro lugar, e ainda que não seja uma solução inovadora, mas antes prática, essas zonas, especialmente as casas-de-banho, encontram-se remetidas à parte mais interior dos fogos, não recebendo luz natural.

Ao mesmo tempo, parece ser cada vez mais comum a recusa da cozinha enquanto lugar independente. Muitos projetos atribuem-lhe um espaço próprio, no entanto a maioria das soluções colocam-na como parte da sala, compondo, dessa forma, um único espaço comum.

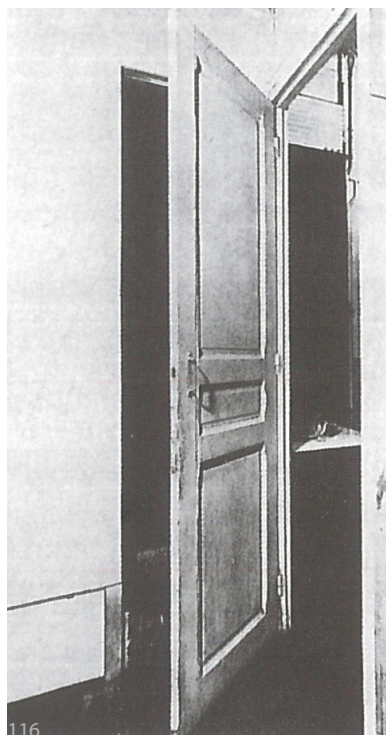
Quanto aos *hall* e corredores, surgem quase sempre com as dimensões mínimas para cumprir a sua função de ‘lugar de passagem’.



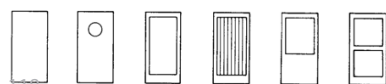
115



117



116



118

Figuras 115 a 118 | Divisões comunicantes, desenho de Xavier Monteys | *A Porta*, Marcel Duchamp (1929) | *Intérieur avec Femme*, Felix Vallotton (1903) | Formas mais comuns de portas interiores segundo Ernst Neufert

4.5. O Movimento Interior

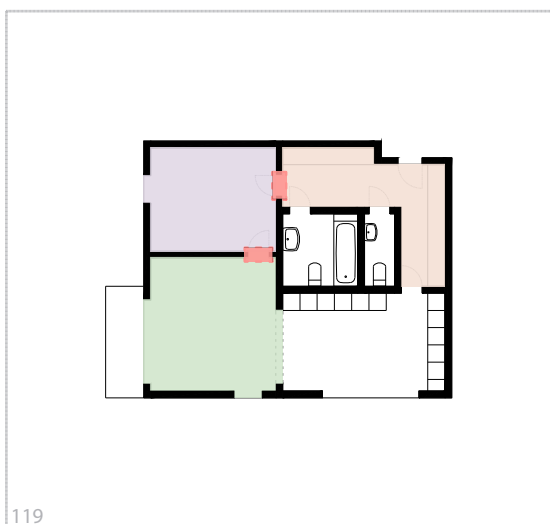
Na relação que se estabelece entre as várias divisões da casa, as portas surgem como protagonistas. *O número de acessos, o de portas interiores, a sua forma e uso constituem uma rede de dispositivos que é a expressão sofisticada da variedade de usos de uma casa*²⁰². De facto, este elemento tem grande influência na forma como a casa é percebida e vivenciada. Afinal, as portas permitem ligar ou isolar as divisões, ao mesmo tempo que definem os percursos que se realizam entre elas. *Cada porta implica um caminho, requer uma ação e, ou impede a passagem a todo um setor da nossa vida doméstica, ou abre-o à vista, à audição, ao olfato e, às vezes, ao exterior*²⁰³.

Uma simples ação, de fechar ou abrir uma porta, tem influência no habitar da casa: por um lado, a porta aberta convida ao entrar, ao relacionamento, à interação; por outro lado, a porta fechada esconde, garante a privacidade. Desta forma, as portas apresentam-se como um meio de atribuir flexibilidade aos espaços e, consequentemente, ao uso geral da casa. *Com uma porta mais, a casa pode comportar-se, em certos momentos, como uma adição de espaços encadeados, incorporando assim a amplitude do loft. Ao mesmo tempo, basta fechar essas portas para que o seu funcionamento seja diferente*²⁰⁴. Mais ainda, além de definirem o acesso às habitações, influenciam o movimento entre elas, aceitando ou recusando determinados percursos no interior da casa, o que permite converter *o nosso espaço doméstico em algo mais atrativo*²⁰⁵.

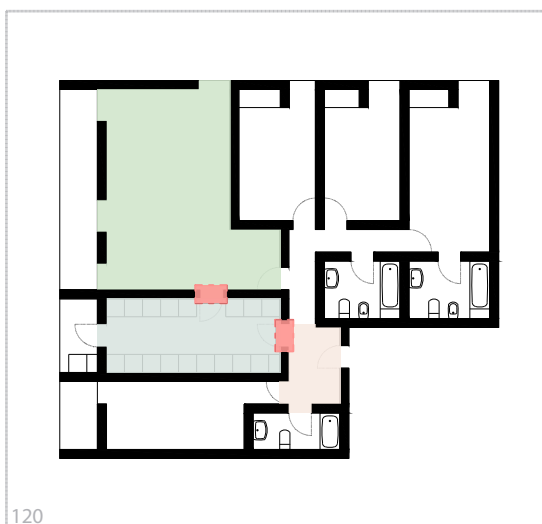
Finalmente, também a forma da porta em si tem a capacidade de manipular a percepção do espaço: podem surgir portas de uma ou duas folhas, induzindo as primeiras ao fecho e as segundas a uma relação mais próxima com a habitação contígua, para referir apenas um exemplo.

Qualquer que seja o seu número, forma ou posição, as portas indicam sempre o princípio de outro espaço, o que [d]ada a sua natureza simbólica, (...) [pode] induzir ambiguidade: *tanto a privacidade como a sociabilidade*²⁰⁶.

²⁰² Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 72. | ²⁰³ Moore, Allen, e Lyndon, *La Casa*, 205. | ²⁰⁴ Monteys et al., *Rehabitar*, 193. | ²⁰⁵ Monteys et al., *Rehabitar*, 215. | ²⁰⁶ Moore, Allen, e Lyndon, *La Casa*, 206.



119



120

No primeiro projeto, é o quarto que tem duas portas, uma que vem do corredor de distribuição, e outra em imediata relação à sala. Neste caso, procurou-se aproximar a sala e o quarto, evitando o atravessamento de toda a casa para se chegar de um ao outro. Ao mesmo tempo, a privacidade do quarto não é posta em causa, uma vez que a simples ação de manter a porta fechada previne qualquer 'invasão'.

No segundo projeto, a cozinha integra duas portas, uma com ligação à zona da entrada, outra de acesso direto à sala. Esta característica parece até facilitar a vivência da casa - imagine-se o habitante que chega a casa carregado com sacos de compras, pode colocá-los de imediato no seu lugar; por outro lado, o mesmo habitante, assim que termina a confeção do jantar, não precisa de um longo percurso para poder pousá-lo sobre a mesa de refeições.

4.6. O Apropriar Exterior

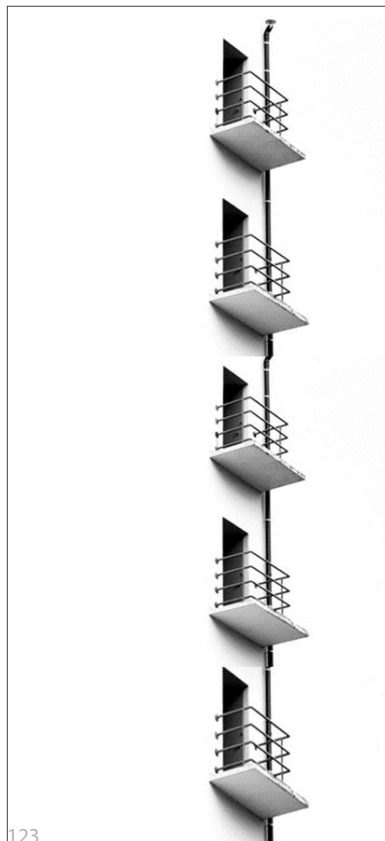
*O grau de relação com o exterior que forma o domínio da casa é uma boa maneira de definir a sua qualidade*²⁰⁷. Em edifícios de habitação plurifamiliar, o espaço exterior surge usualmente na forma de varanda ou terraço, cuja posição lhe confere um carácter de intermediário entre as duas realidades opostas - interior/exterior e público/privado -, demonstrando, ao mesmo tempo, a ambiguidade dos seus limites²⁰⁸.

De facto, *o limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distingue e opõe dois mundos - e o lugar paradoxal onde esses dois mundos comunicam*²⁰⁹, tendo a sua melhor expressão na presença daquele espaço. A varanda representa, assim, um momento de reconciliação entre as vivências do íntimo e as imposições da sociedade, que aí se confrontam e se conjugam simultaneamente.

Dada a sua natureza, o espaço exterior adquire ainda um carácter representativo, expondo a imagem do seu habitante; ao mesmo tempo, faz transpor ideias e crenças, uma cultura e um modo de vida, transformando-se num espaço de expressão pessoal e reconhecimento individual.

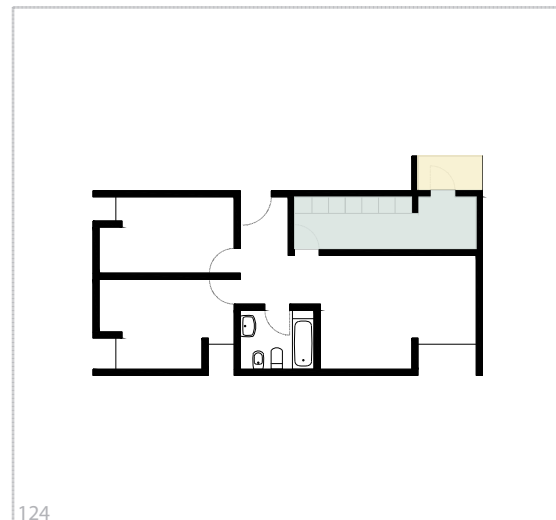
Por outro lado, ao formular-se como uma extensão de um espaço interior, a sua apropriação varia segundo o programa aí desenvolvido. Características e atividades do interior podem ser prolongadas, mantendo o conforto da habitação própria, uma vez que o espaço de varanda ou terraço estende a privacidade do lar ao exterior, amenizando o contraste face ao espaço público.

²⁰⁷ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 144. | ²⁰⁸ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 140. | ²⁰⁹ Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões* (Lisboa: Livros do Brasil, 1985), 19.

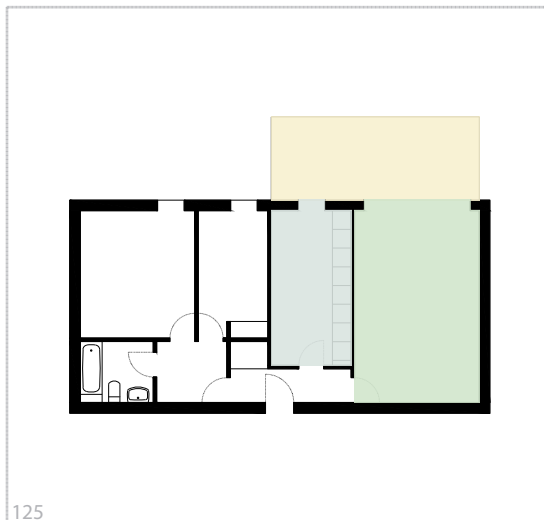


Figuras 121 a 123 | *El Balcón Comestible*, Javier Mariscal (2000) |

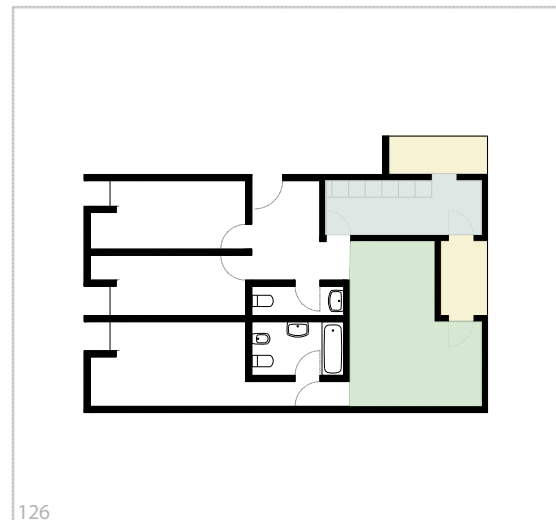
Alvar Aalto e a filha na varanda de sua casa (1934) | *Doors and Balconies*, Ivo Mathieu Gaston (2007)



124



125

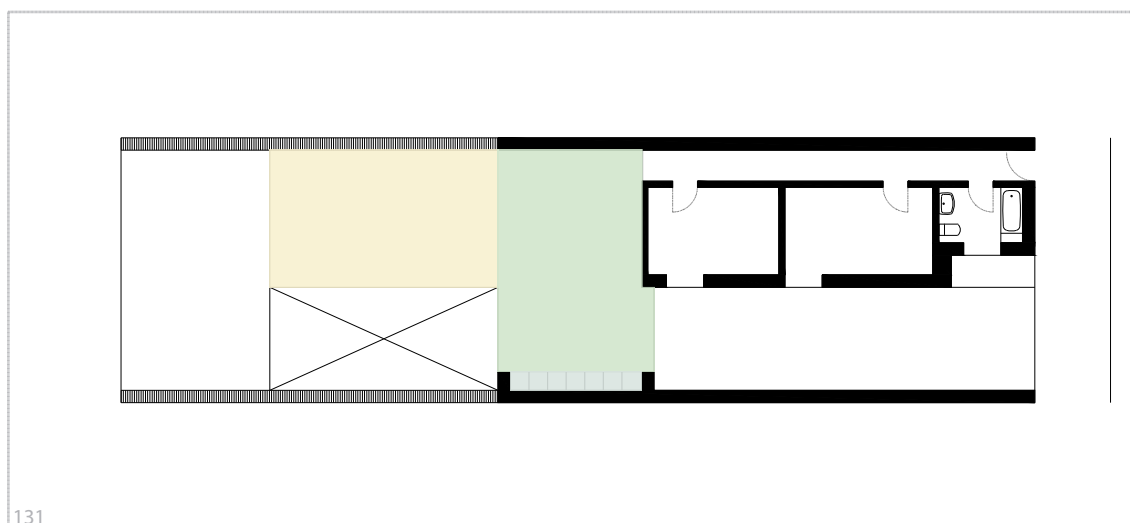
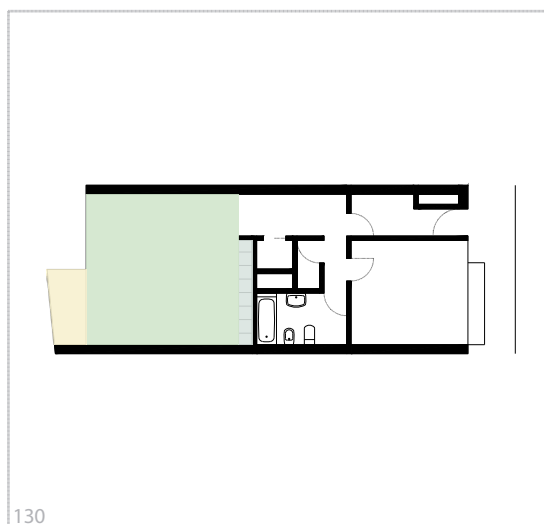
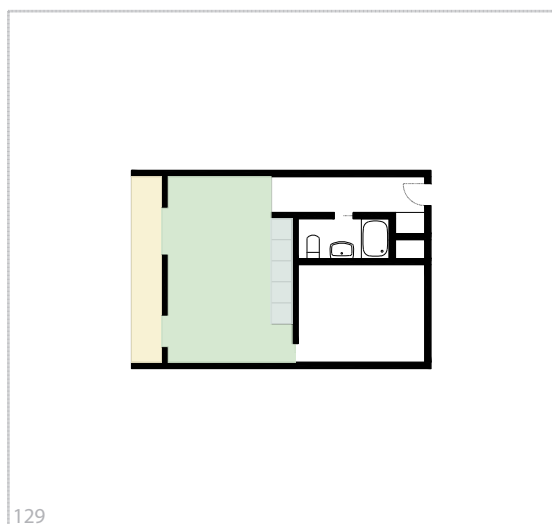
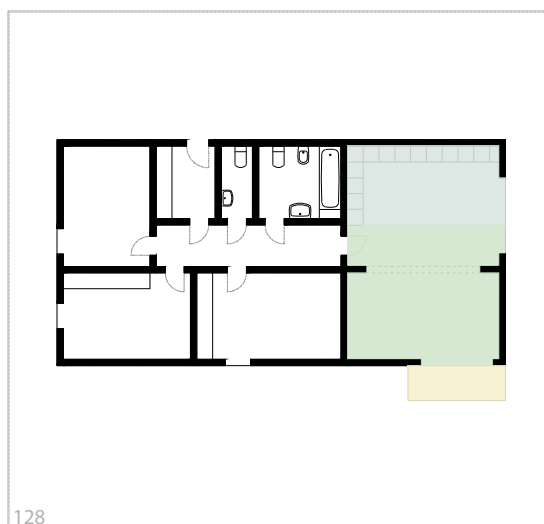
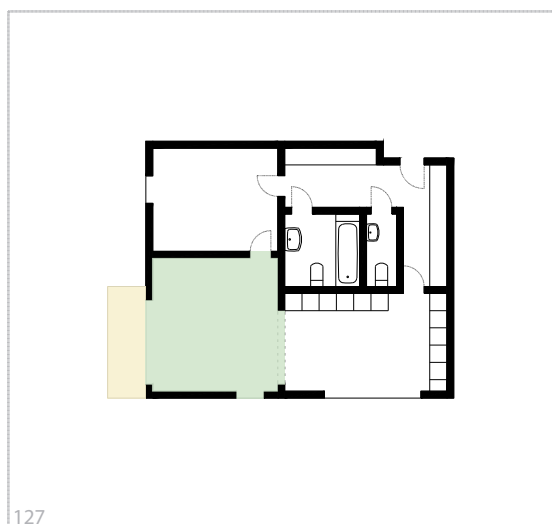


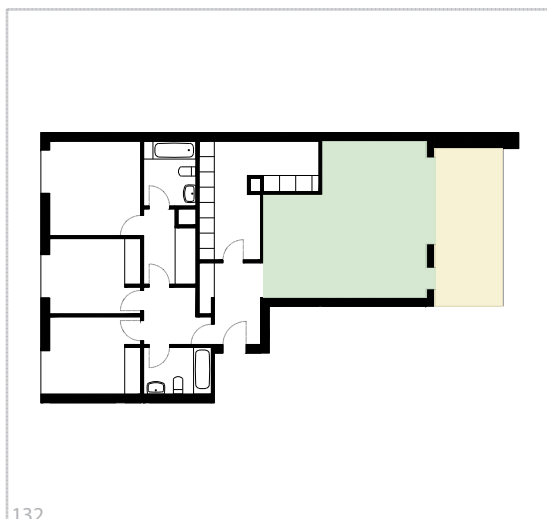
126

Associando-se à cozinha, o espaço exterior tem tendência a adquirir um carácter de serviço, estendendo as funções dessa e, portanto, acabando por não concretizar na totalidade o seu potencial.

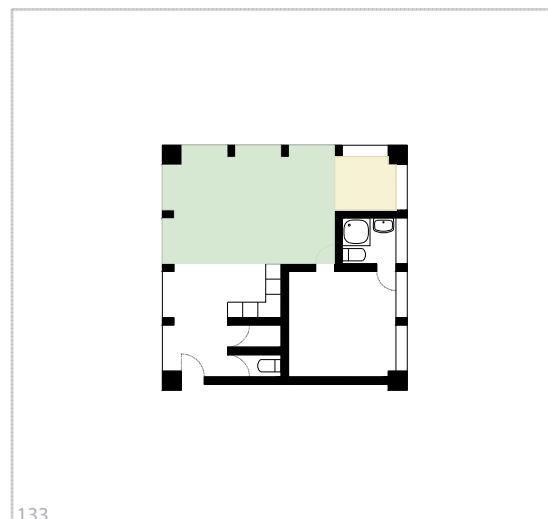
Nos projetos seleccionados para este estudo, uma varanda colocada exclusivamente com relação à cozinha está presente apenas num dos casos. Mais comuns são, então, soluções em que o espaço exterior se alarga, abrangendo também a sala.

Pode ocorrer, ainda, haver dois espaços exteriores, um para a cozinha e outro para a sala, permitindo-lhes, dessa forma, multiplicar os seus usos. Com uma varanda à qual se acede tanto pela sala como pela cozinha, consegue-se um espaço exterior de maior flexibilidade. Estas últimas são, contudo, menos comuns, provavelmente devido aos custos mais elevados que acarretam.

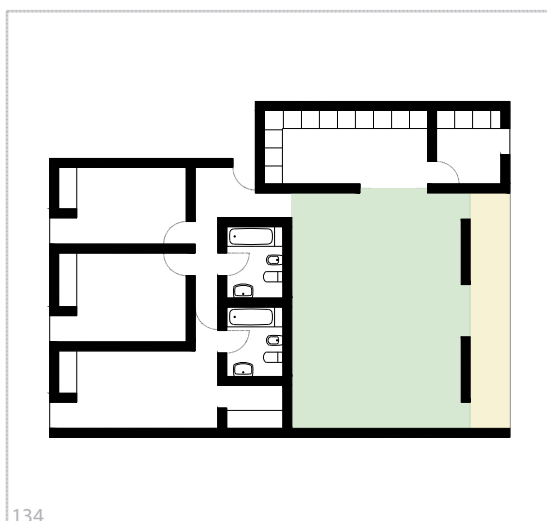




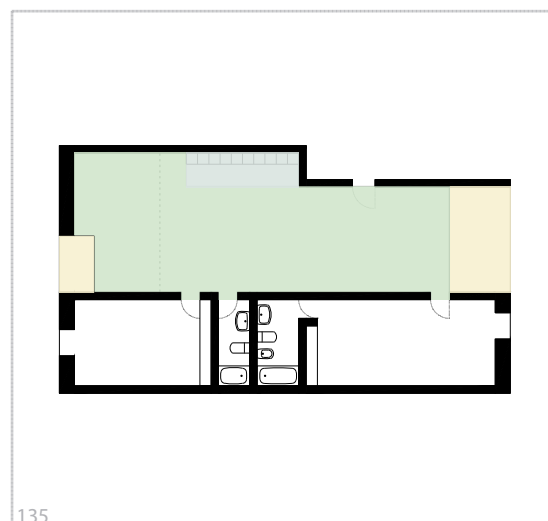
132



133



134

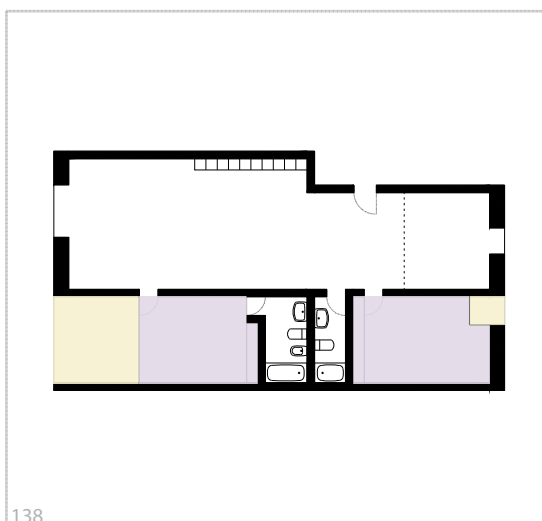
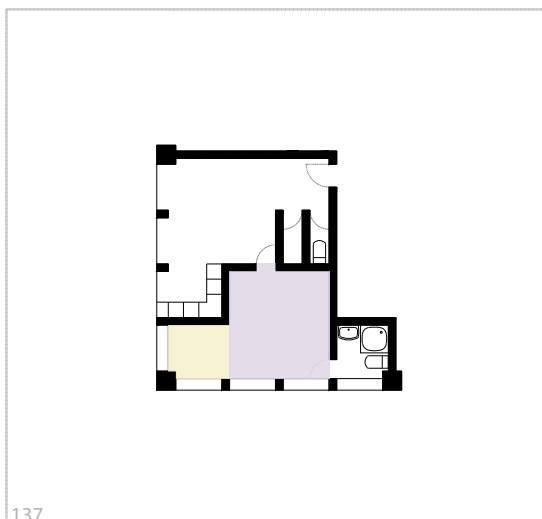
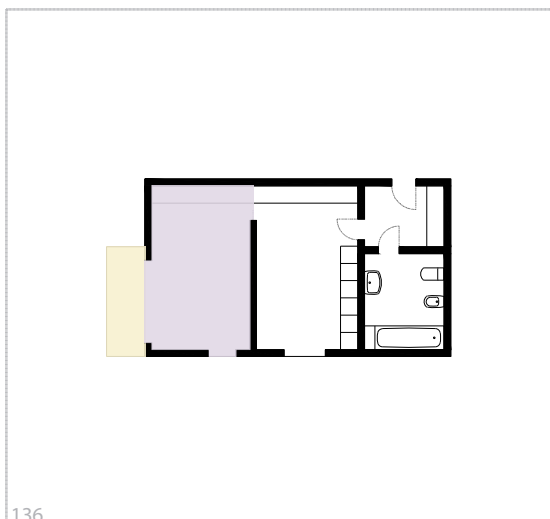


135

A solução mais comumente encontrada é, então, a associação do espaço exterior à sala.

O facto dessa divisão ser a zona social da casa permite que, de certa forma, a relação com o espaço público não seja tão contrastante. Ao mesmo tempo, esta é a solução que melhor aproveitamento confere à varanda ou terraço, já que permite a sua utilização em múltiplas situações e por diversas pessoas, desde os habitantes até a possíveis convidados.

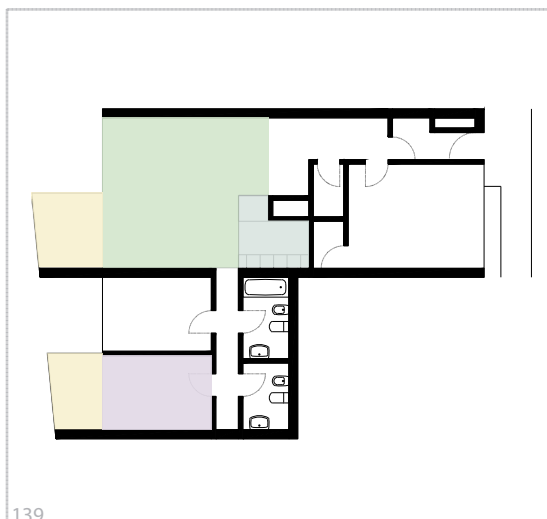
De maior ou menor dimensão, ocupando a totalidade da frente ou apenas uma das suas partes, estes espaços permitem ao habitante usufruir do exterior sem que pesem sobre si as imposições da sociedade. Além disso, permitem um maior controlo da entrada da luz natural na divisão. Desta forma, concretiza-se o apropriar exterior no máximo expoente das suas possibilidades, uma vez que valoriza todo o espaço da casa, sendo também beneficiado por ela.



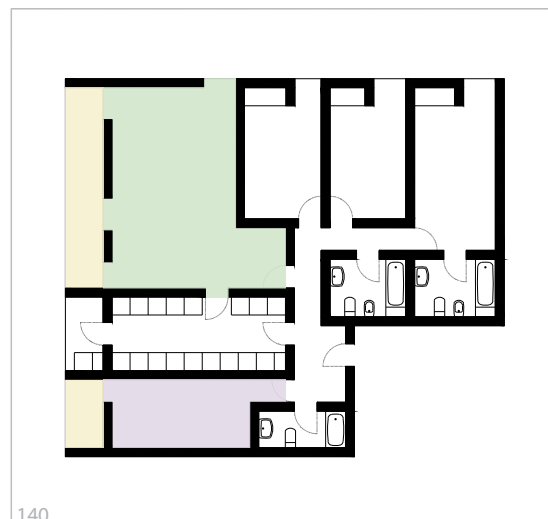
Ao associar o espaço exterior a um quarto, esse vai, necessariamente, estender as suas características e, portanto, tornar-se um espaço mais reservado relativamente ao interior da casa. Por outras palavras, o seu uso torna-se 'restrito' ao habitante daquele quarto, não podendo ser usufruído na sua plenitude.

Assim, estas situações são raras: de entre todos os projetos deste estudo, apenas três contemplam uma varanda exclusivamente associada ao quarto. Além disso, é de notar que em dois desses, a casa tem apenas esse quarto, ou seja, a utilização prevista por apenas um habitante ou um casal permite que não haja restrições ao uso da varanda, podendo ser utilizada na sua plenitude.

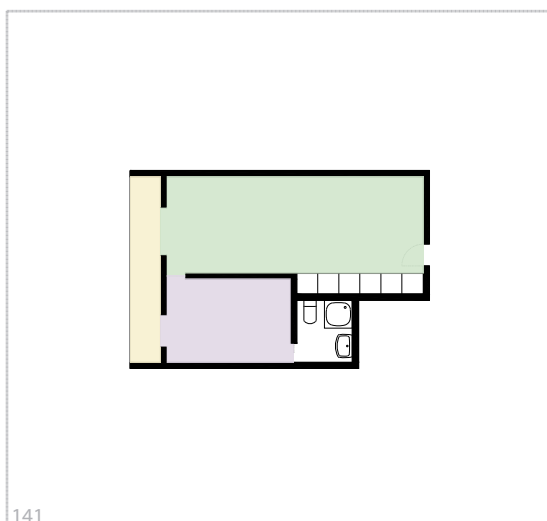
No outro caso, é possível observar que, ainda que com proporções muito distintas, ambos os quartos recebem um espaço exterior, permitindo maior equilíbrio na sua utilização.



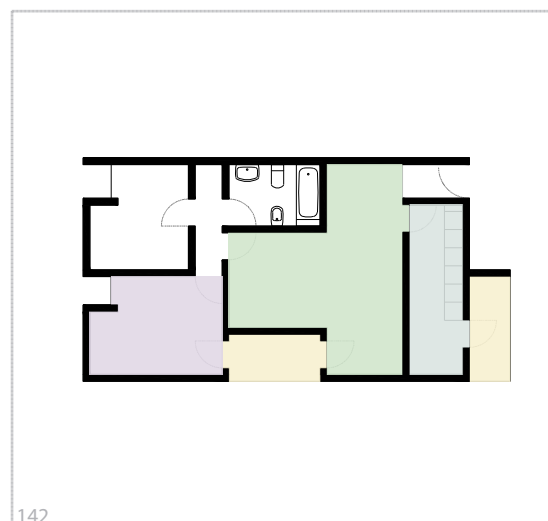
139



140



141



142

Associar à varanda ou terraço presente no quarto, um outro que se coloca na sala é a solução encontrada para garantir a completa valorização das casas através do espaço exterior privado, a solução encontrada passa por.

Desta forma, consegue-se que a casa adquira um maior equilíbrio, já que, apesar de ser favorecido um dos quartos (uma condição que, em si, não é negativa), todos os habitantes podem usufruir de um espaço exterior privado e comum.

Além disso, há projetos em que é o mesmo espaço exterior que se associa tanto à sala como a um dos quartos, numa ligação direta, ou seja, em que é possível aceder pelas duas partes, ou apenas visual. Neste tipo de situações é interessante observar o confronto que surge entre espaços de intimidade distinta relacionados através do exterior.

4.7. Uma Divisão a Mais

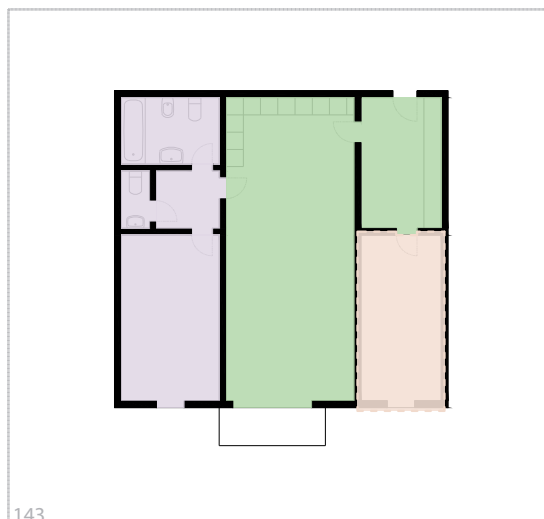
*A aparição na vivenda de peças que servem para distintos usos pode ser um caminho mais frutífero e um modo distinto de entender a flexibilidade; não se trata de que cada uma das peças possa albergar diversas atividades simultâneas, mas de que seja o conjunto o que permita um uso mais versátil da casa*²¹⁰.

Referir ‘uma divisão a mais’ significa explorar as possibilidades daquelas soluções em que a casa contempla um lugar que não se integra, à partida, num núcleo ou atividade definida, podendo adquirir vários usos. *A existência de uma (...) divisão autónoma recorda o caso das vivendas com quartos de serviço, habituais nos imóveis de uma determinada época*²¹¹, que hoje em dia poderiam utilizar-se como habitações independentes²¹².

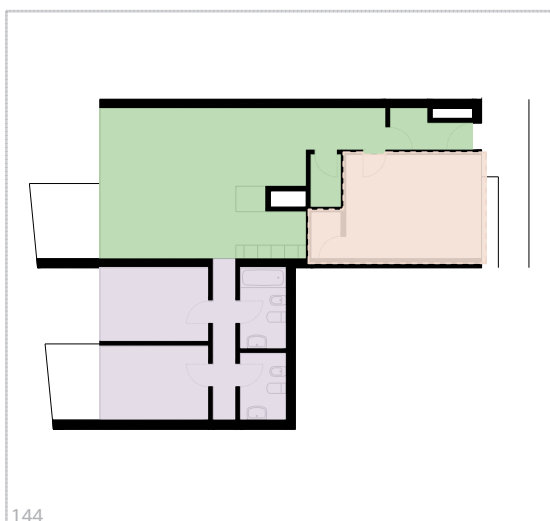
De uma forma geral, além de atribuir à casa um carácter mais versátil, a forma de apropriação destes espaços é influenciada pela sua colocação - por exemplo, uma divisão independente associada à entrada pode adequar-se à integração do trabalho na casa, com a criação de um escritório ou, por outro lado, se a sua relação mais direta for com a sala, pode servir como extensão desta -; ou pela sua formulação - se é um espaço que surge pela subdivisão de outro, então adquire uma condição temporária, adaptando-se ao longo do tempo às várias necessidades.

Ao contemplar uma divisão ‘a mais’, a casa promove diferentes possibilidades de apropriação, adaptando-se mais facilmente a diversos conjuntos familiares ou ao desenvolvimento de uma mesma família.

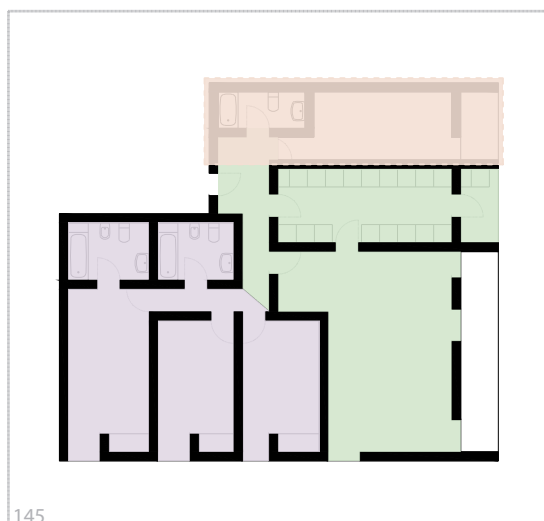
²¹⁰ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 52. | ²¹¹ Monteys et al., *Rehabitar*, 61. | ²¹² Monteys et al., *Rehabitar*, 61.



143



144

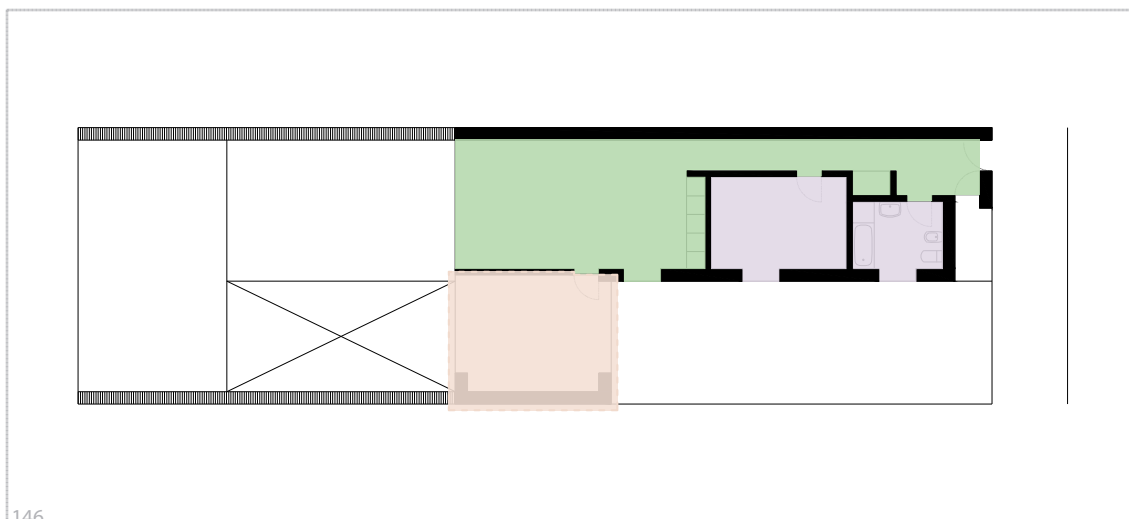


145

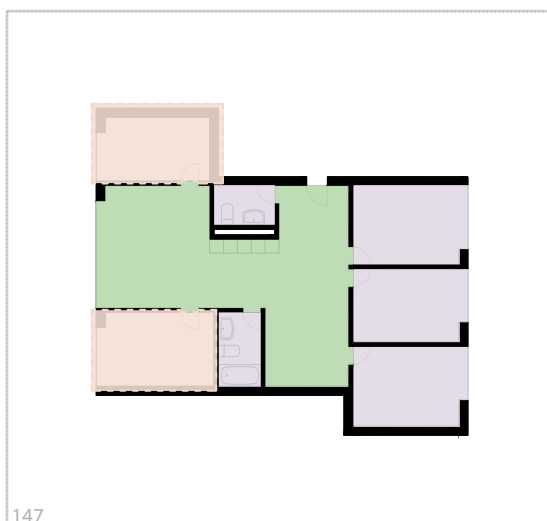
Dentro da seleção de projetos para este estudo, três são as situações em que se encontra uma 'divisão a mais' totalmente independente.

O acesso direto a partir da entrada e, exceto no primeiro caso, a inclusão de uma casa-de-banho nesse núcleo permitem que possa ser atribuído ao espaço uma função mais pública, sem colidir com a privacidade geral da casa, como, por exemplo, a introdução do trabalho na casa, com a criação de um escritório onde se poderá receber eventuais clientes, sem que esses tenham de penetrar no espaço íntimo,

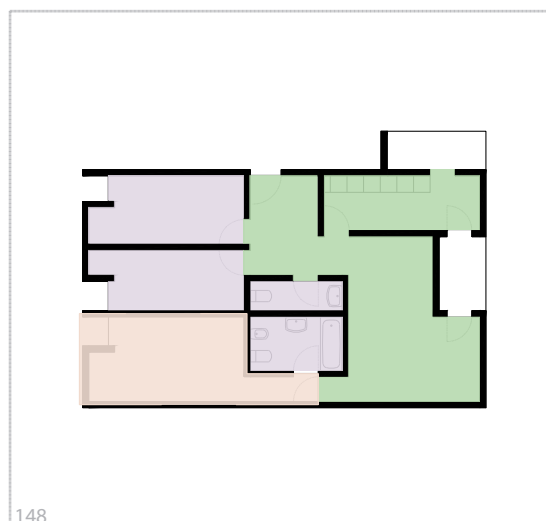
Por outro lado, pode ser também forma de conferir maior independência a um membro da família, opção válida tendo em conta a cada vez mais tardia saída de casa dos pais por parte dos jovens, que conseguiria aqui um espaço mais 'seu' sem os encargos que o morar sozinho acarreta.



146



147



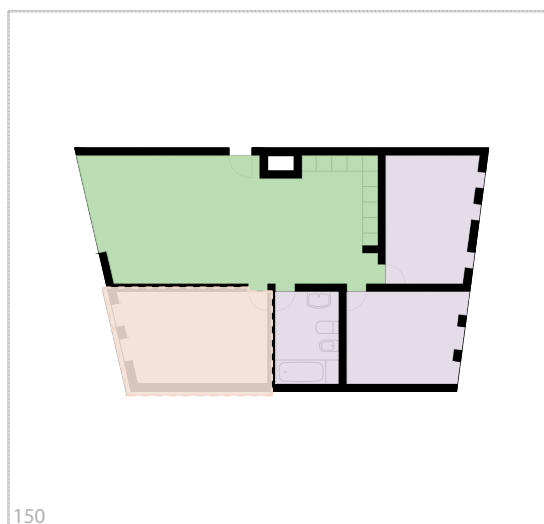
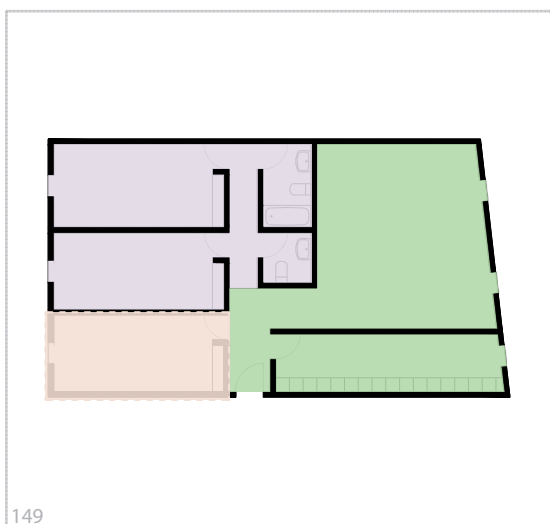
148

Noutros casos, há divisões que se encontram separadas do núcleo dos quartos, fazendo-se o seu acesso diretamente pela sala.

Aqui, ainda que, naturalmente, estas divisões possam adquirir uma função normal de quarto, a sua posição permite que lhes seja atribuído outro tipo de usos.

Ao surgirem junto da sala, o seu nível de intimidade é distinto daquele dos quartos, tendo menor privacidade do que esses. Contudo, a separação física torna-os mais reservados do que a zona social.

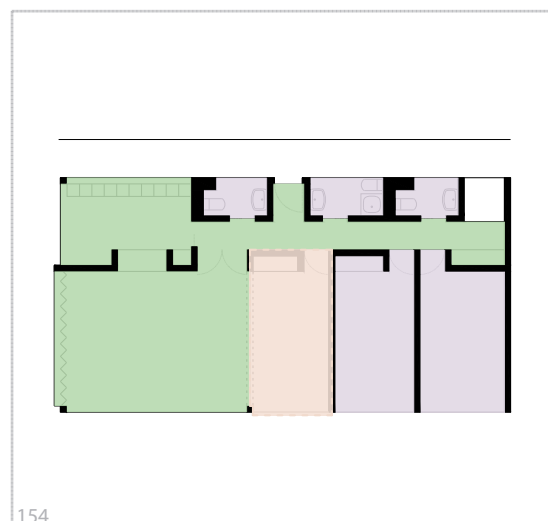
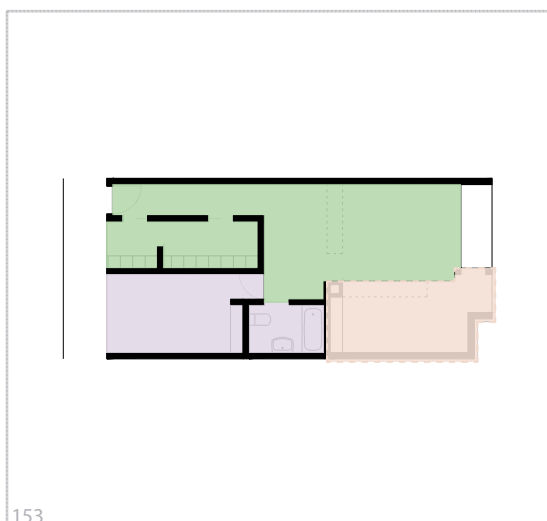
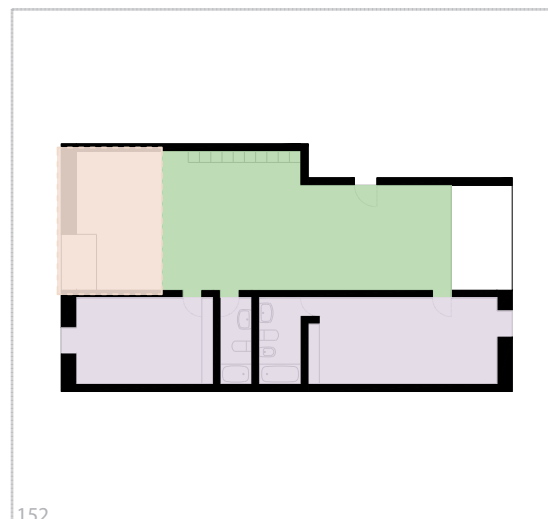
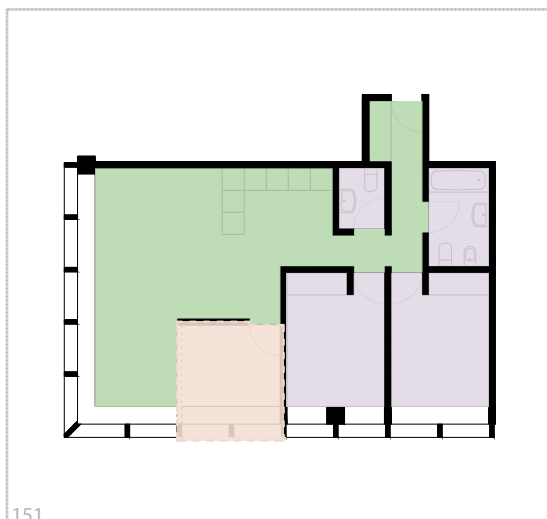
Assim, a sua posição intermédia permite que funcionem, por exemplo, como salas de leitura ou para outros *hobbies*, ou como escritório privado, ou seja, numa espécie de extensão da própria sala, mas destinados a atividades que podem beneficiar de um espaço próprio.



Nos dois exemplos acima, identificámos as divisões assinaladas como podendo ser consideradas 'divisão a mais' pela sua posição.

Embora em muito se assemelhem aos restantes quartos da casa, aqueles que legendámos como pertencentes à zona íntima, parecem destacar-se destes pelo local onde se colocam, que, de certo modo, os afasta desse núcleo.

Ainda que esta condição possa não ter sido totalmente intencional, ao contrário do que se verificou nos exemplos até aqui observados, a verdade é que a relação muito próxima com a entrada ou o acesso mais direto pela sala transformam o seu carácter, fazendo com que pareçam poder ser concebidos e apropriados como verdadeiras divisões a mais, passíveis de albergar usos mais diversos.



Por fim, alguns projetos sugerem a possibilidade de subdivisão de um determinado espaço, normalmente a sala devido às suas maiores dimensões, de forma a criar mais uma divisão na casa. Através de mobiliário, de partições móveis ou da construção de paredes divisórias, é então possível conseguir um novo espaço que poderá funcionar como quarto ou adquirir qualquer um dos usos descritos para os exemplos anteriores.

A principal vantagem destes casos está no facto de que qualquer solução é provisória: ao longo do tempo, a casa pode ser ocupada por vários moradores que a apropriem de modos distintos, ou por uma mesma família que a vá alterando de acordo com as suas necessidades em cada momento; mais ainda, o mesmo edifício pode albergar tipologias familiares distintas, garantindo que todas possam moldar a casa de várias formas, adaptando-a às suas necessidades.

5.

a casa ideal

Quando demos início à definição dos temas que conformariam o estudo dos projetos, no capítulo ‘nas mãos do arquiteto’, colocámos três perguntas essenciais relativamente ao desenho da casa e respetiva influência na perceção e habitar da mesma. As duas primeiras foram respondidas no desenrolar desse capítulo, tendo uma terceira e última ficado propositadamente sem resposta.

A questão - haverá um modelo a seguir que permita o desenho de uma casa mais flexível e adaptável às diversas realidades da sociedade atual? - é a que dá origem ao presente capítulo, cujo título ‘a casa ideal’ surge metaforicamente, quase como uma provocação.

Uma metáfora, desde logo, porque a verdade é que o ‘ideal’ é um conceito utópico, pelo menos no que diz respeito à casa, devido à intrínseca relação que se estabelece entre o espaço e as pessoas que a habitam, como foi reafirmado por diversas vezes desde o início deste trabalho. Nesse sentido, uma ideia de ‘casa ideal’ pressupõe uma adequação e uma adaptação plena à família e suas idiossincrasias, o que pode ser possível quando criada para um cliente específico com o qual é possível dialogar, mas nunca quando o desenho se destina a um morador desconhecido que, portanto, pode variar entre um quase infindável número de combinações de géneros, idades, relações, ideais, crenças, personalidades.

Do mesmo modo, é já possível responder à pergunta acima: não; resposta que, no entanto, está longe de ser esclarecedora e, naturalmente, não esgota a discussão deste capítulo. Ainda que não pareça existir um ‘modelo’ do qual resulte uma solução sempre certa, há caminhos a seguir ou opções a tomar que podem transformar o desenho da casa em algo mais versátil.

De facto, a *flexibilidade significa - já que não há uma solução única que seja preferível a todas as outras - a negação absoluta de um ponto de vista fixo, definido. A planta flexível tem o seu ponto de partida na certeza de que a solução correta não existe, já que o problema que requer uma solução está num permanente estado de fluxo (...)*²¹³³.

²¹³ Hertzberger, *Lições de Arquitectura*, 146.

O que se pretende, portanto, é que *o resultado não se [refira] abertamente a uma meta inequívoca, mas que ainda [admita] a interpretação, para assumir a sua identidade pelo uso*²¹⁴.

A FLEXIBILIDADE E A ADAPTABILIDADE

No âmbito da arquitetura residencial, os conceitos de flexibilidade e adaptabilidade têm vindo a ser largamente estudados, surgindo diversas formas de os definir e introduzir no desenho da casa, desde as habitações unifamiliares aos edifícios de habitação plurifamiliar e, nestes últimos, tanto no conjunto em geral como no interior dos fogos.

No contexto deste trabalho, essas diversas perspetivas não serão alvo de estudo aprofundado, surgindo esta referência apenas como forma de salientar os seus pontos mais relevantes, e assim esclarecer genericamente o que significam e como se interpretam.

Neste contexto, então, a flexibilidade integra soluções *para fornecer um domínio privado que irá satisfazer as necessidades de cada ocupante*²¹⁵ e a adaptabilidade é conseguida quando a casa tem a capacidade de *fornecer aos habitantes formas e meios que facilitem um ajuste entre as necessidades de espaço e as limitações da casa*²¹⁶ ou *pode ser facilmente alterada conforme as circunstâncias mudam*²¹⁷.

Os dois conceitos são, portanto, complementares, remetendo a flexibilidade para um aspeto mais geral da habitação, relativa às suas partes fixas, estruturais e técnicas, e referindo-se a adaptabilidade mais particularmente à distribuição e organização dos espaços, suas dimensões e relações.

No fundo, de certo modo sobrepondo-se, os conceitos procuram descrever um conjunto de diversas hipóteses oferecidas tanto antes como depois da ocupação, ou seja, quer na capacidade de a casa se adequar a uma variedade de agregados familiares distintos, quer na possibilidade de alteração ao longo do tempo, de acordo com a evolução e as necessidades cambiantes do habitante. Em suma, a casa flexível e/ou adaptável será aquela *que responde à volatilidade do habitar*²¹⁸.

²¹⁴ Hertzberger, *Lições de Arquitectura*, 152. | ²¹⁵ Andrew Rabeneck, David Sheppard, e Peter Town, "Housing Flexibility", *Architectural Design* 43 (1973): 709. | ²¹⁶ Avi Friedman, *The Adaptable House: designing homes for change* (Nova Iorque: McGraw Hill, 2002), 1. | ²¹⁷ Rabeneck, Sheppard, e Town, *Housing Flexibility*, 699. | ²¹⁸ Tatjana Schneider e Jeremy Till, *Flexible Housing* (Londres: Architectural Press, 2007), 5.

5.1. Sistematização

*Não se trata unicamente de reivindicar aqui uma atenção hoje de moda para os habitantes, mas de reclamar para eles que os arquitetos voltem a uma arquitetura conhecedora da vivenda, que convoquem ou revoquem de maneira meditada os princípios da distribuição. Que retomem o sábio trabalho de colocação no seu sítio dos distintos espaços, das suas relações, que reflitam, como todos os seus predecessores, sobre os dispositivos adaptados aos modos de vida atuais mas suficientemente flexíveis para ser válidos num futuro próximo (...)*²¹⁹. Em conjunto, foram os capítulos das ‘minhas casas’ e das ‘casas de hoje’ que nos ajudaram a encontrar esses dispositivos.

No primeiro caso, a observação dos modos de ocupar e habitar os espaços por parte de habitantes muito distintos permitiu reconhecer de que forma é que a composição da casa é interpretada e apropriada, como é que as pessoas tornam um espaço ‘genérico’ em algo muito próprio. Por outro lado, os projetos de habitação contemporâneos demonstraram as ferramentas de que os arquitetos dispõem para conformar e definir o espaço da casa, bem como algumas indicações do modo como essas vão sendo moldadas para uma adequação a novas realidades familiares. As duas perspectivas sugerem, então, como possíveis caminhos a seguir para que a casa se transforme numa entidade mais versátil.

Assim sendo, retomamos aqui esses dois capítulos, voltando a percorrer tanto as casas habitadas como os exemplos de arquitetura contemporânea, resumindo-os em cada um dos sete temas que escolhemos trabalhar e, dessa forma, estabelecendo uma comparação direta entre casas de épocas distintas, possíveis intervenções de arquitetos ou habitantes, diferentes intenções e concretizações.

No fim, resultam estratégias para a adaptabilidade e flexibilidade da casa que, depois, estarão na base do que denominamos ‘intervenção’.

²¹⁹ Eleb, “Modos de vida emergentes y hábitat”, 54.

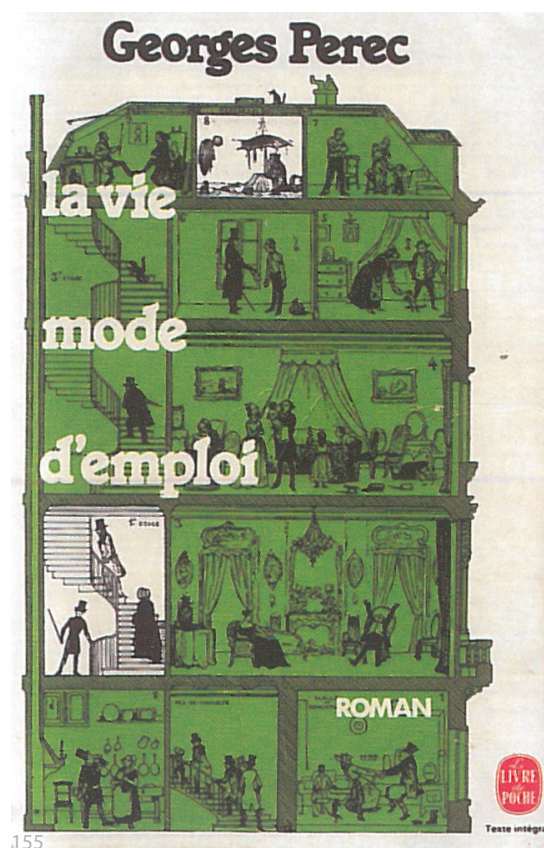


Figura 155 | Capa do livro *La Vie Mode d'Emploi*, Georges Perec (1978)

[1] DIMENSÃO DOS ESPAÇOS

#1	NAS MINHAS CASAS	NAS CASAS DE HOJE
SALA DE MAIORES DIMENSÕES	JUSTIFICA-SE PELO FACTO DE SEREM CASAS DE OUTRA ÉPOCA EM QUE ESTE ERA O DESENHO GENERALIZADO (A MINHA TERCEIRA, AMIGA ANA, AVÔ ZÉ, NAMORADO)	É A SOLUÇÃO MAIS FREQUENTE, OCORRENDO TANTO PELA VONTADE DE VALORIZAR O ESPAÇO (F03, F07, F08, F11, F14, F15, F16), COMO PELA CONCENTRAÇÃO DE FUNÇÕES (F01, F02, F04, F05, F07, F09, F10, F12)
APROXIMAÇÃO	AS DUAS CASAS CONSTRUÍDAS NO INÍCIO DOS ANOS 2000 APRESENTAM UMA PERCEÇÃO DAS NOVAS FORMAS DE VIVER A CASA, APRESENTANDO ALGUMA DIMINUIÇÃO DA SALA (TIA LENA, TIA JOANA)	À SEMELHANÇA, ALGUNS PROJETOS TÊM UMA SALA CUJAS DIMENSÕES SE APROXIMAM MAIS ÀS OUTRAS (F02, F05, F06, F10, F13, F15, F17)
AUSÊNCIA DE SALA	HA' UMA SITUAÇÃO QUE NÃO TEM SALA DEFINIDA, PARA A INCLUIR TERIA QUE SE OCUPAR UM DOS 'QUARTOS' (ERASMUS)	NÃO ACONTECE!

156

No tema da dimensão dos espaços, não se trata de introduzir maior ou menor flexibilidade, mas antes de reconhecer um novo entendimento da privacidade e da sociabilidade, que se traduz, atualmente, na maior utilização dos quartos em detrimento da sala. Naturalmente, a sala continua a ser o espaço preferencial de reunião, o local para receber convidados, espaço de estar e também de jantar, num conjunto de atividades que justificam que seja o maior espaço da casa. Contudo, perceber as novas realidades familiares implica reconhecer que esses usos podem não estar sempre presentes e ser valorizados, pelo que reduzir um pouco as dimensões não será uma desvantagem, principalmente se isso significar favorecer os quartos, lugares cuja utilização tem vindo a aumentar gradualmente.

[2] ESPAÇO DE ENTRADA

#2	NAS MINHAS CASAS	NAS CASAS DE HOJE
DEFINIDA	NUM DESENHO MAIS CONVENCIONAL, A ENTRADA SURGE SENSIVELMENTE A MEIO, O QUE AJUDA A DEFINIR AS ZONAS DA CASA (A MINHA TERCEIRA, AMIGA ANA)	APENAS QUATRO DOS EXEMPLOS APRESENTAM UM ESPAÇO EXCLUSIVAMENTE DESTINADO À ENTRADA (F02, F05ab, F08)
	SE COLOCADA NUM EXTREMO, FUNCIONA APENAS PARA ISSO) (TIA LENA, NAMORADO)	
ENTRADA + DISTRIBUIÇÃO	HA' UM EXEMPLO EM QUE A ENTRADA É O CORREDOR DE DISTRIBUIÇÃO (ERASMUS)	MAIS COMUM É O ESPAÇO DE ENTRADA SIRVA TAMBÉM PARA DISTRIBUIÇÃO, PODENDO SER UM HALL (F02, F06, F08, F10, F11, F13, F15, F16) OU UM CORREDOR (F01, F02, F03, F04, F06, F08, F09, F11, F12)
	NUMA CASA + PEQUENA, O ESPAÇO DE ENTRADA É TAMBÉM DISTRIBUIDOR (AVÔ ZÉ)	
PARA A SALA	APENAS UMA CASA NÃO TEM ENTRADA, QUE É FEITA PARA A SALA (TIA JOANA)	POR VEZES RECUZA-SE O ESPAÇO DE ENTRADA, QUE SE FAZ DIRETAMENTE P/ A SALA (F03, F04, F07, F10, F12, F16)

157

A existência de um espaço de entrada não é uma característica que contribua diretamente para a versatilidade da casa, no entanto representa um marco importante de transição entre o exterior e público - a zona dos acessos ao edifício onde se insere ou a própria rua - e o espaço interior da privacidade. Ao mesmo tempo, pode surgir como dispositivo de distribuição dos âmbitos no interior, ajudando a distinguir claramente os dois lados: social e íntimo, dependendo da forma como todos os espaços se organizam e relacionam. A opção de rejeitar este espaço implica, assim, que os níveis de privacidade se confrontem de forma direta, o que pode imprimir uma sensação algo desconfortável e impessoal.

[3] ZONAS DE DIA E DE NOITE

#3	NAS MINHAS CASAS	NAS CASAS DE HOJE
DIVISÃO CLARA	COM A ENTRADA A MEIO, AS ZONAS DIVIDEM-SE PARA UM E OUTRO LADO (A MINHA TERCEIRA, AMIGA ANA)	NÃO É MUITO FREQUENTE, MAS É POSSÍVEL ENCONTRAR SITUAÇÕES EM QUE AS DUAS ZONAS ESTÃO CLARAMENTE DEMARCADAS, PARA CADA LADO DA ENTRADA (F02, F03, F05, F08, F11, F14, F16)
	TAMBÉM ACONTECE UMA DIVISÃO POR GRADUAÇÃO, MARCADA NO ENLADEAMENTO DE ESPAÇOS (TIA LENA)	
ATRAVESSAMENTO	COM A ENTRADA NUM EXTREMO E UMA SALA DE GRANDES DIMENSÕES, É NECESSÁRIO PASSAR POR ESTA PARA CHEGAR À ZONA DOS QUARTOS, DISTRIBUÍDOS AO LONGO DE UM CORREDOR (NAMORADO)	QUANDO A ENTRADA É PARA A SALA, É NECESSÁRIO ATRAVESSAR ESTA PARA CHEGAR AOS QUARTOS, AOS QUAIS SE PODE ACESSAR DE FORMA DIRETA (F02, F04, F07, F10, F12, F14) OU ATRAVÉS INDIRETAMENTE, ATRAVÉS DE UM HALL OU CORREDOR DE DISTRIBUIÇÃO LIGADO À SALA (F02, F03, F05, F07, F15)
SEM DISTINÇÃO	PELO DESENHO DO ESPAÇO DE DISTRIBUIÇÃO, AS ZONAS NÃO SE ENCONTRAM CLARAMENTE MARCADAS (DVO ZÉ, ERASMUS)	NÃO ACONTECE!

158

Pode argumentar-se que uma distinção bem definida entre o que serão a zona de dia (sala, cozinha) e a zona de noite (quartos) significa um prejuízo à flexibilidade da casa, já que se impõe uma forma mais tradicional de a usar. Contudo, *parece claro que a maioria da população é, e particularmente no que toca à casa, muito mais trend-follower do que trendsetter*²²⁰. Assim, uma clara separação entre os diversos âmbitos deve funcionar como uma sugestão ao habitante da forma de utilizar a sua casa, baseada em formas de ocupação mais usuais. Além disso, esta distinção pode não ser totalmente imperativa, se forem concebidos espaços intermédios com possibilidade de relação a ambas as zonas. Esta separação dia/noite favorece ainda a demarcação dos vários graus de privacidade desejáveis na casa.

Figura 158 | Tabela de sistematização do tema 3 - zonas de dia e de noite

²²⁰ Pereira, *Casa e Mudança Social*, 316.

[4] ZONAS DE SERVIÇO

#4	NAS MINHAS CASAS	NAS CASAS DE HOJE
COZINHA	NORMALMENTE, A COZINHA TEM AS DIMENSÕES ESSENCIAIS PARA A COLOCAÇÃO DOS ELETRODOMÉSTICOS E BALCÕES NECESSÁRIOS (A MINHA TERCEIRA, AMICA ANA, AVÔ ZÉ, NAMORADO)	O MAIS COMUM NOS PROJETOS CONTEMPORÂNEOS É REJEITAR A COZINHA ENQUANTO DIVISÃO INDEPENDENTE, ASSOCIANDO-A À SALA (F01, F02, F04, F05, F06, F07, F09, F10, F12, F13)
	APENAS NAS DUAS CASAS MAIS RECENTES A COZINHA PERMITE A CRIAÇÃO DE UMA PEQUENA ZONA DE REFEIÇÕES (TIA LENA, TIA JOANA)	
CORREDOIR	EM TODAS AS CASAS OBSERVADAS, OS CORREDORES APRESENTAM APENAS AS DIMENSÕES ESSENCIAIS PARA CUMPRIR A SUA FUNÇÃO DE PASSAGEM, NUNCA PERMITINDO OUTROS USOS	

159

Relativamente às zonas de serviço, é importante entendê-las e concebê-las como lugares em si mesmos que, embora cumprindo funções específicas ou surgindo como ligação entre divisões, não têm menor importância no conjunto. Aliás, estes espaços podem mesmo ser um importante dispositivo para aumentar a flexibilidade do todo que é a casa: a posição da cozinha e sua relação com a sala pode alterar completamente a percepção e utilização do espaço; no caso dos corredores, são as suas dimensões que, ao aumentar, podem permitir mais usos além da passagem, desde o comum armazenamento, até ao estar, repousar, trabalhar, etc.

[5] PORTAS

#5	NAS MINHAS CASAS	NAS CASAS DE HOJE
MAIS PORTAS	NAS DUAS CASAS EM QUE A SALA TEM DUAS PORTAS, ESSE FATOR INFLUENCIA A FORMA DE A UTILIZAR (A MINHA TERCEIRA, AMICA ANA)	HÁ APENAS DOIS EXEMPLOS EM QUE SE COLOCAM MAIS PORTAS DO QUE AS ESTRUTURALMENTE NECESSÁRIAS (F02, F11)

160

As portas representam uma das formas mais simples de conferir maior versatilidade à casa. Como afirma Monteys, mais do que colocar apenas as portas necessárias, deveria procurar-se outras relações entre as diversas divisões, sendo que a ação de fechar a porta, recusando essas relações está sempre disponível, se o habitante assim entender. Criar uma ligação direta entre um quarto e a entrada, um quarto e a sala, ou mesmo entre dois quartos é uma forma de abrir os espaços a outros usos além dos convencionais.

[6] ESPAÇO EXTERIOR

# 6	NAS MINHAS CASAS	NAS CASAS DE HOJE
NÃO TEM	QUANDO NÃO EXISTE, É DE SALIENTAR QUE SE TRATA DE UMA DESVANTAGEM (A MINHA TERCEIRA, NAMORADO)	OCCORRE APENAS NUMA MINORIA DOS CASOS (F01, F03, F09, F13, F17)
TEM (APENAS 1 DIVISÃO)	NAS CASAS EM QUE OCUPA APENAS UMA DIVISÃO, A VARANDA É NA SALA (TIA JOANA) OU NA COZINHA (ERASMUS)	POR NORMA, O ESPAÇO EXTERIOR É NA SALA (F02, F04, F05, F06, F08, F10, F11, F12, F14), RARAMENTE SURTE APENAS NO QUARTO (F02, F10, F12). SÓ NUM EXEMPLO SE LIGA À COZINHA (F15)
TEM (+1 DIVISÃO)	VÁRIAS CASAS TÊM UM ESPAÇO EXTERIOR QUE RELACIONA + DO QUE UMA DIVISÃO, QUER APENAS VISUALMENTE (AVÔ ZÉ, AMIGA ANA), QUER NO ACESSO (TIA LENA)	ALGUNS PROJETOS TÊM A SUA VARANDA NA ZONA DE DIA, UNINDO SALA E COZINHA (F03, F15, F16) QUANDO HÁ UM ESPAÇO EXTERIOR NO QUARTO, POR VEZES ACRES- CENTA-SE OUTRO NA SALA (F04, F05, F11) OU É O MESMO QUE RELACIONA AMBAS AS DIVISÕES (F04, F15)

161

Integrar no desenho da casa um espaço exterior provoca a valorização geral do conjunto. As possibilidades do seu uso dependem da sua colocação, das divisões com que se relaciona e que põe em relação. De uma forma geral, incluir uma varanda ou terraço não têm influência direta na versatilidade do espaço da casa, mas pode dar um novo sentido às divisões, criando um conjunto mais atrativo.

Figura 161 | Tabela de sistematização do tema 6 - espaço exterior

[7] DIVISÃO A MAIS

#7	NAS MINHAS CASAS	NAS CASAS DE HOJE
NÚCLEO INDEPENDENTE	<p>O EXEMPLO MAIS EVIDENTE É A EXISTÊNCIA DO CHAMADO 'QUARTO DA EMPREGADA' (AMIGA ANA)</p> <p>OU O QUARTINHO SEM LUZ DE RELAÇÃO DIRETA COM A ENTRADA (AVÔ ZÉ)</p>	<p>ACONTECE EM TRÊS DOS PROJETOS HAVER UMA DIVISÃO ASSOCIADA DIRETAMENTE À ENTRADA, TORNANDO-SE INDEPENDENTE DO RESTO DA CASA</p> <p>(F02, F05, F11)</p>
À SALA	<p>TAMBÉM HÁ UMA SITUAÇÃO DE UM QUARTO AFASTADO DO NÚCLEO DE NOITE, COM ACESSO PELA SALA (NAMORADO)</p>	<p>É COMUM QUE EXISTAM DIVISÕES ASSOCIADAS À SALA, O QUE LHE PERMITE OUTROS USOS</p> <p>(F03, F06, F15)</p>
ESPAÇOS AMBÍGUOS	<p>NÃO SE DEVE À SUA POSIÇÃO, MAS ANTES À FORMA DE OCUPAÇÃO, QUE FAZ COM QUE UM DOS QUARTOS SE TRANSFORME NUMA AUTÊNTICA DIVISÃO A MAIS (TIA JOANA)</p>	<p>HÁ TRÊS EXEMPLOS EM QUE SE PODEM CONSIDERAR DIVISÕES A MAIS DEVIDO À SUA POSIÇÃO, QUE LHE CONFERE ALGUMA AMBIGUIDADE FACE AO CONJUNTO.</p> <p>(F02, F03, F07)</p>
POR SUBDIVISÃO	NÃO ACONTECE!	<p>EM PROJETOS NOS QUAIS A SALA TEM MAIORES DIMENSÕES POR VEZES PREVÊ-SE A POSSIBILIDADE DA SUA SUBDIVISÃO, CRIANDO UM NOVO ESPAÇO</p> <p>(F09, F12, F14)</p>
INEXISTENTE	<p>É MAIS COMUM QUE TODAS AS DIVISÕES TENHAM A SUA FUNÇÃO TOTALMENTE DEFINIDA (A MINHA TERCEIRA, AMIGA ANA, ERASMUS)</p>	<p>EMBORA PRESENTE EM MUITOS CASOS, A MAIORIA DOS PROJETOS NÃO TEM QUALQUER DIVISÃO A MAIS</p> <p>(F01, F02, F03, F04, F05, F06, F07, F08, F10, F11, F15, F16, F17)</p>

162

Incluir divisões ambíguas ou prever a possibilidade da sua criação é uma forma de aumentar a adaptabilidade da casa. O facto de essas admitirem ser integradas em ambas as zonas e, por isso, permitirem uma grande variedade de usos, transforma a casa num conjunto passível de ser alterado no imediato e/ou ao longo do tempo, adequando-se, assim, tanto a diferentes agregados familiares como a possíveis mudanças no seio da mesma família.

Figura 162 | Tabela de sistematização do tema 7 - divisão a mais

5.2. Intervenção

No conjunto de projetos contemporâneos que foram selecionados e observados anteriormente foi possível encontrar alguns que contemplavam já uma série de soluções de interesse no âmbito da flexibilidade. Noutros casos, nomeadamente aqueles em que se estudaram várias casas de um mesmo edifício, ficou claro que, embora uma ou outra solução pudessem aproximar-se mais das tipologias correntes, era o conjunto que originava uma solução mais versátil, pela variedade de opções que integrava.

Neste contexto, e porque nos parece essencial a aplicação da informação sistematizada anteriormente, no sentido de mais eficazmente transmitir as nossas ideias, integramos agora a intervenção. Esta surgirá naquelas duas vertentes, isto é, por um lado apontando as características que alguns projetos já demonstram e, por outro lado, através de alterações para a sua introdução. Não se trata, aqui, de fazer uma crítica aos projetos, uma vez que o seu contexto e as suas condicionantes são desconhecidas, pelo que essa nunca teria fundamento. Antes procuramos a aplicação prática de estratégias que nos parecem melhor contribuir para a versatilidade do espaço no geral, para a mais clara organização da casa e sua transformação num conjunto mais funcional e mais direcionado às novas formas de habitar.

*Da mesma maneira que desenhar a planta é uma ajuda para dar sentido a uma casa nova, redesenhá-la pode dar um sentido totalmente novo a uma casa existente*²²¹. Em parte, porém, a casa existente é apenas o mote, já que o resultado é algo totalmente novo.

Assim, propomos primeiro o reconhecimento e, depois, o retorno ao momento do projetar, demonstrando algumas decisões que se poderiam tomar para que o resultado fosse uma casa, no geral, mais versátil.

Não concebemos esta nossa intervenção como um manual para desenhar casas, mas sim como um pretexto para olhar a casa de uma outra forma, tendo em conta algumas condições e

²²¹ Moore, Allen, e Lyndon, *La Casa*, 209.

características que são, por vezes, desconhecidas ou postas de parte, mas que podem dar origem a uma conceção da casa mais flexível e adaptável.

Para já, apresentamos, em baixo, quais são esses projetos seleccionados e o grupo em que se incluem, passando, de imediato, à concretização da intervenção.

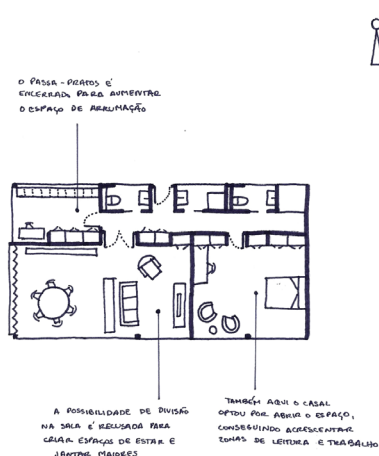


Figura 163 | Fichas seleccionadas para a intervenção por reconhecimento e retorno.

RECONHECIMENTO: CASO 1

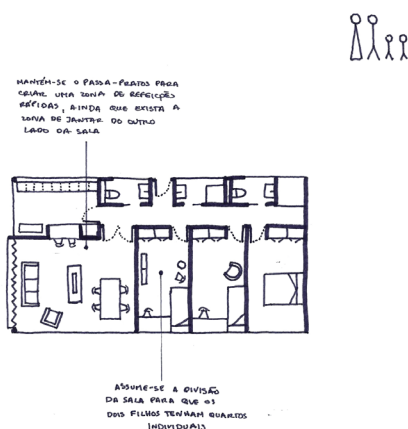
Neste desenho, salientamos algumas características mais relevantes: a entrada surge para um espaço muito pequeno que logo se desdobra num corredor, formando um espaço em T onde é possível distinguir claramente a zona de dia para um lado e a zona de noite para o outro. Os espaços de serviço alinham-se ao longo desse mesmo corredor que é rematado na cozinha. Aí, existe um passa-pratos que estabelece relação com a sala, à qual se chega antes, por uma porta dupla no corredor, o que faz a distinção entre essa e as restantes divisões. No interior prevê-se a possibilidade de o espaço ser dividido numa das suas partes, criando-se um quarto que, se assim for, terá acesso pelo corredor, na mesma sequência dos outros dois.

164



Numa destas casas habita um casal que, para já, não pretende ter filhos. Assim, decidiram derrubar a parede entre os dois quartos, de forma a conseguirem um espaço maior para si, onde pudessem, além da cama, colocar uma secretária e uma pequena área de convívio. Na sala, optaram por manter o espaço aberto, de forma a ter uma sala de estar grande mas, ao mesmo tempo, poder receber os amigos para grandes jantares.

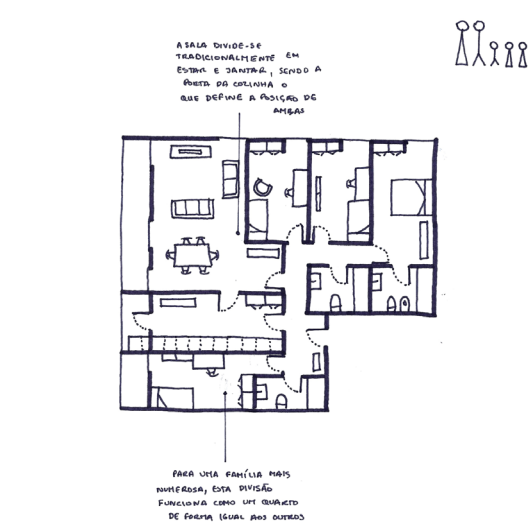
165



Ao contrário, no piso de cima, mora um casal com dois filhos. A possibilidade de dividir a sala foi uma das vantagens que encontraram na casa, pois assim poderiam criar um quarto para cada filho. Por esse motivo, a sala ficou menor, mas com espaço suficiente para colocarem os sofás e ainda uma mesa de jantar. Além disso, porque de manhã estão sempre apressados, decidiram usar o passa-pratos como zona de refeições, para facilitar os pequenos-almoços.

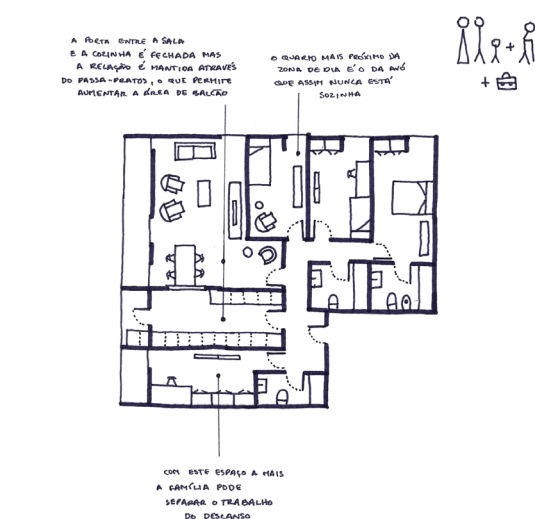
RECONHECIMENTO: CASO 2

Esta casa distribui-se, a partir da entrada, de forma gradual desde as áreas sociais até à zona mais íntima. Esse primeiro espaço está bem definido, estreitando depois para um corredor onde se sucedem as várias portas para a sala e os quartos. Na cozinha, além da porta para a entrada, há uma outra para a sala, estabelecendo-se, assim, uma relação mais direta entre as várias divisões. Esta casa apresenta uma distribuição, de certa forma, convencional, mas com pequenos apontamentos distintos, nomeadamente a existência, do outro lado da entrada, de um núcleo independente, composto por uma outra divisão e uma casa-de-banho, complementados ainda por um espaço exterior de varanda.



166

Um casal com três filhos escolheu esta casa como sua morada já que a existência daquele núcleo permitia incluir mais um quarto e, assim, reforçar nos filhos os ideais de privacidade e intimidade, oferecendo um quarto a cada um. Também as duas portas da cozinha eram uma vantagem, já que facilitavam os percursos tanto na chegada a casa como à hora das refeições, motivo pelo qual colocaram a mesa na zona da sala mais próxima da cozinha.

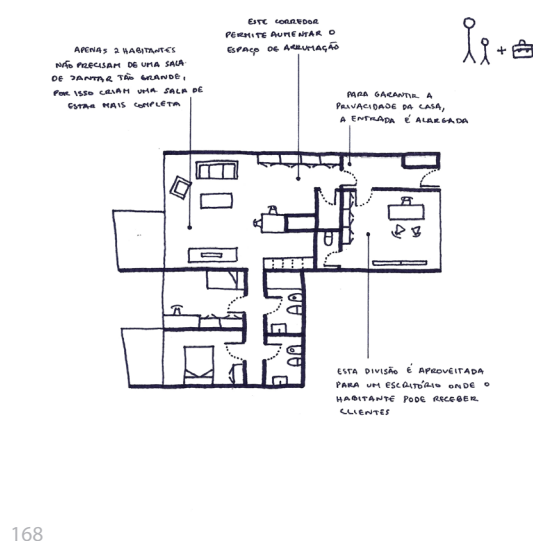


167

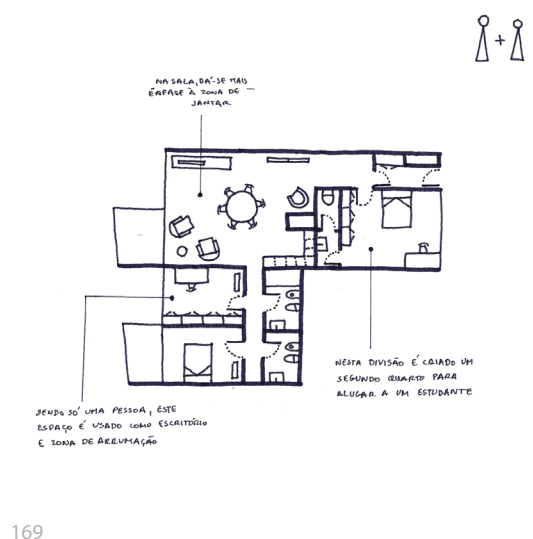
O casal em frente tem apenas um filho; por questões de saúde, também a avó habita com eles. Assim, a senhora fica no quarto mais próximo da sala, o que lhe garante atenção constante. Ao mesmo tempo, incluíram um espaço de trabalho, que queriam separado da zona de descanso, integrando-o naquele núcleo independente junto à entrada. Por fim, optaram por encerrar a porta entre a sala e a cozinha para terem aí mais arrumação.

RECONHECIMENTO: CASO 3

A entrada desta casa faz-se por um dos cantos, num espaço encerrado, quase em forma de corredor. Esse prolonga-se, depois, até à sala, tendo antes uma porta para uma divisão com casa-de-banho independente. A cozinha surge integrada na sala, sendo a divisão entre as duas sugerida pela posição de um núcleo de coretes, e o acesso aos quartos e casas-de-banho faz-se por um corredor entre as duas. Desta forma, ainda que a partir da entrada seja necessário atravessar a zona social para chegar aos espaços mais íntimos, essa condição é, de certo modo, resguardada pela existência do corredor. Por fim, tanto a sala como um dos quartos têm um espaço exterior próprio e sem qualquer conexão entre si.



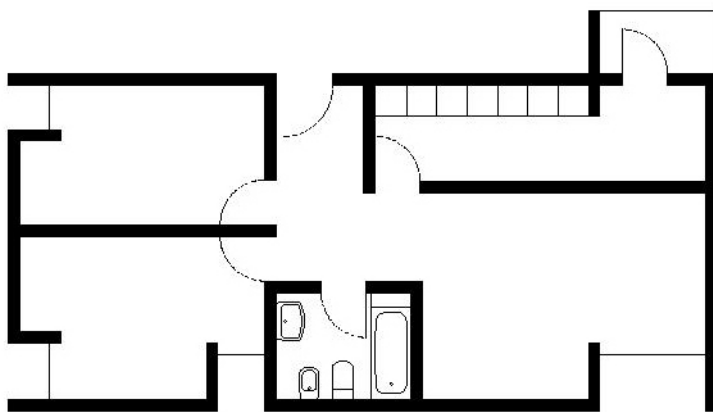
Desde o divórcio que o habitante desta casa partilha o espaço com o filho. Ao mesmo tempo, trabalha a partir de casa, sendo comum ter a necessidade de receber clientes. Assim, quando se mudou, decidiu prolongar o espaço de entrada, de forma a que o acesso ao escritório não intrefrisse com a sua privacidade. Quanto à sala, optou por investir mais na vertente de estar, reservando apenas uma pequena mesa junto à cozinha para as refeições.



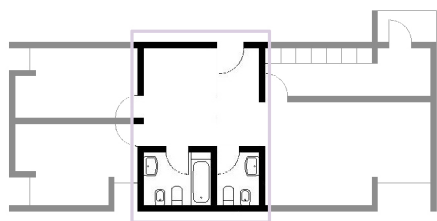
A vizinha é uma rapariga que mora sozinha, o que lhe permitiu, no segundo quarto, criar um pequeno escritório e uma extensa área de arrumação. Na sala, optou por reduzir a zona de estar, conseguindo colocar uma mesa para os jantares que gosta de organizar entre família e amigos. Por fim, decidiu que seria vantajoso utilizar a divisão a mais como um quarto, que poderia alugar a uma estudante e, assim, conseguir ganhar algum dinheiro.

RETORNO: CASO 4

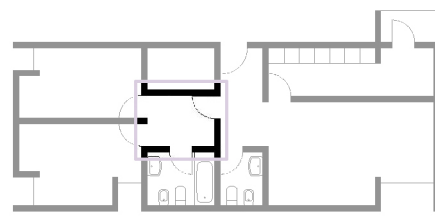
Em primeiro lugar, a criação de um afastamento entre a porta de entrada e a zona dos quartos permite, por um lado, a definição de um espaço de entrada e, por outro, o desenho de um *hall* de acesso aos quartos. Desta forma, há uma maior distinção entre as zonas de dia e de noite e consequentemente uma transição mais suave e gradual entre os vários níveis de privacidade distintos. Ao mesmo tempo, há ainda espaço para integrar uma segunda casa-de-banho, mais pequena, podendo atribuir-se uma à zona de noite e outra à zona de dia, o que define ainda mais concretamente a gradação da privacidade, evitando a necessidade de aceder à zona mais íntima para esse efeito. Depois, a extensão do espaço exterior, que antes se relacionava apenas com a cozinha, permite associá-lo também à sala, aumentando as possibilidades da sua utilização, valorizando o conjunto.



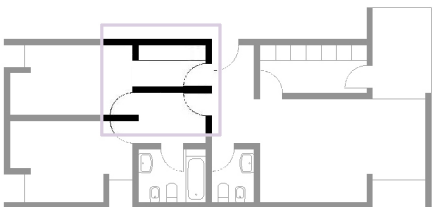
170



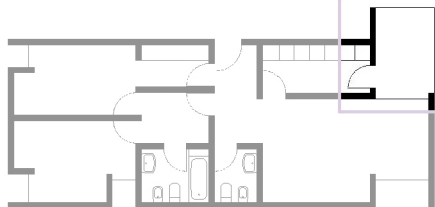
171



172

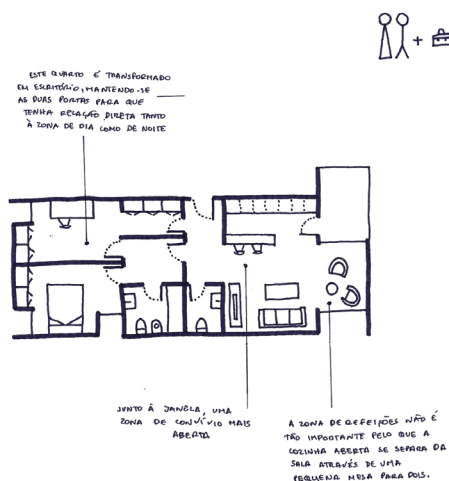


173

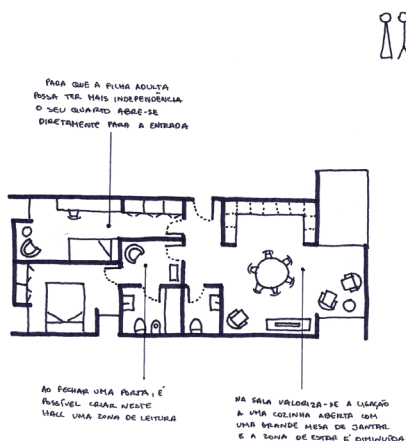


174

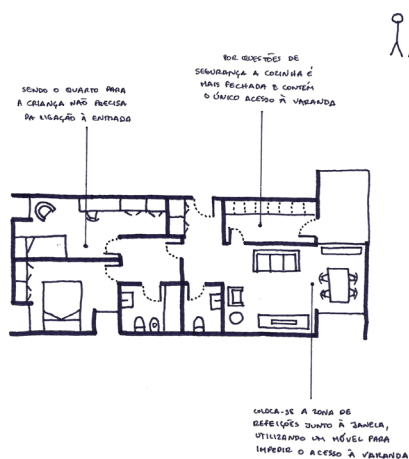
175



176



177



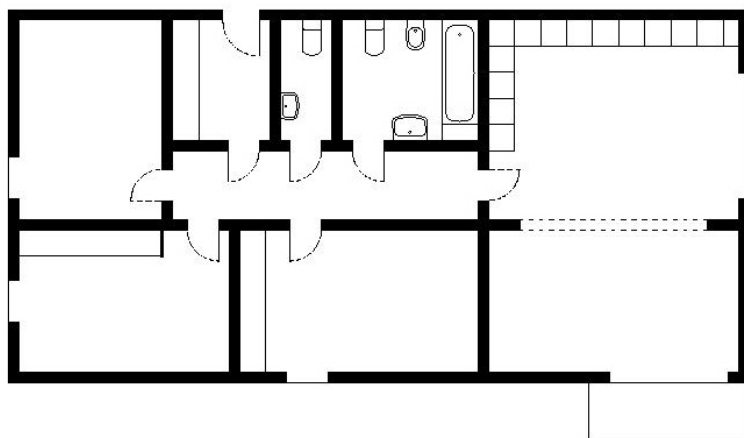
O casal que mora nesta casa, como apenas precisava de um quarto propriamente dito, para dormir, decidiu aproveitar a outra divisão para montar um escritório, tendo optado por manter as suas duas portas acessíveis, para facilitar os percursos. Por outro lado, optou por abrir a cozinha para a sala, separando as duas através de uma ilha onde fazem as refeições de forma mais descontraída.

No andar de cima, a filha é adulta e já trabalha, mas não tem ainda condições financeiras para as despesas de arrendamento de uma casa. Assim, continua a viver com os pais, tendo procurado, mesmo assim, alguma independência, motivo pelo qual decidiu encerrar a porta do seu quarto que o aproxima dos pais. Na sala, e porque pouco é o tempo que convivem em casa, devido aos horários muito diferentes, preferiram valorizar a zona das refeições.

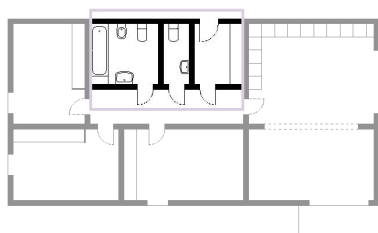
O casal em frente, que teve recentemente uma filha, já tem preparado para ela um quarto de dormir. A porta junto da entrada, por não ser necessária, foi fechada, o que permitiu ainda aumentar o espaço de arrumação. Na sala, para impedir o acesso da criança à varanda, colocaram um móvel que encerra a passagem, ao mesmo tempo que serve de apoio à mesa de jantar.

RETORNO: CASO 5

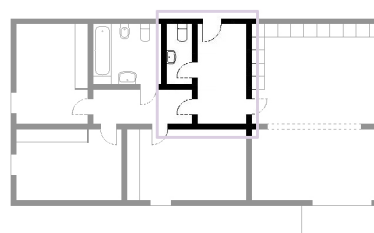
Neste exemplo, o primeiro passo é a inversão do núcleo central que contém a entrada e as casas-de-banho, o que resulta na maior separação entre as zonas, evitando o atravessamento da zona de noite para chegar à zona de dia. Depois, o espaço de entrada é definido e aumentado, e o acesso à casa-de-banho mais pequena é alterado para, à semelhança do exemplo anterior, se atribuir um WC a cada zona. Também uma intervenção na cozinha, delimitando-a de forma mais contida, permitindo maior rentabilização do espaço à sua volta, e ainda prevendo a possibilidade de fechar uma parte da sala para a criação de um terceiro quarto. Por fim, o quarto contíguo à sala é reformulado, sendo-lhe acrescentado um segundo acesso a partir da sala, o que contribui para uma maior versatilidade do seu uso.



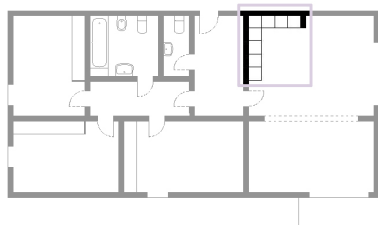
178



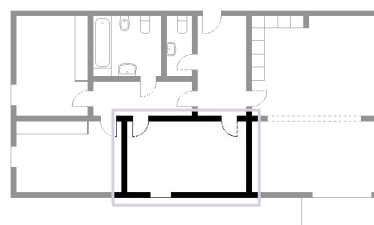
179



180

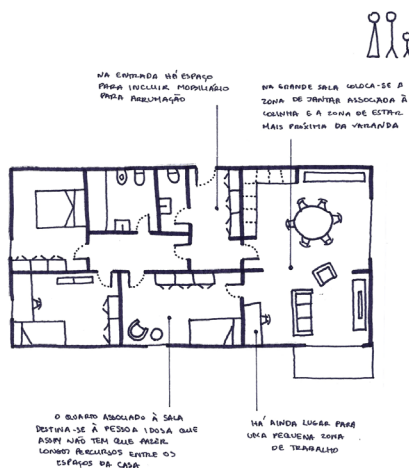


181



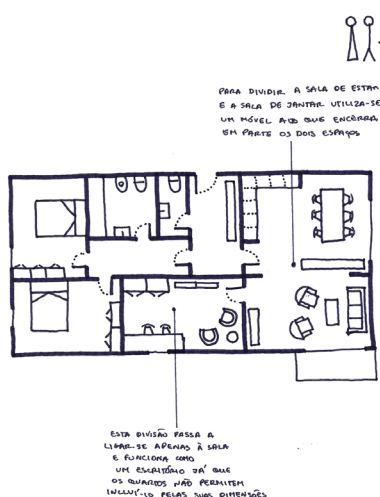
182

183



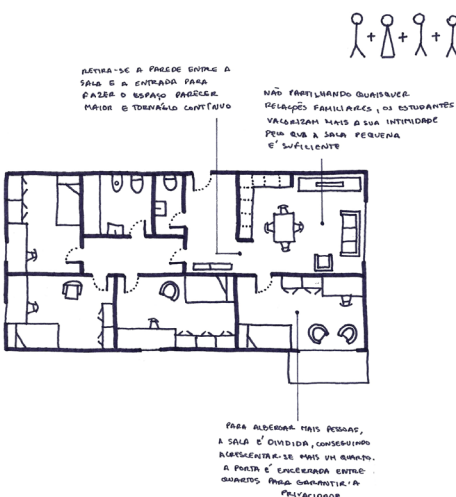
Aqui moram três gerações distintas. Os dois quartos do fundo são o dos pais e do filho e aquele mais próximo da sala ficou para o avô. Assim, o senhor não precisa de fazer um percurso tão longo para chegar aos outros lugares da casa. A ampla sala, por seu lado, permitiu distinguir bem a zona de jantar, mais próxima da cozinha, da zona de estar, junto à varanda, e criar ainda um espaço de trabalho.

184



No piso de baixo moram dois casais amigos, que apenas através desta partilha encontraram forma de conseguir sair de casa dos respetivos pais. Porque precisam constantemente de trabalhar em casa, aproveitaram a divisão ligada à sala para terem um escritório e, assim, afastar o *stress* do trabalho das noites de sono descansadas.

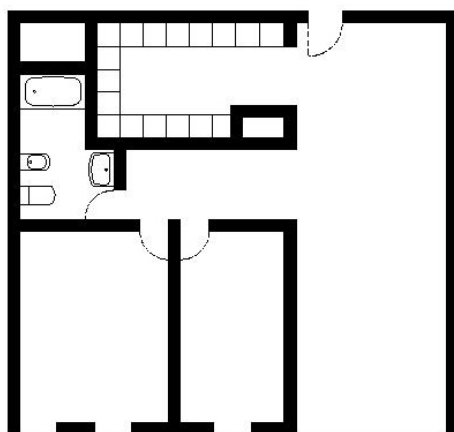
185



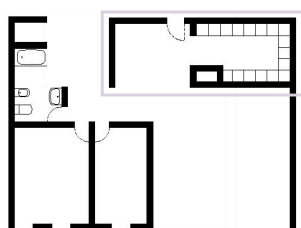
No último piso, a casa foi alugada a estudantes. Por esse motivo, uma parte da sala foi encerrada para se conseguir adicionar mais um quarto. Esta característica implicou, naturalmente, a diminuição da área da sala, o que não representou um problema já que foi possível manter as zonas de estar e jantar que, embora mais pequenas, têm a dimensão suficiente para o uso que estes estudantes fazem delas.

RETORNO: CASO 6

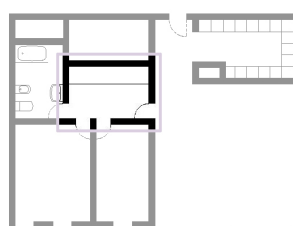
Também aqui a transformação começa com uma inversão, neste caso o conjunto da entrada e da cozinha, assim conseguindo um afastamento que permite o desenho de uma entrada e o encerramento do *hall* para a zona de noite, garantindo que essa se mantém um espaço íntimo e privado. Este *hall* adquire uma dimensão mais generosa, que permite que não seja exclusivamente lugar de passagem: pode incluir uma zona de arrumação ou ainda funcionar como, por exemplo, um pequeno espaço de leitura. E é também possível a criação de uma casa-de-banho, esta com acesso pela entrada. O afastamento tem ainda como resultado o aumento da sala que, assim, se pode pensar como divisível, através de uma estrutura provisória ou de mobiliário, para criação de um terceiro quarto, um escritório ou outra divisão necessária. Por outro lado, este aumento permite recuar o elemento de fecho, criando-se um espaço exterior para a zona social.



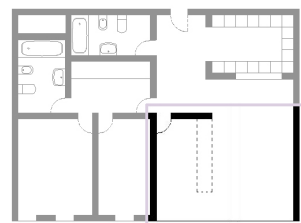
186



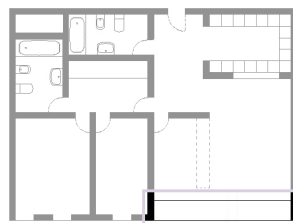
187



188

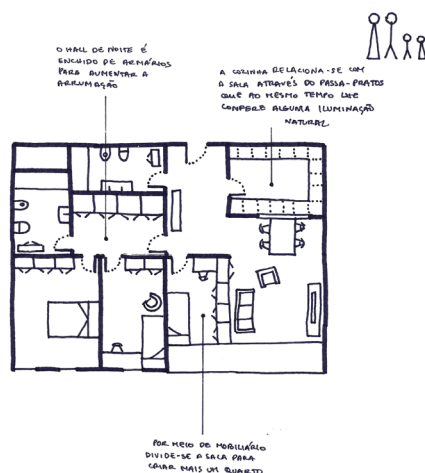


189

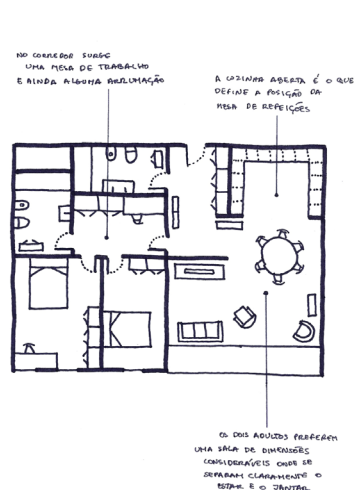


190

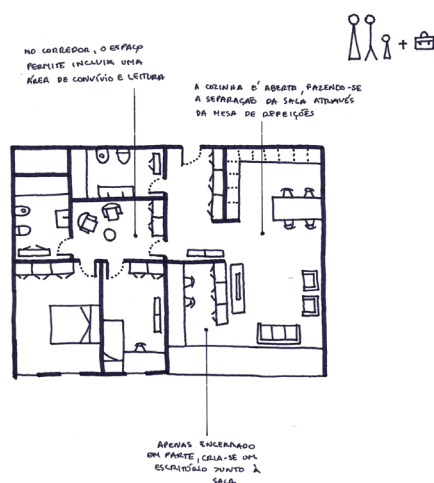
191



192



193



Quando escolheram esta casa, o casal tinha apenas um filho e, portanto, os dois quartos eram suficientes. Contudo, algum tempo depois tiveram um segundo filho, o que resultou na necessidade de fazer algumas alterações à casa. A sala, que antes se estendia ao longo de toda a varanda, encolheu, para conseguirem, através de um conjunto de armários, encerrar parte do espaço e fazer mais um quarto.

Por outro lado, os seus vizinhos são dois irmãos que decidiram dividir as despesas para alugar uma casa. A rapariga estuda Belas Artes e por isso aproveitou a dimensão do corredor para conseguir uma zona onde pudesse trabalhar e, ao mesmo tempo, guardar todos os seus materiais. Porque gostam de ter sempre a casa cheia, abriram a cozinha para aumentar ainda mais e aproximar os espaços

Em frente, o casal com uma filha pequena preferiu que a sua sala fosse mais pequena para conseguir ter um escritório, já que muitas vezes precisam de trabalhar a partir de casa. Para que não ficasse tudo muito 'apertado', optaram por abrir a cozinha, fazendo a separação entre esta e a sala através da mesa de refeições. Assim, a zona de estar distribui-se pacificamente junto à janela.

6.

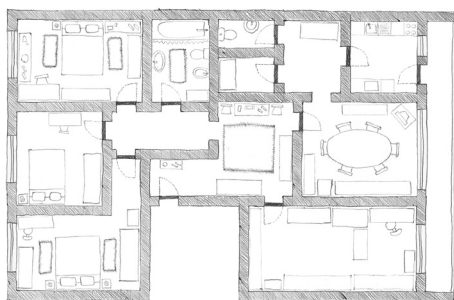
objetos que falam pela casa

Todo o trabalho teve o seu maior desenvolvimento a partir da relação entre os espaços e as pessoas. Ainda que fosse esse o principal objetivo, no sentido em que procuramos perceber mais aprofundadamente essa relação para, depois, melhor fazer corresponder o desenho da casa às necessidades dos habitantes, não esquecemos a referência feita inicialmente de que também os objetos têm participação ativa e influenciam tanto os espaços como os habitantes.

Na forma de pequeno apontamento, deixando em aberto uma possível reflexão mais profunda do tema, é agora introduzida essa relação, através de casas onde, mais do que os espaços, são os objetos que falam por si e pelas pessoas que as habitam. Esses objetos, incluindo o mobiliário, definem a casa, os seus espaços e o uso que se lhes dá, ao mesmo tempo que deixam transparecer a personalidade e a história dos seus habitantes. Por esse motivo, é o transporte dos ‘nossos’ objetos e dos ‘nossos’ móveis num momento de mudança que reduz impacto dessa, uma vez que *na nova casa, ao implantar os móveis e objetos que levamos connosco, os espaços acabam por assimilar-se aos da casa antiga*²²².

Assim, e para não deixar de parte essa ideia ou, mais ainda, para melhor a conseguir comprovar, retomamos, agora, ‘as minhas casas’, voltando às visitas do segundo capítulo. Neste caso, entramos em duas casas novas, a *Casa da Amiga Mé* e a *Casa da Avó Dete*, exemplos nos quais os objetos adquirem lugar protagonista, quer por serem a característica mais marcante da casa, quer pela sua influência na perceção dos espaços.

²²² Montey's et al., *Rehabitar*, 361.



194

OBJETOS CASA DA AMIGA MÉ



195



196



197

Na *Casa da Amiga Mé* há móveis encostados em todas as paredes e todos estão repletos de livros e outros objetos. Quando penso nesta casa, é mais fácil lembrar as estantes, o aparador, as secretárias, os baús ou a mesa do que a dimensão concreta dos espaços.

A sua forma é muito simples, com várias divisões de dimensões aproximadas. Entra-se por um recanto que depois abre para um espaço quadrado. Aí, três portas dão acesso à sala e ao corredor, uma para cada lado, e à sala de estudo. Entrando na sala é possível chegar depois a um pequeno núcleo de serviços com a cozinha, uma casa de banho pequena e uma despensa. A partir do corredor acede-se à casa de banho maior e aos três quartos.

Depois, com os objetos, esta descrição parece transformar-se: logo após passar a porta da entrada há uma pequena mesa baixa. Do outro lado, um cabide onde se guardam todos os casacos, junto ao qual surge uma estante alta com portas de vidro, que deixam ver os inúmeros livros que a preenchem. À sua frente,

na parede oposta, duas cadeiras ladeiam um grande baú, onde pousa um relógio e vários outros objetos. Entre as portas da sala e da sala de estudo há ainda uma espécie de banco onde ninguém se senta, visto que aí descansam vários livros, malas e casacos.

A sala de estudo é um espaço estreito e alongado, com uma das suas paredes forrada de estantes para livros, dossiers, papéis, materiais para trabalhos manuais, etc. Do outro lado alinham-se três secretárias (uma delas colocada transversalmente ao espaço) com os computadores, impressora e mais livros, e também uma outra estante alta. Na parede do fundo, debaixo da janela, há ainda lugar para uns módulos de gavetas que escondem material de escritório variado.

Na sala, a mesa rodeada de cadeiras é o elemento central, ocupando praticamente todo o espaço. De cada um dos seus lados surgem um louceiro e um aparador, este com o móvel da televisão ao lado, em posição diagonal. Junto à porta existe um outro banco-baú de madeira, mais uma vez repleto de 'coisas'. Pelos restantes espaços livres, junto das paredes, espalham-se os mais variados brinquedos.

Passando para a zona de serviços, há um pequeno *hall* com a máquina de lavar a roupa e vários móveis de apoio. É também aqui que, muitas vezes, se põe a roupa a secar. Na cozinha, há armários corridos de ambos os lados da porta, em cima e em baixo. Ao fundo,

surge uma porta que leva à varanda, um lugar que ocupa toda a extensão da fachada virada às traseiras do edifício, e repleto de diversos vasos com plantas e flores.

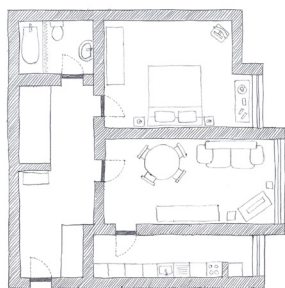
No corredor há espaço para colocar uma pequena mesa baixa onde se dispõe várias molduras e fotografias. Chegando aos quartos, todos têm uma cama de casal ao centro e, depois, uma variedade de cómodas, guarda-roupas, camiseiros, toucadores, preenchendo todo o perímetro das divisões.

Percorrendo cada divisão com atenção, especialmente nas zonas comuns, é possível ler a história da família, as suas crenças e valores, as viagens que fizeram e os lugares que visitaram, os seus gostos e interesses. Além disso, os diversos objetos deixam transparecer uma casa habitada por várias gerações, integrando, de forma muito própria, um percurso que se faz desde a infância até à velhice.

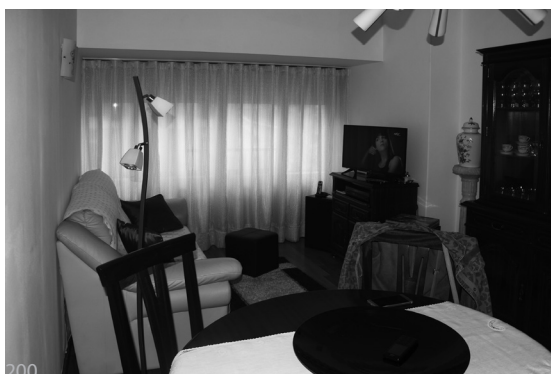
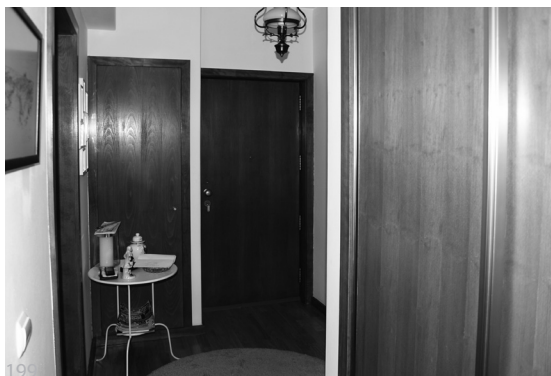
Desta forma, a *Casa da Amiga Mé* revela bem como *o relato do conjunto de móveis e objetos que contém [as] casas é demasiado rico para reduzi-lo ao termo 'mobiladas' - descrever estes elementos é como descrever o carácter da casa e, ainda mais, os rasgos dos seus proprietários*²²³.

²²³ Monteys e Fuertes, *Casa Collage*, 16.

198



MUDANÇAS CASA DA AVÓ DETE



A Avó Dete morou na mesma casa desde sempre (pelo menos de acordo com todas as histórias que vou ouvindo a Mãe contar). Nessa, entrava-se para um *hall* quadrado com três portas. Do lado esquerdo, abria-se a sala, com o grande louceiro antigo, a mesa redonda com cadeiras altas e, ao fundo, o sofá e o móvel da televisão. Em frente, uma porta dava para um pequeno corredor de três passos, com um outro acesso à sala, uma despensa e a ligação à cozinha. A terceira porta dava acesso à zona dos quartos, um pequeno hall por onde se acedia à casa-de-banho, ao quarto pequeno e ao quarto do casal, com o conjunto da cama, guarda-roupa e cómoda de madeira escura. Tanto do lado da cozinha, como do lado da sala havia duas varandas, por opção, encerradas em marquise.

Recentemente, e porque chegar ao terceiro andar de um edifício sem elevador se tornou difícil, surgiu a necessidade da mudança. Numa primeira tentativa, os Avós encontraram uma outra casa, desta vez num rés-do-chão, para

onde facilmente conseguiram transportar todos os seus pertences, devido à maior dimensão dos espaços. Contudo, esta casa acabou por não conseguir responder às suas necessidades, já que ficava longe de todos os lugares que tinham frequentado até então e que, portanto, lhes eram familiares.

Assim, decidiram-se por uma nova mudança, de volta à sua ‘zona de conforto’, tendo encontrado uma pequena casa num edifício muito próximo do primeiro. Desta vez, a mudança foi bem mais complicada, já que alguns móveis tiveram de ficar pelo caminho: esta nova casa, mais pequena do que as anteriores, não tinha capacidade para acolher tudo aquilo que antes coubera nos espaços. Apesar disso, os objetos mais importantes mantiveram-se, o que permitiu a esta casa, além de retomar a familiaridade envolvente, manter o acolhimento da primeira.

Agora, entra-se para um espaço muito pequeno que logo se desdobra em corredor. A sala surge na primeira porta e, aí, a mesma mesa redonda, o mesmo grande louceiro antigo e o mesmo sofá, ainda que numa ordem diferente, fazem com que esta pareça a mesma sala da primeira casa. Ainda na sala, à direita, fica a porta da cozinha, um espaço comprido com balcão corrido só de um dos lados, motivo pelo qual foi necessário trazer um novo móvel de apoio para guardar todas as louças que vieram da casa antiga. De volta ao corredor, ao fundo

fica a casa-de-banho e, para a direita, o quarto, com o mesmo conjunto de cama, guarda-roupa e cómoda de madeira escura.

Esta mudança da Avó Dete evidenciou, assim, duas questões muito relevantes numa casa. Em primeiro lugar, a importância da localização: especialmente quando se tem mais idade, estar próximo dos locais de frequência habitual, como o supermercado, a lavandaria ou o cabeleireiro, é quase tão importante para a vivência da casa como o espaço em si. Em segundo lugar, a forma como, em grande parte, são os objetos que ‘fazem’ a ‘nossa’ casa e o seu transporte permite transformar os novos espaços de modo a que eles se assemelhem aos antigos. Assim, *a nova casa pode mostrar-nos obstinadamente que nada mudou ao dispor os móveis e objetos do mesmo modo que na casa de partida*²²⁴. E mais ainda quando se muda dentro da mesma zona.

²²⁴ Montey's et al., *Rehabitar*, 363.

a casa ideal tem que permitir
a continuação da vida

Alexandre Alves Costa, *Os Verdes Anos*, entrevista TVI24, 22/12/2016

Considerações finais

Para esta dissertação, dada a sua formulação e desenvolvimento, não nos parece possível escrever uma conclusão efetiva que defina um ponto de vista marcado ou uma resolução objetiva do problema ao qual tentámos dar resposta.

Por um lado, podemos dizer que o trabalho é, por si só, reflexivo, uma vez que a maioria dos textos não só tem um carácter de análise e descrição, como também evidencia um pensamento que se foi construindo sobre aquele conteúdo estudado, pelo que as ideias e sugestões de dimensão mais teórica se foram apresentando natural e, às vezes até, implicitamente, em cenários apresentados ou desenhos elaborados. Por outro lado, o próprio conteúdo sobre a casa e o seu habitar não permite uma conclusão única e direta, sendo mesmo essa a tese defendida.

De facto, o problema em questão não tem uma, mas sim múltiplas soluções. Se formularmos o título desta dissertação como uma pergunta - o que faz da casa uma casa? -, a resposta que se apresenta de imediato é, sem surpresa ou dúvida, ‘os espaços, as pessoas e os objetos’, como afirmado desde o primeiro momento. O arquiteto desenha o espaço, ou conjunto de espaços, que depois, mais do que serem o lugar do habitar, constituem o lar, o cenário da vida privada de uma família e, portanto, ganhando vida através da ocupação e do preenchimento. *Assim sendo, essa dimensão física é agente ativo na construção do cada dia de nossas casas, de nossas vidas e das formas de narrá-las. Portanto, a arquitetura, ou a casa, não é um cenário passivo que assiste ao desenrolar das nossas vidas e o enquadra, mas é co-autora de todas as possíveis experiências vivíveis e narráveis*²²⁵.

Assim, procurámos antes identificar diversas perspetivas de como as casas se adaptam às pessoas e as pessoas se adaptam às casas. Apercebemo-nos, porém, de que atualmente, de alguma forma, é mais frequente a segunda premissa, isto é, a predominância de um modo de desenhar e organizar a casa impele a que, muitas vezes, sejam os habitantes a ter de procurar formas de

²²⁵ Leitão e Amorim, *A Casa Nossa de Cada Dia*, 89.



202

Figura 202 | Esquema inicial 1 de definição do âmbito do trabalho (versão adaptada)

fazer a sua casa resultar o mais possível para corresponder às suas necessidades e desejos. O que observamos, hoje, é *uma confiança cega na repetição inata de modelos já esgotados mas que continuam a ser origem e fundamento do projeto residencial atual. Modelos que, porém, já não parecem poder corresponder às mudanças que se intuem na paisagem contemporânea (...)*²²⁶.

Ainda que reconheçamos, nos projetos contemporâneos, indícios de algum afastamento desses ‘modelos convencionais’, com desenhos mais ou menos abrangentes e flexíveis, parecemos que continua a ser *necessário trabalhar sobre a distribuição para propor espaços mais adaptados a novas formas de grupos domésticos (...), a modos de interação entre as pessoas que estão em evolução. Há que refletir também, para adaptar a vivenda aos ritmos atuais da vida quotidiana, sobre formas de lazer, de trabalhar e de consumo em mutação*²²⁷.

E é neste contexto que consideramos enquadrar-se o contributo desta dissertação. Encontradas e caracterizadas as novas formas de habitar, que aliás parecem ser já demasiado frequentes para uma designação que lhes atribui um sentido de novidade, e sem esquecer que, apesar da constante e progressiva diversificação das mesmas nos últimos anos, as famílias nucleares, aquelas que são compostas por um casal com um ou mais filhos, continuam a ser a tipologia predominante²²⁸, procuramos apresentar um conjunto de estratégias para repensar a estruturação da casa, a partir de soluções simples e acessíveis, porque se concretizam com base nos elementos básicos de composição da casa.

Com efeito, é no último capítulo que mais diretamente se concretiza a procura de uma ‘adaptação do espaço da casa às formas de habitar contemporâneas’. Aí, aliámos uma síntese de opções relacionadas com os sete temas distintos (dimensão dos espaços; espaço de entrada; zonas de dia e de noite; zonas de serviço; portas; espaço exterior; divisão a mais) a algumas hipóteses para a sua aplicação. Em primeiro lugar, essa síntese pôs em evidência a concretização corrente da formulação e distribuição dos espaços da casa e as formas como diferentes famílias os interpretam e apropriam, logo apresentando de que modo cada um desses contribui ou pode contribuir para aumentar não só a flexibilidade e a versatilidade, mas também a qualidade geral da casa. Em segundo lugar, a aplicação das diversas sugestões, que resultaram da interseção entre ‘as minhas casas’ e ‘as casas de hoje’, permitiu introduzir novas opções e ideias no processo de criação e desenho da casa.

Desta forma, conseguimos propor novas formas de pensar para novas formas de habitar. E, assim, reconhecemos o papel essencial do arquiteto na produção das estruturas que são a base do habitar, bem como a urgência da necessidade de modificar e atualizar continuamente as estratégias

²²⁶ Manuel Gausa, “Sistemas abiertos: nuevas interpretaciones del hábitat” in *Nuevos Modos de Habitar*, Melgarejo, 273. | ²²⁷ Eleb, “Modos de vida emergentes y hábitat”, 46. | ²²⁸ Pereira, *Casa e Mudança Social*, 27.

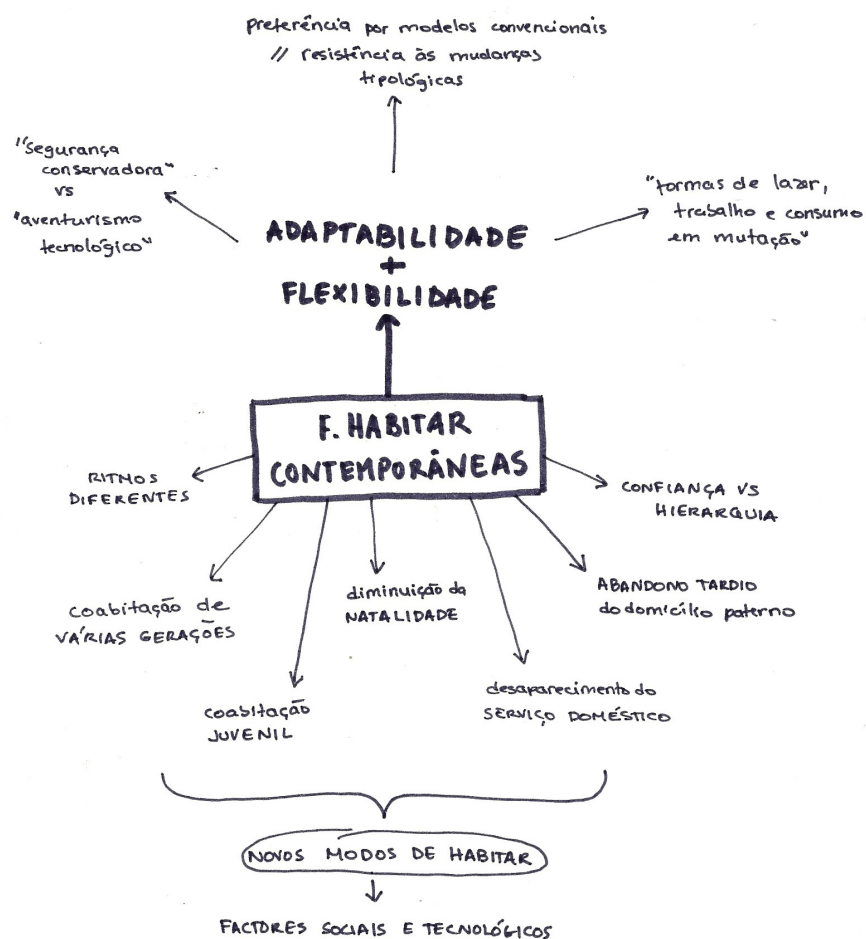


Figura 203 | Esquema inicial 2 de definição do âmbito do trabalho (versão adaptada)

inerentes a essa produção, para que consigam acompanhar uma sociedade em constante mutação.

Ao mesmo tempo, revela-se essencial encontrar um equilíbrio entre o que são o pensamento e a criação arquitetônica e a experiência pessoal intrínseca à casa. *Dar-lhe um sentido, encontrar realmente as sequências e ordens que nos importam, extrair uma ordem da confusão e uma força da riqueza é o objeto fundamental dos processos de descobrimento e classificação que manipulam tudo aquilo que chamamos aqui desenhar uma planta*²²⁹.

Eventualmente integrando propostas de desenho alternativas, esta dissertação, que se concretiza numa dinâmica algo aberta, pode constituir, porventura, a base para outros estudos, por exemplo, mais centrados em cada um dos temas que aborda. Os vários ‘modelos’ apresentados, que aqui surgem na forma de quase apontamentos, já que se procurou uma maior abrangência das várias direções que o projeto da casa pode tomar, são passíveis de ser aprofundados, encontrando-se mais opções e métodos, formas e resoluções, sempre no sentido de construir casas fundadas a partir da flexibilidade e da adaptabilidade e, portanto, cada vez mais direcionadas para a família. Qualquer que seja a sua composição.

Afinal, é fundamental não perder de vista que *a arquitetura, o nosso trabalho, se faz para pessoas (...) para servir a pessoa, de uma forma física (...) mas também emocionalmente*²³⁰. E é na casa que podemos encontrar o maior expoente desta visão da arquitetura.

²²⁹ Moore, Allen, e Lyndon, *La Casa*, 213. | ²³⁰ José Carlos Loureiro, “A Nossa Casa”, *A Casa de Quem Faz as Casas*, TVI24, 25 de fevereiro, 2017.

Índice de Referências

BIBLIOGRAFIA

Ábalos, Iñaki. *A Boa-Vida: visita guiada às casas da modernidade*. Traduzido por Alícia Duarte Penna. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2003.

Alcalá, Luis Cortés. *La Cuestión Residencial: bases para una sociología del habitar*. Madrid: Editoral Fundamentos, 1995.

Alexander, Christopher, Sara Ishiawa, e Murray Silverstein. *Un Language de Patrones: ciudades, edificios, construcciones*. Traduzido por Justo G. Beramendi. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980.

Alfano, Nino. *Breve Storia della Casa*. Roma: Gangemi Editore, s.d.

Aris, Carlos Marti, ed. *Las Formas de la Residencia en la Ciudad Moderna*. Barcelona: Ediciones de la Universidad Politécnica de Catalunya, SL, 2000.

Bachelard, Gaston. *A Poética do Espaço*. Traduzido por António de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Blunt, Alyson, e Robert Dowling. *Home*. Londres: Routledge, 2006.

Bollnow, O. Friedrich. *Hombre y Espacio*. Traduzido por Jaime López de Asian y Martín. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1969.

Brandão, Ludmila de Lima. *A Casa Subjetiva: matérias, afetos e espaços domésticos*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

Bush, Akiko. *Geography of Home: writings on where we live*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1999.

Cabrita, António M. Reis. *O Homem e a Casa: definição individual e social da qualidade da habitação*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1995.

Carreiro, Maria, e Alfonso Diaz. *Los Espacios Cotidianos: la casa y el lugar*. Corunha: Maria Carreiro, 2006.

Comoldi, Adriano. *L'Architettura della Casa*. Roma: Officina Edizioni, 1998.

Cueco, Jorge Torres, ed. *Casa por Casa: reflexiones sobre el habitar*. Valência: General de Ediciones de Arquitectura, 2009.

Eco, Umberto. *Como Se Faz Uma Tese em Ciências Humanas*. Traduzido por Ana Falcão Bastos e Luís Leitão. Lisboa: Editorial Presença, 2007.

Elíade, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 1985.

Friedman, Avi. *The Adaptable Housing: designing homes for change*. Nova Iorque,: McGraw Hill, 2002.

Habraken, N. J. *The Structure of the Ordinary: form and control in the built environment*. Cambridge: The MIT Press, 1998.

Hertzberger, Herman. *Lições de Arquitectura*. Traduzido por Carlos Eduardo Lima Macedo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Lane, Barbara Miller, ed. *Housing and Dwelling: perspectives on modern domestic architecture*. Londres: Routledge, 2007.

Le Corbusier. *Conversa com Estudantes de Arquitectura*. Traduzido por António Gonçalves. Lisboa: Edições Cotovia, 2003.

Lefas, Pavlos. *Dwelling and Architecture: from Heidegger to Koolhaas*. Berlim: Jovis Verlag GmbH, 2009.

Leitão, Lúcia, e Luiz Amorim, eds. *A Casa Nossa de Cada Dia*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2007.

Leupen, Bernard, e Herald Mooij. *Housing Design: a manual*. Roterdão: Nai Publishers, 2011.

Lléo, Blanca. *Sueño de Habitar*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos, 1998.

Lléo, Blanca. *Sueño de Habitar*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2005.

Melgarejo, María, ed. *Nuevos Modos de Habitar = New Ways of Housing*. Traduzido por María Boquera, Sergio Barcellona, Claude Engle, Stefan Koza, Hector Morris, Esmeralda Martínez. Valência: COACV, 1996.

Miguel, Jorge Marão Carnielo. *A Casa*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

Milano, Maria, ed. *Do Habitar*. Matosinhos: Edições ESAD, 2005.

Monteys, Xavier, e Pere Fuertes. *Casa Collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

Monteys, Xavier, Magda Maria, Pere Fuertes, Anna Puigjaner, Roger Sauquet, Carles Marcos, Eduard Callís, e Carlos Fdez. Rovira. *Rehabitar: en nueve episodios*. Madrid: Lampreave, 2012.

Moore, Charles, e Gerald Allen. *Dimensiones de la Arquitectura: espacio, forma y escala*. Traduzido por Pilar Bonet e Esteve Riambau i Sauri. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1978.

Moore, Charles, Gerald Allen, e Donlyn Lyndon. *La Casa: forma y diseño*. Traduzido por Justo G. Beramendi. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1985.

Norberg-Schulz, Christian. *Existencia, Espacio y Arquitectura*. Traduzido por Adrian Margarit. Barcelona: Editorial Blume, 1975.

Norberg-Schulz, Christian. *L'Abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa*. Traduzido por Anna Maria De Dominicis. Milão: Electa Editrice, 1984.

Pereira, José Ramón Alonso, *Introducción a la Historia de la Arquitectura: de los orígenes al siglo XXI*. Barcelona: Editorial Reverté, 2005.

Pereira, Sandra Marques. *Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir da casa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012.

Ramalhete, Filipa, e Ricardo Carvalho, eds. *Habitar Pensar Investigar Fazer*. Lisboa: EDIUAL, 2011/2012.

Rapoport, Amos. *House Form and Culture*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., 1969.

Rodrigues, Sérgio Fazenda. *A Casa dos Sentidos: crónicas da arquitectura*. s.l.: Arqcoop, 2009.

Rossi, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Traduzido por Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Schneider, Tatjana, e Jeremy Till. *Flexible Housing*. Londres: Architectural Press, 2007.

Schoenauer, Norbert. *6000 Años de Hábitat*. Traduzido por Josefina Frontado. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1981.

Spechtenhauser, Kalus, ed. *The Kitchen*. Basielia: Birkhauser, 2006.

Sudjic, Deyan, e Tulga Beyerle. *Home: the twentieth-century house*. Londres: Laurence King Publishing, 1999.

Summerson, Sir John. *Heavenly Mansions (and other essays on architecture)*. Londres: Cresset Press, 1949.

Taut, Bruno. *Una Casa para Habitar*. Navarra: T6 Ediciones, 2015.

Tessenow, Heinrich. *La Costruzione della Casa*. Traduzido por Manuel Garcia Roig. Milão: Edizioni Unicopli Srl, 1999.

Vitrúvio. *Tratado de Architectura*. Traduzido por M. Justino Maciel. Lisboa: IST Press, 2006.

Weston, Richard. *A Casa do Século XX*. Traduzido por Helena Sancho. Lisboa: Editorial Blau, 2002.

Zabalbeascoa, Anatxu. *La Casa del Arquitecto*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1995.

Zabalbeascoa, Anatxu. *Tudo Sobre a Casa*. Traduzido por Maria Alzira Brum Lemos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2013.

DISSERTAÇÕES

Carneiro, Rita Plácido. “Casa Dentro de Casa - a essência, a alma e o refúgio”. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2014.

Fernandes, Ana Catarina Silva. “A Varanda - sobre o seu valor no programa da casa”. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2016.

Gaspar, João Carlos Almeida. “O Que Faz Uma Casa? - notas sobre a arte de habitar”. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2013.

Neves, Anaís André das. “[Re]Pensar a Casa - procura da adaptabilidade no interior doméstico”. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, 2013.

Ribeiro, Margarida Botelho. “Projetar para o Presente e Futuro - os conceitos de adaptabilidade e flexibilidade na habitação plurifamiliar”. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2012.

Rodrigues, Susana Cristina Caleiro. “Ignis Elementatus - o fogo como centro e símbolo da casa”. Dissertação de Mestrado, Escola de Artes, Departamento de Arquitetura, Universidade de Évora, 2015.

Travasso, Catarina Aguiar de França Dória e. “Para a Construção de uma Ideia de Casa - espaços de emoção, afeto e acção”. Prova Final para a conclusão da Licenciatura em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2006.

ARTIGOS

Crawford, Allen. “W. A. S. Benson, Machinery, and the Arts and Crafts Movement in Britain”. *The Journal of Decorative and Propaganda Arts* 24 (2002): 94-117.

Rabeneck, Andrew, David Sheppard, e Peter Town. “Housing Flexibility?”. *Architectural Design* 43 (1973): 698-727.

CONFERÊNCIAS E ENTREVISTAS

Aires Mateus, Manuel. “A Casa que Nunca Acaba”. *A Casa de Quem Faz as Casas*, TVI24, 11 de março, 2017.

Gropius, Walter. “Die Wohnung fur das Existenzminimum”. Conferência proferida no 2º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, Frankfurt, 1929.

Loureiro, José Carlos. “A Nossa Casa”. *A Casa de Quem Faz as Casas*, TVI24, 25 de fevereiro, 2017.

WEBGRAFIA

“Catóptrico Sueño de Habitar”, consultado pela última vez a 31/08/2016, etsa.us.es/.../Catoptrico%20130%20Sueño%20de%20Habitar.pdf.

“Fondation Le Corbusier”, consultado pela última vez a 31/08/016, <http://www.fondationlecorbusier.fr/>.

“Gordon Matta-Clark: Converting the City’s Decay into Critical Works of Art”, consultado pela última vez a 02/09/2016, <http://citybreaths.com/post/22646876099/gordon-matta-clark-converting-the-citys-decay-into-works>.

“Mies van der Rohe: The Built Work”, consultado pela última vez a 01/09/2016, <https://books.google.pt/books?id=MOvoBQAAQBAJ&pg>.

“Sensory Design”, consultado pela última vez a 31/08/2016, https://books.google.pt/books?id=LU__aMJhe08C&pg.

“Weissenhofsiedlung”, consultado pela última vez a 31/08/2016, <http://www.weissenhof2002.de/english/weissenhof.html>.

Índice de figuras

Figura 1 | <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/e3/ca/c6/e3cac635da153b6bd41a963acd73ca7f.jpg>. Consultado pela última vez a 12/05/2017.

Figura 2 | Robert Doisneau / Rapho. In *Casa Collage*, Monteys e Fuertes, 149.

Figura 3 | Ochs-Walde; gta Archives / Swiss Federal Institute of Technology (ETH), Zurich. In *The Kitchen*, Spechtenhauser, 137.

Figura 4 | Atelier Halpern; Rolf Schroeter. In *The Kitchen*, Spechtenhauser, 104.

Figura 5 | Ochs-Walde; gta Archives / Swiss Federal Institute of Technology (ETH), Zurich. In *The Kitchen*, Spechtenhauser, 137.

Figura 6 | Julius Blum GmbH, Höchst (Áustria). In *The Kitchen*, Spechtenhauser, 117.

Figura 7 | Xavier Monteys. In *Casa Collage*, Monteys e Fuertes, 17.

Figura 8 | http://media.kunst-fuer-alle.de/img/41/m/41_00311993.jpg. Consultado pela última vez a 11/05/2017.

Figura 9 | <http://www.101bananas.com/art/hopper4.3.jpg>. Consultado pela última vez a 11/05/2017.

Figura 10 | https://dg19s6hp6ufoh.cloudfront.net/pictures/612897750/large/hopper-_a_woman_in_the_sun1360820008713.jpeg?1453185118. Consultado pela última vez a 11/05/2017

Figura 11 | www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746. Consultado pela última vez a 11/05/2017.

Figura 12 | www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746. Consultado pela última vez a 11/05/2017.

Figura 13 | Silvia T. Colmenero. In *Casa Collage*, Monteys e Fuertes, 59.

Figura 14 | <https://tr3sreinos.files.wordpress.com/2015/02/joana-rego-voltar-a-casa-commo-se-fosse-a-primeira-vez.jpg>. Consultado pela última vez a 11/05/2017.

Figura 15 | alexandrepomar.typepad.com/.a/6a00d8341d53ef00e553f46abe8834-500wi.

Consultado pela última vez a 12/05/2017.

Figura 16 | Museu do Prado, Madrid. In *Rehabitar*, Monteys et al., 32.

Figura 17 | Martí Català. In *Casa Collage*, Monteys e Fuertes, 27.

Figura 18 | Fundação Rafty. In *Rehabitar*, Monteys et al., 32.

Figura 19 | Verner Panton. In *Casa Collage*, Monteys e Fuertes, 119.

Figura 34 | TVE. In *Pisos piloto = Model Apartments; células domésticas experimentais = experiment domestic cells*, Galfetti, 11.

Figura 35 | <http://designspiration.net/image/377041739158/>. Consultado pela última vez a 11/05/2017.

Figura 36 | *The Heroic Period of Modern Architecture*, Alison e Peter Smithson. In *Sueño de Habitar*, Lléo, 43.

Figura 37 | Museu de Arte Moderna, Nova Iorque / Scala, Florença, 2005. In *Sueño de Habitar*, Lléo, 52.

Figura 38 | Frank den Ouden & Associates. In *A Casa do Século XX*, Weston, 73.

Figura 39 | Arcaid. In *A Casa do Século XX*, Weston, 190.

Figura 40 | Gordon Matta-Clark, VEGAP, Barcelona, 2005. In *Sueño de Habitar*, Lléo, 150

Figura 41 | Richard Hamilton, VEGAP, Barcelona, 2005. In *Sueño de Habitar*, Lléo, 201.

Figura 42 | Peter Smithson. In *Casa Collage*, Monteys e Fuertes, 121.

Figura 43 | Alison e Peter Smithson. In *Sueño de Habitar*, Lléo, 202.

Figura 44 | “The room, the street and human agreement”, *ALA Journal* 56 (1971). In *Rehabitar*, Monteys et al., 31.

Figura 102 | Snaidero, Majano (Itália); Julius Blum GmbH, Hochst (Áustria). In *The Kitchen*, Spechtenhauser, 47.

Figura 103 | Snaidero, Majano (Itália); Julius Blum GmbH, Hochst (Áustria). In *The Kitchen*, Spechtenhauser, 47.

Figura 104 | Berta Fábrega. In *Rehabitar*, Monteys et al., 261.

Figura 105 | In *Casa Collage*, Monteys e Fuertes, 53.

Figura 115 | Éditiona Hazan et Archives d'Architecture Moderne (coleção particular, Suíça). In *Casa Collage*, Monteys e Fuertes, 77.

Figura 116 | Gloria Moure, *Marcel Duchamp* (Barcelona: Polígrafa, 2009). In *Rehabitar*, Monteys e Fuertes, 210.

Figura 117 | https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2b/F%C3%A9lix_Vallotton%2C_1903_-_Int%C3%A9rieur_avec_femme_en_rouge_de_dos.jpg. Consultado pela

última vez a 11/05/2017.

Figura 118 | In *Arte de Projetar em Arquitetura*, Neufert, 116

Figura 121 | Campanha do “Ayuntamiento de Barcelona”. In *Rehabitar*, Monteys et al., 280

Figura 122 | Museu de Arquitetura Finlandesa (Helsínquia). In *Casa Collage*, Monteys e Fuertes, 137.

Figura 123 | <https://www.flickr.com/photos/ivomathieugaston/5065431126/>. Consultado pela última vez a 12/05/2017.

Figura 155 | Paris: Livre de Poche, 1978. In *Rehabitar*, Monteys et al., 62.

Figura 20, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 194, 198 | Desenho de memória.

Figura 21, 23, 25, 195, 196, 197, 199, 200, 201 | Fotografia da autora.

Figura 22, 24, 26 | Fotografia do arquivo familiar.

Figura 45, 46, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 67, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 120, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 178, 186 | Desenho/Esquema da autora, a partir de *Next*, Aurora Fernández Per e Javier Arpa (Vitoria-Gasteiz: a+t architecture publishers, 2010), 48-55 (F06), 70-77 (F02), 78-85 (F12), 106-117 (F07), 146-153 (F03), 154-163 (F05), 164-171 (F04), 188-195 (F01), 196-207 (F13), 208-217 (F11), 266-281 (F09), 282-295 (F10).

Figura 47, 48, 50, 51, 60, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 80, 81, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 124, 125, 126, 132, 142, 148, 153, 154, 170 | Desenho/Esquema da autora, a partir de *Density is Home*, Aurora Fernández Per, Javier Mozas, e Javier Arpa (Vitoria-Gasteiz: a+t architecture publishers, 2011), 94-101 (F08), 110-117 (F15), 210-219 (F14), 240-243 (F16), 292-297 (F17).

Figura 27, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 202, 203 | Desenho/Esquema da autora.

Anexo 1

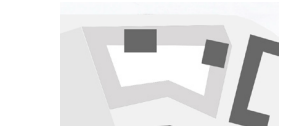








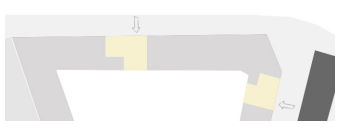







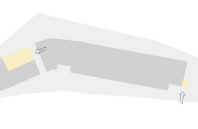
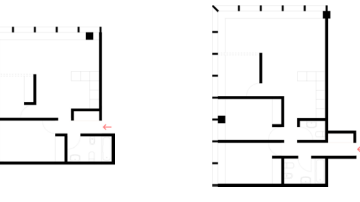
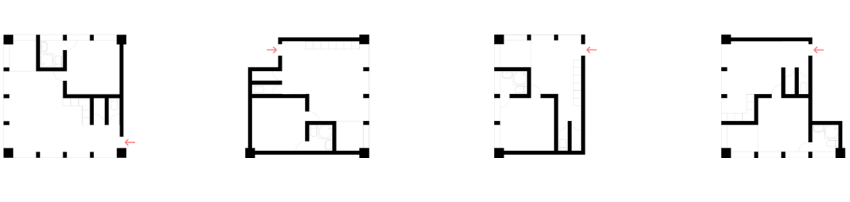
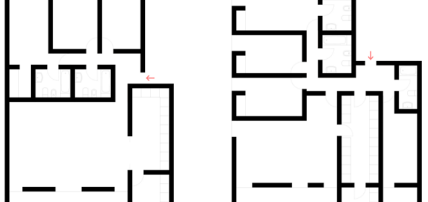
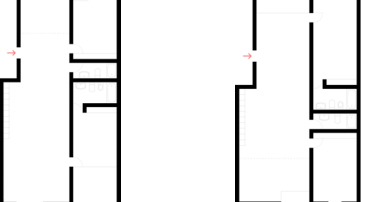
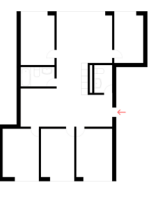
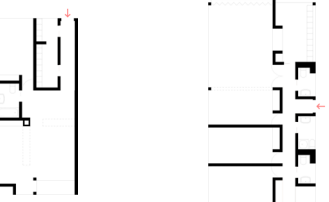
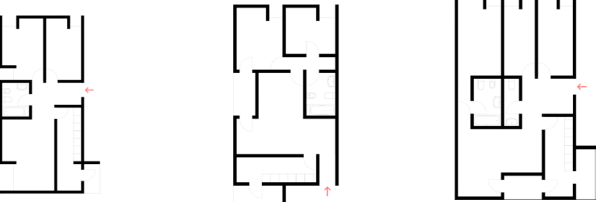
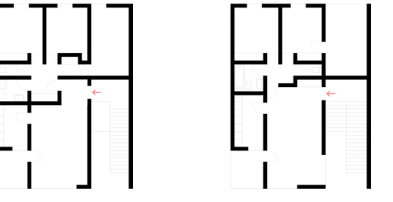
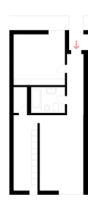














































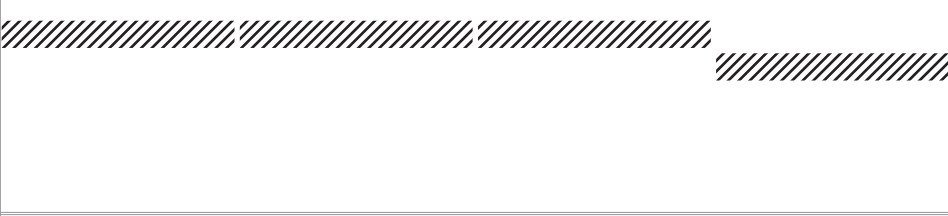
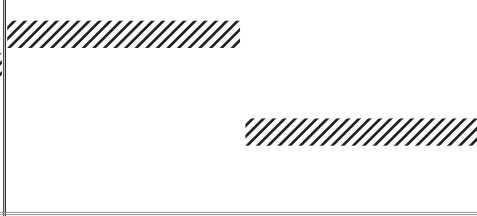
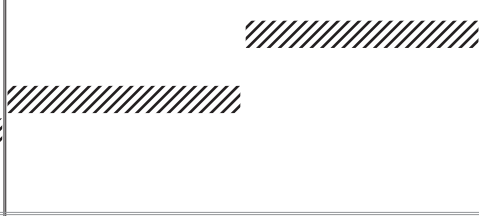
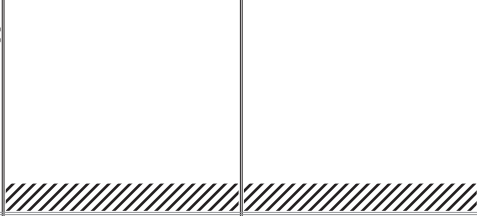
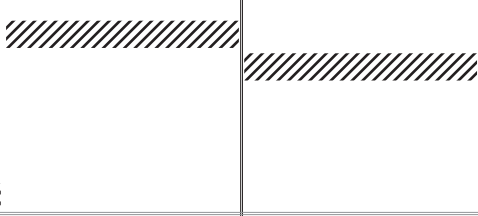
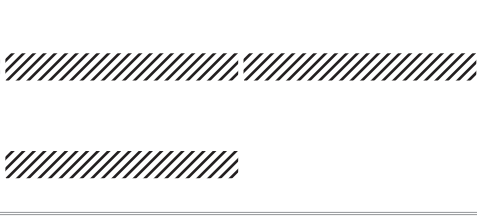
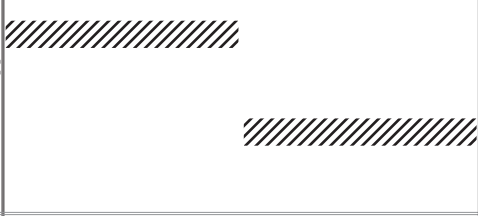

Tabela de apresentação das casas observadas no capítulo 2 - “As Minhas Casas”.

	MINHA TERCEIRA CASA	CASA DA TIA LENA	CASA DA AMIGA ANA	CASA DO AVÔ ZÉ	CASA DA TIA JOANA	CASA DE ERASMUS	CASA DO NAMORADO	CASA DA AMIGA MÉ	CASA DA AVÓ DETE
título		ENCADEAMENTO	O QUARTO DA EMPREGADA	O PASSAR DO TEMPO	UMA QUESTÃO DE GOSTO	(RE)APRENDER A HABITAR	COMO EM FAMÍLIA	OBJETOS	MUDANÇAS
planta									
orientação									
edifício									
legenda									
espaços									
notas	habitada por um casal com três filhas; o quarto central funciona como escritório; não tem espaço exterior privado; a sala tem duas portas, uma para a cozinha e outra para a entrada.	habitada por um casal com duas filhas; no interior, tem um encadeamento de espaços que define claramente a gradação de privacidade; tem um grande espaço exterior que relaciona cozinha, sala e quartos.	habitada por um casal com dois filhos; tem o 'quarto da empregada', que permite que cada filho tenha um quarto; a sala tem duas portas, uma para a cozinha e outra para a entrada;	habitada por uma pessoa (antes foi habitada por um casal com dois filhos e depois apenas pelo casal); tem um quartinho sem luz; a marquise que dá para o pátio relaciona cozinha, sala e quarto.	habitada por uma pessoa; não tem entrada definida, entra-se para a sala; ter um segundo quarto permite que esse adquira função de 'sala de yoga'.	habitada por três estudantes; não tem espaço de entrada, entra-se para o corredor de distribuição; não tem sala.	habitada por quatro estudantes; a sala é de atravessamento obrigatório para chegar aos quartos; a divisão junto da sala também funciona como quarto; não tem espaço exterior.	habitada por um casal com uma filha, mais a avó. tem uma divisão na zona de dia que é a sala de estudo; a sala é mais pequena do que o normal; a característica mais notória é a distribuição dos objetos.	habitada por um casal; a entrada é também o corredor de distribuição; à cozinha acede-se pela sala; a relevância surge no âmbito dos objetos, com as 'mudanças'.

Anexo 2

Tabela de apresentação das casas observadas no capítulo 4 - “As Casas de Hoje”.

	F01	F02	F03	F04	F05	F06	F07	F08
projeto	Brent Cross Cricklewood Housing Block	Herzberg Public Housing	Malaga Housing Block	Julia Tower	Transformation of the Coberco Factory	Social Housing in Colmenar	Pieter en Pauwel Housing and Public Facilities	Vilamarina Housing and Shopping Centre
arquiteto	Maccreanor Lavington	AllesWirdGut Arkitektur + feld 72	mecanoo architecten + dosmasuno arquitectos	vidalponsgaliana	Group A	dosmasuno arquitectos	Office dA	Battle i Roig
local	Reino Unido	Áustria	Espanha	Espanha	Holanda	Espanha	Bélgica	Espanha
data	2006	2007-2010	2007-2010	2007-2011	2007-2011	2008	2009	2009
descrição	O conjunto é composto por uma torre de tipologia uniforme e um bloco fechado com pátio central que contém apartamentos de um e dois pisos.	Este grupo de casas pretende oferecer serviços a diferentes estilos de vida e também uma área exterior generosa. Os cinco volumes que compõe a intervenção têm um último piso recuado, o que permite criar grandes terraços ao ar livre. As unidades têm jardins no piso térreo e varandas voltadas para a rua, ou galerias comuns noutros pisos. Onde foi possível, a circulação foi eliminada nas habitações e a dimensão das salas de estar foi minimizada. Assim, os quartos podem ser independentes do resto da casa.	Este projeto reinterpreta o conceito de um bloco fechado com pátio interior, ao 'partir' esse em vários pátios mais pequenos. Quanto à tipologia residencial, os regulamentos públicos impõe modelos muito convencionais e, por isso, impedem inovação, não resolvendo o problema da habitação para outros tipos de famílias ou estilos de vida.	Esta torre insere-se num complexo que inclui um bloco de instalações públicas, um centro desportivo e uma residência para idosos. A torre divide-se em três partes; cada comunidade horizontal tem um espaço maior comum, onde se organizam atividades comunitárias.	Este complexo localiza-se na fronteira entre o centro histórico e a zona industrial, pelo que a organização dos novos edifícios e o programa procuram inspirar novos desenvolvimentos urbanos. O novo bloco, concebido para contrastar com a arquitetura industrial à sua volta, permite a entrada de usos públicos dentro do bloco.	De forma a respeitar os elementos topográficos condicionantes, este projeto introduz uma exceção na paisagem ao criar uma manta de casas sobre a encosta. Deu-se especial ênfase à independência de cada unidade em relação às adjacentes, através da introdução de pátios que reduzem o contacto entre residentes nas zonas de dia.	Este edifício alinha-se com um bloco de habitação em linha. A praça principal desta cidade antiga tem à disposição uma grande variedade de usos. No interior do lote, os usos dividem-se em duas alas direcionadas ao interior do jardim existente, favorecendo ligações com as terras vizinhas. O piso térreo inclui um grupo de serviços comunitários e negócios voltados à rua e no interior a galeria, voltada ao jardim público. Os restantes pisos incluem habitação acessível.	Esta é uma unidade de alta-densidade e com alta-concentração de usos. É composto por uma base de três pisos, na qual surgem cinco pátios. Em cada um deles, há entradas para duas torres e pequeno comércio. Cada torre tem doze pisos, os dois primeiros, ligados, compõem-se de apartamentos duplex; os restantes contém três fogos cada um.
implantação								
acesso								
FOGO								
1 DIMENSÃO	aprox. dom. conj.							
2 ENTRADA	def. dist. hall dist. corr. sala							
3 DIA/NOITE	atrav. n. atrav. d. D atrav. d. l clara							
4 COZINHA	ind. único							
5 PORTA	uma + uma							
6 EXTERIOR	coz. sala ambas quarto ambos 2 ambos 1 não							
7 DIVISÃO A MAIS	ind. sala posição subdiv. não							

		F09	F10	F11	F12	F13	F14	F15	F16	F17
nome		Mixed-Use Low2No	Metacity Rotterdam	Toledo Housing Block	Warehouse Hybrids	Residential and Comercial Building Kalkebreite	19 Youth Housing	64 Social Housing Units	Social Housing Units and Music Studios	MD Housing
arquiteto		REX	OMA	Borja Peña	BIG + Topotek 1	Muller Sigrist Architekten	Pampols	Rueda Pizarro	Pablo Katz	VA Studio
local		Finlândia	Holanda	Espanha	Alemanha	Suíca	Espanha	Espanha	França	Portugal
data		2009	2009	2009-2011	2009-2013	2009-2014	2010	2010	2010	2010
descrição		<p>O projeto Low2No propõe estratificação vertical dos usos com duas torres residenciais e uma base de escritórios sobre um conjunto de funções urbanas. As duas torres residenciais com um total de 14000 metros quadrados vêm substituir a construção convencional em betão armado por uma estrutura de ferro.</p>	<p>Osistema modular proposto oferece alta eficiência e versatilidade tanto em construção como em programa. As células de igual tamanho podem ser adicionadas ou removidas da estrutura de acordo com as alterações das necessidades do edifício, para uso residencial ou de escritórios. A ideia é conseguir um planeamento urbano flexível que possa crescer sem limite tanto vertical como horizontalmente. Neste caso, o modelo é aplicado no centro de Roterdão como uma reação ‘sem forma’ à sequência abrupta de estilos arquitetónicos que encheram a cidade, reconstruída depois da Segunda Grande Guerra.</p>	<p>Esta proposta foi a vencedora de uma competição para desenvolver os quarteirões de um bairro de Toledo. O edifício formula-se como uma característica geográfica isolada na paisagem, sendo concebida como uma rocha altamente volumétrica, feita de planos não complanares.</p>	<p>Os 15 edifícios deste conjunto, adaptados à escala da envolvente, integram uma mistura de habitação, comércio e escritórios. Distribuem-se criando uma rede de espaços públicos integrados no contexto. A volumetria explora o exemplo dos armazéns tradicionais, originando uma forma que determina a variação tipológica das unidades residenciais.</p>	<p>O projeto baseia-se numa carruagem ao nível do solo, cuja cobertura tem uma praça pública, ligada à rua através de uma escadaria.</p>	<p>Este edifício é composto por 19 unidades em torno de um pátio interior, onde se inserem as circulações, a ventilação e a iluminação. O conjunto é composto por cinco tipos de casas, com um e dois pisos. O encaixe apertado na envolvente e o pátio central de pequenas dimensões são compensados por uma cobertura verde para uso comunitário e indefinido.</p>	<p>Este conjunto integra 53% da habitação social estipulada no planeamento da extensão urbana da cidade de Vallecas, regulamentos que procuram ainda trazer uniformidade ao programa e às tipologias. O terreno consiste numa zona quadrada integrada num quarteirão fechado partilhado com outros três projetos sem relação. O projeto é, assim, baseado na interpretação das diretrizes do plano, de forma a obter um volume arquitetural com identidade própria, motio pelo qual se criam algumas diferenças na volumetria.</p>	<p>O programa está distribuído entre quarto módulos de habitação separados por escadas exteriores e um quinto módulo diferente que inclui quatro estúdios de música. Esta fragmentação reduz o impacto da intervenção, numa envolvente de parcelas muito pequenas, ao mesmo tempo que permite ver o jardim interior a partir da rua.</p>	<p>O programa agrupa-se num volume compacto, libertando algum espaço do terreno para uso público. O edifício divide-se em duas partes, separadas por uma abertura.</p>
implantação										
acesso										
FOGO										
1 DIMENSÃO	aprox. dom. conj.									
2 ENTRADA	def. dist. hall dist. corr. sala									
3 DIA/NOITE	atrav. n. atrav. d. D atrav. d. I clara									
4 COZINHA	ind. único									
5 PORTA	uma + uma									
6 EXTERIOR	coz. sala ambas quarto ambos 2 ambos 1 não									
7 DIVISÃO A MAIS	ind. sala posição subdiv. não	